

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES E COMUNICAÇÕES**

MARCOS TADEU DO AMARAL

**CARTOGRAFIA CENOGRÁFICA:
Sessenta anos da cenografia teatral de **CYRO DEL NERO**.**

**SÃO PAULO
2019**

MARCOS TADEU DO AMARAL

CARTOGRAFIA CENOGRÁFICA:
Sessenta anos da cenografia teatral de CYRO DEL NERO.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Artes, Área de Concentração Artes Cênicas, Linha de Teoria do Teatro – História do Teatro, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Teatro, sob orientação da Prof. Dra. Elizabeth Ferreira Cardoso Ribeiro Azevedo.

SÃO PAULO
2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Nome: AMARAL, Marcos Tadeu do

Título: Cartografia Cenográfica: sessenta anos da cenografia teatral de
Cyro Del Nero.

Dissertação apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre em Teatro.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição:

Julgamento _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição:

Julgamento _____ Assinatura: _____

São Paulo, ____ de _____ de 2019.

“Porque o teatro é o último baluarte da liberdade, é no teatro que diz o que não se pode dizer. Então o teatro é insuportável. A história do teatro é isso, ele foi calado durante séculos, oito séculos em bizâncio; durante o período elisabetano, logo depois de Shakespeare, foi calado de novo; os atores já foram enterrados em pé para não gastar terreno. O teatro é sempre o alvo.”

Cyro del Nero

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Amaral, Marcos Tadeu do
CARTOGRAFIA CENOGRÁFICA: SESSENTA ANOS DA CENOGRRAFIA
TEATRAL DE CYRO DEL NERO / Marcos Tadeu do Amaral ;
orientadora, Dra. Elizabeth Ferreira Cardoso Ribeiro
Azevedo. -- São Paulo, 2019.
187 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes
Cênicas - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de
São Paulo.

Bibliografia
Versão original

1. teatro 2. cenografia 3. história I. Azevedo, Dra.
Elizabeth Ferreira Cardoso Ribeiro II. Título.

CDD 21.ed. - 792

Elaborado por Sarah Lorenzon Ferreira - CRB-8/6888

DEDICATÓRIA

Para a memória afetuosa de minha mãe Inês Corrente,
que sempre me incentivou desde meus primeiros rabiscos.

Para meus padrinhos: Luiz Gonzaga de Toledo (in memoriam)
e Maria Julia Alcântara Toledo.

Para Edimilson Andrade por me apresentar o teatro.

E para os meus mestres: Carlos ABC, João Prata, Reinaldo Santiago,
Marcília Rosário, Gustavo Trestini, Simoni Boer, Maria Eugenia de Domênico,
Prof. Dr. Fausto Viana, Prof. Dra. Elizabeth Ferreira Cardoso Ribeiro Azevedo

e **Cy**ro **De**l **N**ero.

AGRADECIMENTOS

Aos meus irmãos: José Lázaro, Eliana, Deise, Marilda, Luiz Cláudio,
Ana Lúcia e Juliana.

À Cia. Teatral As Tias: Maria Do Carmo Soares, Salete Fracarolli,
Joseli Rodrigues e Tato Fischer, que sempre me proporcionam momentos de
trabalhos aliados com muito aprendizado!

Aos queridos: Augusto Marin, Caio Franzolin, João Scarpa, José de Anchieta, José
Carlos Serroni, Juca de Oliveira, Kaspar Boyadjian, René Piazzentin e Rosângela
Pereira pelas agradáveis e importantes entrevistas para esta dissertação.

Ao Dr. Nelson Urssi pela importante presença na banca de qualificação.

Ao meu namorado e aos inúmeros amigos *bichas*, *sapatões* e *héteros* que me dão
muitas alegrias e juntos seguimos de mãos de dadas, sem soltarmos a de ninguém!

As estas pessoas queridas que muito me incentivaram para obtenção deste título:

Ms. Michelle Gabriel e Prof. Dr. Adelino de Oliveira.

Aos amigos queridos que entrelacei durante o mestrado:

Arianne Vitale, Giovani Tozi, Rodrigo Severo e Milton Cardoso.

RESUMO

Esta pesquisa tem um levantamento e comprovação da cenografia teatral de Cyro del Nero, no período de 1956 a 2010. Também aponta as demais frentes de trabalhos percorridos através do seu ofício de cenógrafo, nos campos da moda, televisão, artes plásticas e visuais. Del Nero, além de premiado cenógrafo teatral, foi também pioneiro na direção de arte da televisão brasileira, criando logomarca para emissoras, programação visual de novelas e programas de entretenimento, sendo autor do primeiro vídeo clipe brasileiro. Na última década de sua vida, trabalhou como docente na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, que o levou a compartilhar seus conhecimentos, adquiridos pela motivação da curiosidade intelectual, em livros lançados sobre cenografia e história da moda. A pesquisa foi desenvolvida em exposições que reproduziram parte de acervo pessoal, jornais e livros sobre teatro, moda e televisão. O principal enfoque é ancorado num registro de parte da história da cenografia teatral brasileira.

Palavra chave: teatro, cenografia, história.

Abstract

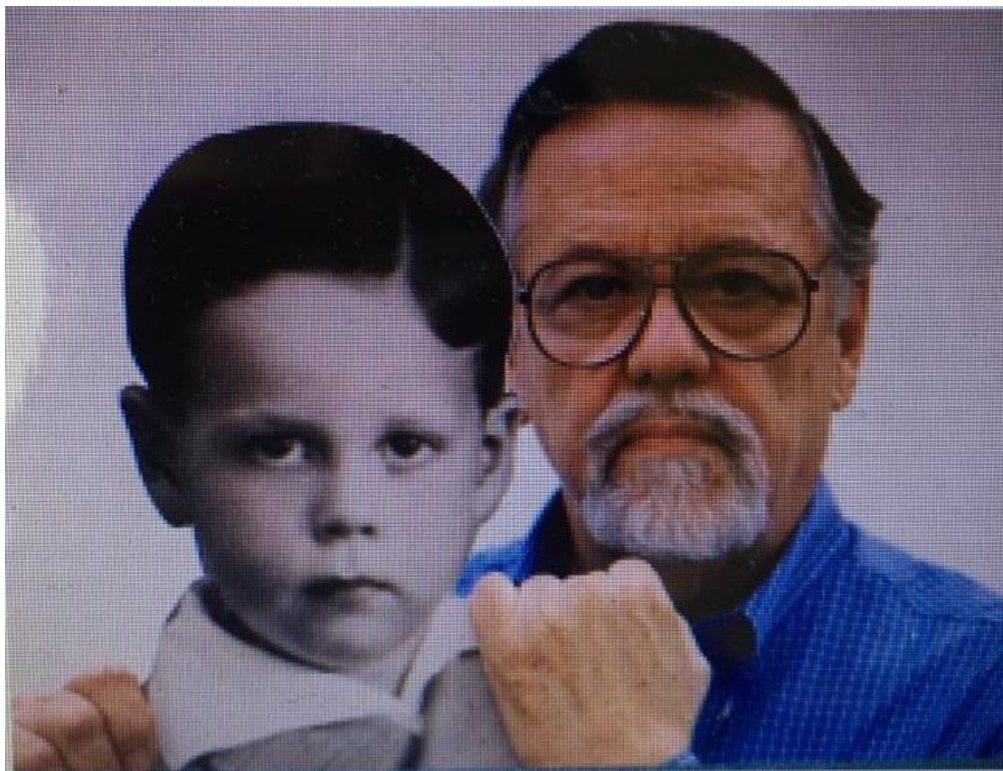
This research has a survey and proof of the theatrical scenography of Cyro del Nero, from 1956 to 2010. It also points out the other fronts of works traveled through his craft as a scenographer, in the fields of fashion, television, visual and visual arts. Del Nero, besides being an award-winning theatrical set designer, was also a pioneer in the art direction of Brazilian television, creating a logo for broadcasters, visual programming of soap operas and entertainment programs, and authoring the first Brazilian music video. In the last decade of his life, he worked as a teacher at the School of Communication and Arts of the University of São Paulo, which led him to share his knowledge, acquired by the motivation of intellectual curiosity, in books launched on scenography and fashion history. The research was developed in exhibitions that reproduced part of personal collection, newspapers and books on theater, fashion and television. The main focus is anchored in a record of part of the history of Brazilian theatrical set design.

Key word: theater, set design, history.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	11
2 APRESENTANDO CYRO DEL NERO: memória biográfica e artística.....	22
3 INVENTÁRIO DA CENOGRAFIA TEATRAL DE CYRO DEL NERO.....	92
4 CARTOGRAFIA DA CENOGRAFIA TEATRAL DE CYRO DEL NERO	164
5 MÁQUINA PARA OS DEUSES: o legado de um ofício	173
6 CONCLUSÃO.....	180
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	184

Figura 01: Cyro del Nero na infância e na maturidade. Montagem feita pelo próprio cenógrafo.



Fonte: Exposição Cyro del Nero e a máquina dos deuses.

1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Esta dissertação de mestrado visa registrar e documentar o trabalho cenográfico e de figurinos artístico de Cyro del Nero (1931 – 2010), artista multifacetado que percorreu diversos caminhos da arte, especialmente seu trabalho para os palcos.

O primeiro encontro pessoal que tive com Cyro Del Nero aconteceu em 2008, no *Teatro Commune*, na capital paulista, onde eu trabalhava como programador e produtor cultural. Interessante e sugestivo destacar que, posteriormente, tivemos oportunidade de estreitar nossa amizade, pois a igreja que eu frequento, a Paróquia da Santíssima Trindade, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, foi conduzida durante muitos anos pelo Reverendo Saulo, que, por grata coincidência, era casado

com Sra. Ruth Del Nero, prima de Cyro. É importante esclarecer que Del Nero não era anglicano, teve formação religiosa presbiteriana.

Posso destacar que minha formação no campo das Artes Cênicas teve início na década de 1990, no grupo de teatro *Hádeuses*, do campus de Piracicaba da Universidade de São Paulo, que era composto por estudantes e funcionários da referida universidade e pessoas da comunidade local, como no meu caso. O *Hádeuses* estava sob orientação dos diretores Reinaldo Santiago e Marcília Rosário. Período de descobertas culturais para mim, quando passei a frequentar diversos cursos livres de interpretação, direção, cenografia e produção cultural.

Como formação academicamente sistematizada, em 2006 conclui a graduação em Letras, pelo Centro Universitário Claretiano, na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo. Ainda em âmbito acadêmico, em 2016, conclui a pós-graduação em Gestão Cultural, pelas Faculdades Integradas Sagrado Coração de Jesus. É nessa perspectiva de formação acadêmica, procurando aprofundamento teórico aos conhecimentos empíricos no campo das artes, que busquei o mestrado em Teoria e Prática do Teatro, com linha de pesquisa História do Teatro.

No campo profissional é relevante destacar que em 2006 fui convidado pela Associação Cultural e Teatral Guarantã para assumir a direção de produção do espetáculo “*Paixão de Cristo de Piracicaba*”, existente na cidade desde 1990. Foi justamente como diretor de produção do espetáculo que tive oportunidade de estabelecer relação mais estreita e próxima com o professor Cyro del Nero, quando o convidei, em 2010, para desenvolver um projeto arquitetônico cenográfico para a encenação. Este singular acontecimento está registrado no livro *Paixão de Cristo, Paixão de Piracicaba – Memória Estética e Trajetória da Associação Cultural e Teatral Guarantã* (MARTINS DE CARVALHO, 2015).

Em 2010, tive a oportunidade de produzir, no *Teatro Commune*, uma exposição sobre os 60 anos de carreira de Cyro del Nero. O próprio Del Nero estava à frente da curadoria da exposição. No entanto, infelizmente, Cyro del Nero faleceu trinta dias antes da previsão de abertura da exposição. Em sua curadoria, Del Nero criou um painel de imagens de seu percurso cenográfico, desde a década de 50, impresso em lona para ser instalado no corredor do *Teatro Commune*, que interliga o café do teatro à sala de espetáculos.

Segundo Caio Franzolin em entrevista para esta pesquisa, Del Nero, fez a seleção das imagens em seu acervo pessoal e incumbiu-se da criação para

impressão em lona de banner do painel expográfico, em que ele, Caio, cuidou da digitalização. Del Nero fez um croqui e Caio a montagem nos programas de computador. Caio fala também que apesar do Cyro desenvolver trabalhos multidisciplinares, tinha a preocupação em ser reconhecido como um *homem do teatro*, que a base artística dele era o teatro.

Ele ficava ofendido se ninguém reconhecesse isso. Assim: “*eu venho do teatro, eu sou do teatro, mas eu que comecei a fazer a televisão, eu que comecei a fazer o cinema, eu que comecei a fazer a moda, eu sou um dos únicos dinossauros vivos ainda para contar essas histórias.*”
(CAIO FRANZOLIN, 2018)

Em 2011, de posse do painel expográfico que - ainda que este termo não expresse todo o valor artístico e histórico que representa - que já estava impresso para a exposição que não aconteceu em São Paulo, tive a oportunidade de apresentá-lo na cidade de Piracicaba, na galeria do Parque do Engenho Central, com autorização de sua viúva, Denise Pollini, e de sua irmã, ainda viva naquele ano, Cyrene del Nero.

O painel expográfico impresso em lona de *banner* foi um importante elemento no percurso de desenvolvimento do presente projeto de mestrado, pois me proporcionou direcionar parte desta pesquisa: estudar, catalogar, e registrar os trabalhos cenográficos de Cyro del Nero.

A presente pesquisa teve por base inicial o memorial redigido pelo professor Del Nero para a Universidade de São Paulo, os programas de espetáculos, pesquisas em jornais e livros, entrevistas e visitas a exposições. Também foram levantadas e apontadas muitas entrevistas concedidas por Del Nero a outros veículos e meios de comunicação. Aqui registro duas importantes e que também são objeto de estudo nesta pesquisa: projeto *Memória Oral* da Biblioteca Mário de Andrade em 25 de julho de 2006, e para a revista *Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte* - São Paulo em dezembro 1999.

Por se tratar de um mapeamento e registro dos trabalhos do artista, a orientadora desta pesquisa convidou a professora dra. Ana Maria de Almeida Camargo que gentilmente aceitou reunir-se conosco, ainda no primeiro semestre de 2017, para que pudéssemos discutir formas estruturais de arquivos pessoais. Nesta ocasião, ainda tínhamos a expectativa do acesso ao acervo de Del Nero.

A professora Ana Maria de Almeida Camargo é autora, entre outros, do livro *Tempo e Circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais*, no qual

narra os procedimentos metodológicos adotados na organização da documentação do Instituto Fernando Henrique Cardoso. Em dezembro de 2017, ministrou a oficina *Arquivos de Artistas*, na Associação dos Arquivistas de São Paulo com o objetivo de apresentar a metodologia que permite descrever os documentos de um arquivo pessoal de artista e, simultaneamente, preparar as bases para outros subprodutos: uma cronologia da trajetória do titular, o catálogo raisonné de sua obra e a fortuna crítica conquistada durante sua trajetória.

Independente do fato de ser um artista ou não, todo indivíduo, no decorrer de sua vida, sem faça parte dos nossos desejos, geramos um acúmulo de documentos de diversos segmentos – cartas, anotações, passaporte, programas de espetáculos, ingressos, matérias de jornais, prontuários médicos, pinturas, objetos e roupas utilizadas – que registram nossa existência, nossas atividades e nosso modo de viver, quer seja de forma privada ou pública.

Segundo Tessitore, (2017, p 12), os arquivos pessoais são *um grande número de registros que testemunham nossas experiências e indicam nossa trajetória, possibilitando o seu conhecimento e reavaliação, a comprovação de direitos e obrigações.*

Após preservados, organizados e acessíveis, tais documentos, sob a tutela de museus, arquivos, centros de documentação e bibliotecas, cumprem sua função social recuperando informações, para o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e social, além de serem provas jurídicas e históricas.

Porém, cada equipamento que possui custódia documental tem seus próprios princípios de organização, guarda e acessibilidade. Dentre esses princípios, aqui especificamente sobre os arquivos de Cyro Del Nero, é possível enquadrá-los no princípio de proveniência, ou do respeito aos fundos, que segundo Bellotto; Camargo, (1996), *os arquivos de uma pessoa devem manter sua individualidade, não sendo misturados aos de origem diversa*, porque a compreensão integral somente é possível no seu contexto de produção/acumulação.

No Brasil, a Lei 8.159, de 08 de janeiro de 1991, determina a política nacional de arquivos públicos e privados, conferindo ao Poder Público, a possibilidade de declarar arquivos privados como de interesse social e público, por considerá-los conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional. E se assim forem declarados, não podem ser alienados de forma separadas ou sem unidade documental, nem enviados ao Exterior, tendo o Poder Público prioridade em

sua aquisição no caso de alienação.

A regulamentação da lei através do Decreto 4.073, de 03 janeiro de 2002, define os conceitos e procedimentos para declarar um arquivo privado em interesse público e social. Ao serem declarados de interesse público através de decreto do Presidente da República, reconhece-se sua importância para a história e o desenvolvimento nacional, somando a isso seu papel para a cultura brasileira.

Mas essa lei não atende às expectativas, em particular, dos pesquisadores porque restringe o acesso aos documentos, a permissão ao conteúdo do acervo é delegada ao seu detentor.

Para a organização dos documentos pessoais parte-se do princípio da identificação baseada no registro das atividades desempenhadas ou previstas pelo titular do acervo. Analisando as grandes funções que marcaram a existência do titular, investiga-se como elas se desdobraram em atividades e com quais documentos são comprovadas.

Smit (2016) exemplifica:

A preservação do potencial informacional dos documentos que compõem um arquivo pessoal pressupõe, portanto, que os mesmos não sejam reconhecidos como entidades autônomas (o que caracterizaria a lógica biblioteconômica), mas na qualidade de traços de atividades que somente alcançam todo seu sentido quando contextualizados nestas atividades.

Um documento isolado pouco informa sobre as atividades desenvolvidas pelo titular, mas uma série de documentos que se referem à mesma atividade, é informacional em relação ao titular do arquivo. A preservação do contexto de produção dos documentos passa a ser a condição essencial para organização de um arquivo pessoal. (Joana W. Smit, 2016, p. 29)

Para Campos, (2014, 83), *no domínio dos arquivos o conceito de memória é comumente empregado em seu sentido de fenômeno social, atrelado à formação e ao reconhecimento da identidade dos indivíduos e de determinados grupos. Os arquivos pessoais trazem consigo o registro da memória do titular, não como faculdade cognitiva, mas sim como fenômeno social.*

Meneses, (1999, 13), visualiza a expansão do interesse na preservação da memória:

Preservar a memória não interessa somente aos que transitam no meio acadêmico: suscita também a atenção da sociedade como um todo, de modo que os Estados, grupos sociais, minorias (étnicas, raciais e sexuais), escolas, agremiações, associações, entidades políticas e empresas têm atuado de maneira cada vez mais efetiva no desenvolvimento de iniciativas de preservação e difusão de suas memórias.

E para Ribas (2016, 105), os arquivos pessoais têm uma abrangência no contexto social:

Os arquivos pessoais não são a voz de um indivíduo. Não se trata de uma única voz. Nos papéis deixados por uma pessoa estão relatados momentos políticos, religiosos, civis, etc, refletindo nesse conjunto o contexto social e temporal em que esse homem esteve inserido. Apesar de cada um de nós ser único, a partir da voz isolada podem-se distinguir as pressões, as angústias, as alegrias e as expectativas de toda uma geração.

Por recomendação da professora Dra. Ana Maria de Almeida Camargo tomei por base para esta pesquisa o memorial do professor Cyro del Nero.

Segundo Nascimento (2010, 19) o memorial é um gênero acadêmico autobiográfico, registrado em primeira pessoa, com o desafio de articular teoria estudada, formação e prática profissional. Nele, os fatos significativos devem estar em ordem cronológica de forma lógica e coesa. É um dispositivo reflexivo e formativo que serve para inserção acadêmica e ascensão profissional.

No memorial de Cyro del Nero, com diversas reproduções de diferentes documentos, o autor deixou registrado possivelmente parte de sua trajetória até 1999, ano em que iniciou suas atividades como professor no Departamento de Artes Cênicas da ECA – Escola de Comunicação e Artes da USP – Universidade de São Paulo.

No memorial, sua biografia é entremeada por citações de fatos históricos. São encontrados diferentes tipos de documentos, muitos sem identificação, que registram sua trajetória que perpassa artes plásticas, cenografia, estúdios da televisão brasileira, vídeo clipe, capas de livros e discos, cenografia dos eventos de moda e atuação como empresário das feiras de filmes em mídia DVD.

Muito provavelmente deve ter sido organizado em 1999. A partir dessa data não consta nele nenhuma outra informação sobre seus trabalhos. Uma vez que para a USP, o memorial não necessita de atualização.

Há nele um agradecimento pela “amizade orientadora” ao Prof. Dr. José Eduardo Vendramini¹, com quem conversei pessoalmente por telefone ainda no primeiro semestre de 2017, indagando-o sobre o memorial. Ele disse apenas ter feito a correção gramatical do documento e não aceitou o convite para participar de

¹ José Eduardo Vendramini (1934). Autor, dramaturgo e diretor de teatro e também professor do departamento de Artes Cênicas da ECA-USP.

uma entrevista para esta pesquisa, alegando não ter tido contato com Del Nero durante sua permanência como professor da ECA-USP.

O Memorial possui 138 páginas. Está elaborado de forma cronológica e segmentado pelos trabalhos. A partir de seu conteúdo pude começar a mapear os trabalhos cenográficos em teatro, no período de 1956 a 1999. A seguir, o rol e que foi completado até 2010 com outras fontes: jornais, revistas, livros, programas de espetáculos, entre outros documentos, e a todo este recolhimento batizei de Inventário da cenografia teatral de Cyro del Nero.

Foram realizadas pesquisas em jornais no período de 1950 a 2010 e no *Memorial* depositado por Cyro del Nero na Biblioteca da ECA-USP, além disso, tive a oportunidade de conhecer e entrevistar cenógrafos contemporâneos de Cyro del Nero, que puderam relatar sua prática artesanal na construção dos projetos cenográficos. Digo isso, porque esses profissionais desenvolvem suas funções desde antes do advento do computador, o que demanda desenhos com traços firmes, claros e objetivos para imprimir no papel a ideia a ser construída.

Para que eu pudesse dissertar sobre o trabalho de um cenógrafo, ainda que não conceitualmente, senti-me comprometido em estudar/pesquisar sobre cenografia em diversos aspectos: histórico, teórico e prático. Como disse anteriormente, o conhecimento chegou a mim primeiramente pela prática, empiricamente.

E nessa jornada para tentar desvendar a cenografia, além de ter a oportunidade de estudar com o professor Dr. Fausto Viana, e sem arriscar-me no campo retórico, posso afirmar a relevância desse feliz encontro: gentilmente recebi de suas mãos uma bibliografia conceituada e até mesmo ordenada para estudos e pesquisas sobre cenografia.

Além da bibliografia, também me indicou o caminho das entrevistas: cenógrafos e cenotécnicos. Fez a ponte com o José de Anchieta para que me recebesse para uma entrevista concedida em novembro de 2017. Além de Anchieta, também indicou José Carlos Serroni, que também me concedeu entrevista na mesma época.

Para minha surpresa, Anchieta quis me receber em seu apartamento no centro da cidade de São Paulo. Primeiramente me apresentou seu livro, *Cenograficamente*, que já havia sido indicado pelo prof. Dr. Fausto Viana. Fiz as perguntas e em cada resposta havia um enredar do passado e do futuro. Não falou

somente sobre Del Nero, assim como também sobre teatro; não falou apenas sobre cenografia, mas em questões do financiamento da produção teatral e a disputa pelo público do teatro com os novos meios de comunicação.

José Carlos Serroni respondeu-me rapidamente e prontamente ao e-mail com o pedido de entrevista. Agendamos ainda em novembro de 2017 na sua biblioteca anexa a SP Escola de Teatro, unidade Brás, na cidade de São Paulo. Apresentei rapidamente meus trabalhos na produção teatral e presenteio-o com um exemplar do livro: “*Paixão de Cristo, Paixão de Piracicaba*”.

Serroni destacou a importância de Del Nero por seus estudos na Alemanha na década de 1950 e o colocou num mesmo patamar junto do cenógrafo Hélio Eichbauer, que também estudou cenografia no início da década de 1960, porém em Praga com Josef Svoboda².

Segundo Serroni (2013) Hélio Eichbauer³ é considerado um renovador no teatro brasileiro, tendo cenografado centenas de espetáculos e diversas exposições, com muitos trabalhos premiados e uma exposição comemorativa no Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, para comemorar seus quarenta anos de carreira no ano de 2006.

Para Serroni, (2018), as cenografias de Eichbauer são requintadas e, em lugar de mera descrição, seu trabalho opta pela metáfora e a proporção, no que se refere ao estudo das relações do homem com o espaço.

² Josef Svoboda (10 de maio de 1920, Čáslav, República Checa - 08 de abril de 2002, Praga, República Checa) é responsável por uma revolução cenográfica que o coloca hoje ao lado dos grandes nomes da história do teatro. Foi um dos primeiros a encarar a cenografia como parte indissociável da ação dramática, desenvolvendo um conjunto de materiais e técnicas que marcariam a memória da cenografia moderna, como a utilização de espelhos, do laser, projeções múltiplas e adaptação da luz a contextos dramáticos específicos.

³ Nasceu em 1941 na cidade do Rio de Janeiro. Entre 1962 e 1966, estudou com o renomado cenógrafo Josef Svoboda, em Praga, na Tchecoslováquia, atual República Tcheca. Em 1965, acumulou alguns estágios por países da Europa, como Alemanha, França e Itália. Durante este período fez cursos sobre os diversos segmentos da cenografia como iluminação, marcenaria, figurino, entre outros. No ano de 1967 trabalhou em Cuba, no Teatro Studio de Havana.

De volta ao Brasil, realizou trabalhos em diversas áreas da arte brasileira, como óperas, teatro e shows de música popular. Ganhou diversos prêmios, como a medalha de ouro pelo conjunto da obra em teatro, na cidade de São Paulo, no ano de 1969 e a Triga de Ouro em arquitetura teatral e cenografia, na 2ª Quadrienal de Praga, realizada em 1971.

Assinou a cenografia da antológica peça *O Rei da Vela*, escrita em 1933 por Oswald de Andrade e encenada pelo Teatro Oficina em 1967, com a direção de José Celso Martinez Corrêa, que segundo Serroni, 2013, essa cenografia tornou-se ela própria um objeto de arte. Sua maquete foi exposta no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1968 e posteriormente em outros lugares do mundo.

Eichbauer, assim com Del Nero, também exerceu atividades acadêmicas. Lecionou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde coordenou o curso de cenografia.

Segundo o professor Sábado Magaldi, numa crítica publicada no *Jornal da Tarde*, São Paulo, 17 de maio de 1972, a cenografia de Hélio Eichbauer "*não cria apenas um ambiente, mas funciona como um órgão vivo, que projeta, ilustra e até contradiz a ação dramática*".

Renê Piazzentini me concedeu entrevista no seu ambiente de trabalho no TUSP – Rua Maria Antonia, em novembro de 2017. Ele foi aluno da primeira turma na qual Cyro del Nero lecionou Cenografia e Indumentária na ECA - USP.

Falou do empenho do professor, já idoso, mas que permanecia com paciência para com os jovens alunos da ECA – USP, que ele ainda era um apaixonado pelo teatro e pela vida, e sobretudo, nas suas inovações didáticas com projeções de imagens e material reproduzido dos livros que pertenciam a sua biblioteca particular.

Ainda naquela época, Del Nero viajou para a Grécia com alguns graduandos da turma e Renê Piazzentini fez parte da excursão. As visitas aos teatros gregos foram monitoradas por Del Nero.

Caio Franzolim foi o último assistente que trabalhou no Estúdio CDN, localizado na rua Boturoca, no bairro Butantã na cidade de São Paulo. O derradeiro trabalho cenográfico de Del Nero teve sua construção conduzida e supervisionada por ele.

Foi uma entrevista extensa, com mais de duas horas de duração, cheia de informações que transitavam pelos trabalhos artísticos e pela vida privada de Del Nero.

Conheci Caio em 2009 quando fui ao Estúdio CDN cursar cenografia com o professor. No ano seguinte, permanecemos o contato por conta de outros projetos: *Paixão de Cristo de Piracicaba – 2010* e a exposição *CYRO DEL NERO: Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia*, no Parque do Engenho Central em Piracicaba – SP.

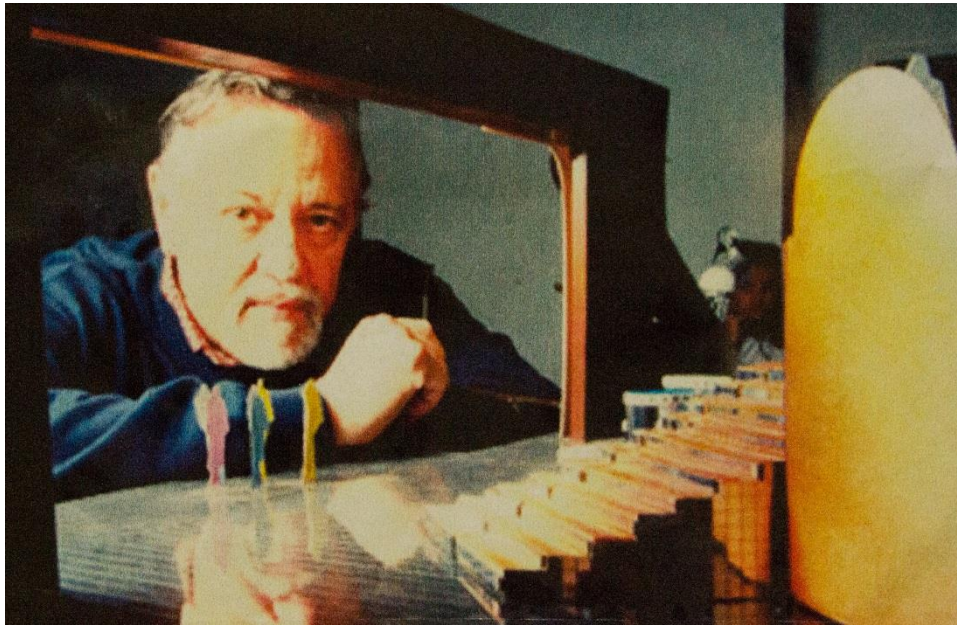
Além das entrevistas, consultei acervos digitalizados dos grandes jornais, acessando pela internet de forma privada o acervo do jornal O Estado de São Paulo, para confrontar, confirmar e completar os dados expostos no memorial no período de 1950 a 1999.

Com o levantamento feito no acervo do jornal O Estado de São Paulo foi

possível recuperar a maior parte dos trabalhos realizados por Del Nero no período de 2000 à 2010, que não são contempladas no Memorial. Também foi possível apontar o início da carreira de Cyro del Nero, na década 1950.

Também foram feitas pesquisas nos jornais: O Globo, Folha de São Paulo e Correio da Manhã, no período de 1950 a 2010, que possibilitou comprovar, registrar e organizar o registro dos trabalhos do artista e que estão descritos no capítulo seguinte: Apresentando Cyro del Nero: memória biográfica e artística.

Figura 02: Cyro del Nero com uma de suas maquetes.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

2. **A**PRESENTANDO **CYRO DEL NERO**: memória biográfica e artística

“Numa casa pequena, casa de porta e janela, havia aquilo que serviu de primeiro signo artístico para minha vida: um piano alemão, preto, do tipo armário. Um maravilhoso Bechstein que, por falta de espaço, dividia comigo um quarto de dormir. Ali ouvi as sonatas de Beethoven, o Hinário Presbiteriano, os corais de Bach e as aulas que minha ministrava.”

Cyrol Del Nero

2. APRESENTANDO CYRO DEL NERO: memória biográfica e artística

A imigração dos italianos ao Brasil aconteceu em dois vieses: para suprir a falta de mão-de-obra ocasionada pelo fim da escravidão em 1888 no Brasil e, na Itália, por conta do processo de transição de regime após diversas guerras para sua unificação, porque parte de seus estados, principalmente ao norte do país, eram controlados pela Áustria.

Segundo Del Nero, (2006, 15), seus familiares vieram da região de Abruzzos, Itália, tendo aportados no Brasil por volta do ano de 1895, assim como outros imigrantes em busca de trabalho e uma sobrevivência mais tranquila.

Por volta de 1895, uma família Del Nero, formada por um pai e três filhos veio para o Brasil a convite do serviço de imigração deste país. O filho mais novo chamava-se Luiz Del Nero (1884 – 1960). (DEL NERO, 2006, pág 15)

Residentes no bairro do Brás, na cidade de São Paulo, seus avós Luiz e Geraldina casaram-se no Brasil em 06 de fevereiro de 1908. Dessa união nasceram os filhos: Angelina, Dorcas, Déborah, José Luiz, Alberto, Edna, Martha, Eduardo e Loyde.

Luiz dividia a função de comerciante com a de diácono e mais tarde presbítero da Primeira Igreja Presbiteriana na cidade de São Paulo, religião que se converteu no Brasil, e Geraldina, era responsável pela organização da casa e cuidados com os filhos.

Seus avós possuíam uma loja chamada Casa Atlas, na frente do casarão alugado pela família para residirem, localizado na Avenida Rangel Pestana, 285. É possível encontrar anúncio publicitário da Casa Atlas em “*O Estandarte*”⁴, de março a abril de 1922. Na loja eram vendidos calçados, chapéus “*Mangueira*” e “*Ramenzoni*” e seções completas para esportes, guarda-chuvas, camisaria, malas de viagem, pastas escolares e comerciais.

Luiz participava ativamente da Igreja Presbiteriana, estando presente em reuniões para decisão da demolição do antigo templo localizado no Brás, datado de 1883 e que estava com problemas estruturais, e a construção do novo templo na Rua Nestor Pestana.

As três filhas maiores estudavam na Escola Normal do Brás – também na avenida Rangel Pestana, e ainda no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, na avenida São João, onde aprendiam piano. (DEL NERO, 2007, pág 20)

Dorcas, a segunda filha do Sr. Luiz, foi professora de piano e durante muitas décadas a pianista no templo da rua Nestor Pestana. Ela casou com o presbítero Galiano, em 10 de dezembro de 1930. Da união nasceram os filhos: Cyro e Cyrene del Nero.

Cyro Del Nero de Oliveira Pinto nasceu em 28 de dezembro de 1931, na rua Miller, Brás, São Paulo.

Minha infância girou ao redor do culto protestante e de sua rica liturgia musical. Música como conteúdo e palavra como forma foram, muito cedo, o embasamento da minha formação. (DEL NERO, 2007, pág 105)

⁴ Impresso pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

Figura 03: Retrato de família.



Cyro del Nero, Dorcas, Galiano e Cyrene Del Nero.

Fonte: Exposição Cyro del Nero e a máquina dos deuses.

Após a conclusão do segundo ginásio, Del Nero foi para o seminário, mas foi desligado a pedido do reitor após um ano de estudos. Tentou em seguida a Academia de Polícia que estava sendo aberta naquela época, tendo desistido após frequentar por um ano e perceber que não tinha afinidades com a área da segurança.

No final da década de 40 do século passado, os poucos cursos oferecidos pelas faculdades - medicina, direito ou engenharia - não atendiam às expectativas do jovem Del Nero, que se entregou completamente ao autodidatismo, aprendendo com as pessoas e as circunstâncias, tomando a Biblioteca Mário de Andrade como sua sala de estudos e pesquisas. Del Nero registrou em diversos depoimentos o quanto a arte era sua bússola, *quando Carlos Drummond de Andrade publicou *Claro enigma, deu-nos o mapa da poesia e o vocabulário da minha geração. Não expressaríamos mais as coisas da mesma maneira.**

Naquela época, na Biblioteca Mário de Andrade⁵ havia um grupo de jovens que se encontravam para leituras, estudos e trocas de experiências. O grupo se intitulava “*Adoradores de Minerva*”.

⁵ Fundada em 1925 com o nome de Biblioteca Municipal de São Paulo, localizada na Rua da Consolação, 94, cidade de São Paulo.

Figura 04: Registro fotográfico na praça da República, em 1954.



Bento Prado Junior, Manoel Carlos, Flávio Rangel e Cyro Del Nero.

Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Segundo Manoel Carlos (2008, 45) os *Adoradores de Minerva* frequentaram a biblioteca em busca de conhecimentos artísticos entre 1949 e 1955. Alguns que podemos destacar eram: Manoel Carlos, José Oswaldo e Geraldo Araújo Lima, Cyro del Nero, Pedro Morato Kraenbull, Dante Busana, Yan Margherito, Bento Prado Junior, Roberto Schwartz, Maurício Tragtenberg, Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Milton Moraes, Mário de Almeida, Flávio Rangel e Antunes Filho.

O que eu quero dizer é que este prédio foi a minha escola, devo tudo à isto e à leitura da Bíblia. Aqui encontrei os companheiros, porque o teatro só se resolve através de turmas teatrais e aqui nós nos “enturmamos”. Flávio Rangel estava aqui, o Maneco⁶ fazia adaptações de textos clássicos, o Antunes⁷ estava aqui. (DEL NERO, 2006)

No decorrer daqueles anos de estudos e descobertas na Mário de Andrade,

⁶ Manoel Carlos Gonçalves de Almeida, mais conhecido apenas como Manoel Carlos ou simplesmente Maneco, nasceu em São Paulo em 14/03/1933. É um escritor e autor de telenovelas brasileiras. Seus trabalhos são conhecidos por retratar a sociedade carioca contemporânea, principalmente no bairro do Leblon.

⁷ Antunes Filho (1929 – 2019) - foi um diretor de teatro brasileiro, considerado pela crítica e por diversos artistas como um dos principais nomes teatrais e diretores do país.

Del Nero também fez diversos desenhos, reproduzindo, copiando, imitando, fazendo variações sobre os desenhos de Picasso, por exemplo, até compreender o uso das cores com o cenógrafo dos balés russos: Léon Bakst (1866 – 1924).

No ano 1956, Del Nero foi convidado por Zizos Charatsaris⁸ para fazer a cenografia da sua montagem de: *O Anfitrião*, de *Plauto*. Após a estreia da montagem, Zizos informou Del Nero de seu retorno à Grécia.

Naquele mesmo ano, com passagens pagas por Ciccillo Matarazzo, Del Nero também partiu de navio para Grécia, tendo entrado pelo norte, por Tessalônica, capital da Macedônia, num trem partido de Lisboa, Portugal.

Em Atenas, tive meu encontro com a essência do teatro, com sua grandeza, com as razões de se fazer teatro, com o *pathos* teatral, com a relação do edifício teatral e o universo, com a provocação da catarse coletiva, com a presença dos deuses e, sobretudo, com a força transformadora da palavra através de atores. (DEL NERO, 2007)

Depois da Grécia, Del Nero partiu para Stuttgart, Alemanha, onde trabalhou como assistente de cenografia no Teatro Estadual de Württemberg, e sua destreza na construção de maquetes lhe rendeu oportunidades levando-o a trabalhar com Wieland Wagner, diretor do Festival Bareuth e um dos maiores encenadores de ópera de seu tempo.

Nos tempos livres em Stuttgart, Del Nero aproveitou para visitar a biblioteca da cidade e conseguiu sistematizar estudos de cenografia e teatro grego, depois de tê-los vivenciados nos recentes trabalhos e de sua viagem à Grécia. Sistematizou também sobre cenografia do teatro francês, sobretudo, Appia⁹ e Gordon Craig¹⁰, construtivismo russo e expressionismo alemão.

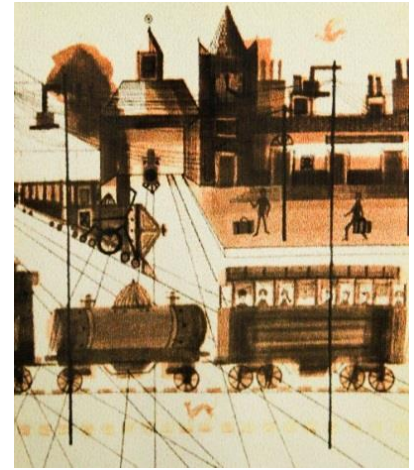
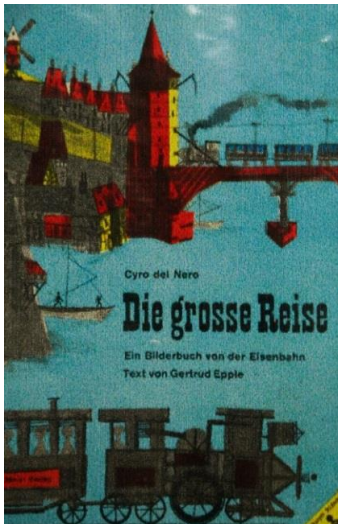
⁸ Segundo Cyro del Nero em entrevista no ano de 2006 para o projeto *Memória Oral* da Biblioteca Mário de Andrade, da cidade de São Paulo, Zizos Charatsaris era um diretor de teatro grego que esteve no Brasil em meados da década de 1950.

⁹ Adolphe Appia (Genebra, 1 de setembro de 1862 — Nyon, 29 de fevereiro de 1928). Diretor, cenógrafo e teórico suíço. Foi arquiteto e encenador suíço, cujas teorias, especialmente no campo iluminação cênica, ajudaram a concretizar as encenações simbolistas do século XX. Era contrário a estética realista, por isso quis se utilizar dos elementos expressivos e simbólicos do teatro, da música e da luz. Foi o primeiro a usar as sombras no palco de forma deliberada, influenciando assim, as modernas concepções de iluminação teatral.

¹⁰ Gordon Craig: Edward Henry Gordon Craig, (16 de janeiro de 1872, Hertfordshire, Reino Unido - 29 de julho de 1966, Vence, França). Foi um ator, cenógrafo, produtor e diretor de teatro inglês, com importante obra teórica. Foi nomeado Cavaleiro da Legião de Honra. Era filho da atriz Ellen Terry e do arquiteto Edward William Godwin.

Além de trabalhar como assistente de cenografia no Teatro Estadual de Württemberg, em 1958 Del Nero fez ilustrações e capa para o livro: *Die grosse Reise*, que foi lançado em 1961.

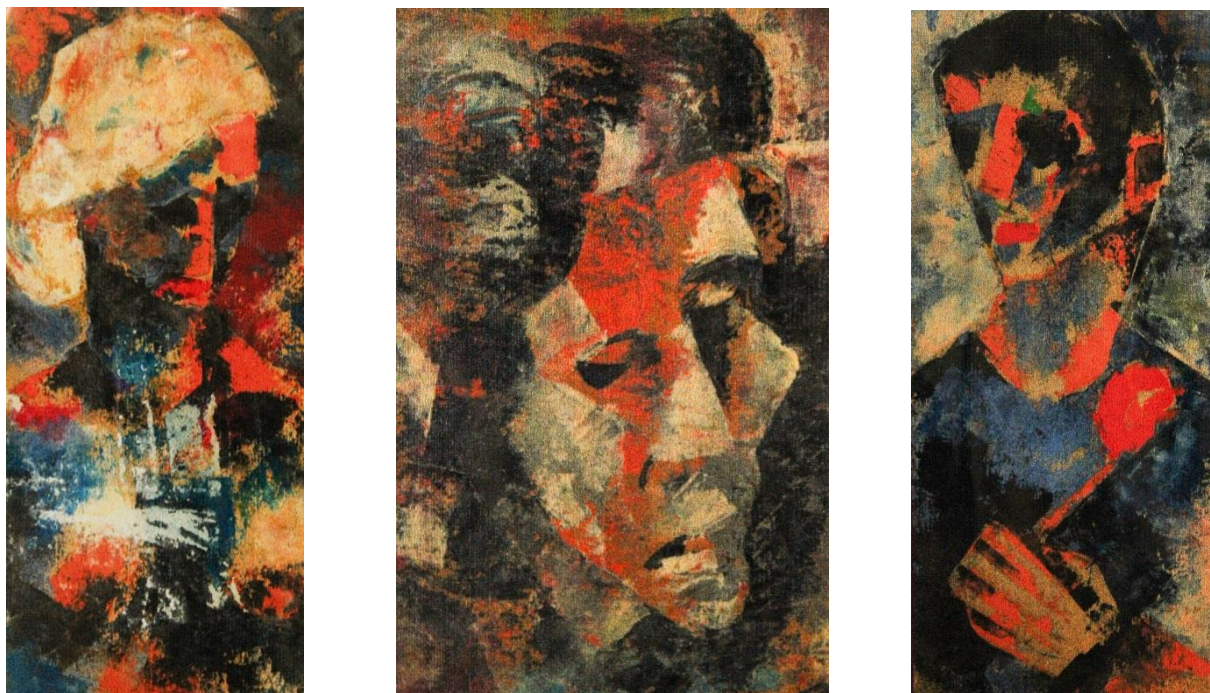
Figura 05 A, B e C: Capa e Miolos do livro: Die grosse Reise.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Realizou uma exposição individual na *Galerie Valentine*, em Stuttgart, Alemanha, em 1959. Lembro-me que Cyro Del Nero disse-me uma vez que a exposição estava próxima do encerramento e que não havia sido vendido um quadro, então um americano visitou a exposição e comprou todos os seus quadros, levando-os para exposição e comercialização na Galeria Locke, na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos da América.

Figura 6A, B e C: Pinturas da exposição realizada na Galerie Valentin, Stuttgart, Alemanha, 1959.
Adquirida pela galeria Locke, São Francisco, Califórnia, Estados Unidos.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Em Paris, encontra com Ruth Escobar que estava no final da gravidez. Para poder pagar suas despesas, mesmo grávida de seis meses, encontra um trabalho de vendedora numa galeria da cidade. Num dos encontros com Del Nero em Paris, o cenógrafo lhe deu a ideia de construir uma galeria de arte na loja de perfumes. Assim, Del Nero reuniu os pintores brasileiros que estavam na cidade para a exposição que também teve um espaço reservado para uma individual de Cyro del Nero.

Segundo Ruth Escobar¹¹, a reforma da loja em galeria constou em ações simples como retirar as prateleiras, forrar as paredes com linhagem e organizar a iluminação. Foram impressos convites e enviados principalmente para a imprensa brasileira que fazia cobertura na cidade.

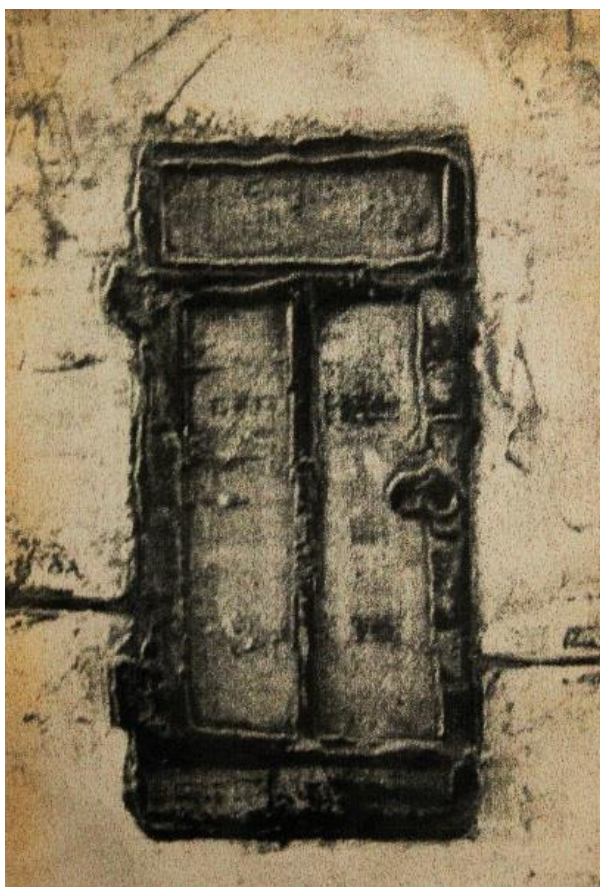
No dia da inauguração, uma grande fila na porta da galeria era composta por artistas e turistas brasileiros, contou inclusive com a presença do embaixador do Brasil.

¹¹ ESCOBAR, Maria Ruth. Maria Ruth: Uma autobiografia. Editora Guanabara, São Paulo, 1987. Página 109.

Quando retornou ao Brasil no ano de 1960, Del Nero realiza uma exposição na Galeria São Luiz, no centro de São Paulo. Na edição de 02 de outubro de 1960, do jornal O Estado de São Paulo, o autor da coluna *Itinerário de Artes Plásticas*, assim argumenta: *Cyro del Nero, com esta primeira individual, torna-se “revelação” do ano, após sua longa estada na Europa, onde formou uma concepção tão própria, baseada numa técnica sólida.*

Segundo Del Nero, 2006, em depoimento para o projeto *Memória Oral* da biblioteca Mário de Andrade, o jornalista responsável por essa crítica foi José Geraldo Vieira¹².

Figura 07: Pintura da exposição na Galeria São Luiz, São Paulo, 1960.



Fonte: Painel expográfico - Exposição *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

¹² José Geraldo Manuel Germano Correia Vieira Machado Drummond da Costa, mais conhecido como José Geraldo Vieira (Rio de Janeiro, 1897 – São Paulo, 1977), foi um escritor, tradutor e crítico literário brasileiro. Notabilizou-se com o romance urbano, no qual se adunavam conflitos de matizes essencialmente nacionais, preteridos por muitos de seus contemporâneos da ficção. Considerado pela crítica um dos mais destacados ficcionistas contemporâneos, cultivou, em mais de quarenta anos de carreira, os mais diversos gêneros literários, como poesia, conto, romance, ensaio e biografia.

Naquele ano de 1960, Del Nero encontra seus amigos, os *Adoradores de Minerva*, inseridos no mercado de trabalho artístico cultural. Cyro del Nero começa a trabalhar ao mesmo tempo em diferentes segmentos da arte: teatro, televisão, artes plásticas, visuais e gráficas. Trabalhava como Diretor de Arte na TV Excelsior, a convite de Manoel Carlos, e principalmente como cenógrafo no TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, a convite de Flávio Rangel. Sua cenografia teatral será abordada no capítulo: Inventário da cenografia teatral de Cyro del Nero.

Figura 08: Cyro del Nero nos estúdios da TV Excelsior, São Paulo.



Fonte: Exposição fotográfica: Cyro del Nero e a Máquina dos deuses. Teatro Commune, São Paulo, 2019.

Na TV Excelsior criou o primeiro projeto de identidade institucional da televisão brasileira, que permite ao espectador ter ciência de qual emissora está assistindo. Além desse trabalho, também criou cenografias para programas de humor, programa de entrevistas com auditórios, festivais de músicas, e outros entretenimentos.

Figura 09: Logo da TV Excelsior, 1960.



Fonte: <https://designinnova.blogspot.com>

Figura 10: Brasil 60. Anúncio publicitário

TV EXCELSIOR * CANAL 9
HOJE – às 20,30 horas
“BRASIL 60”
DEFILE DE ATRAÇÕES MUSICAIS, COREOGRAFICAS E HUMORISTICAS
Produção: MANOEL CARLOS
Cenários: CYRO DEL NERO
Direção de TV: ALVARO MOYA
BIBI FERREIRA que nas audições anteriores apresentou Agostinho dos Santos, Angela Maria, Ataulfo Alves, Abilio Pereira de Almeida, Heitor dos Prazeres, Osny Silva, Oscarito, Grande Otelo, Mariene, Morgana, Gariba, Procopio Ferreira, Lamartine Babo, Joel de Almeida, Dick Farney, Pixinguinha, Herivelto Martins, Solano Trindade e seu conjunto folclórico e tantos outros
APRESENTARA' HOJE NOVAS ATRAÇÕES
Diretamente do Grande Auditorio do Teatro Cultura Artistica

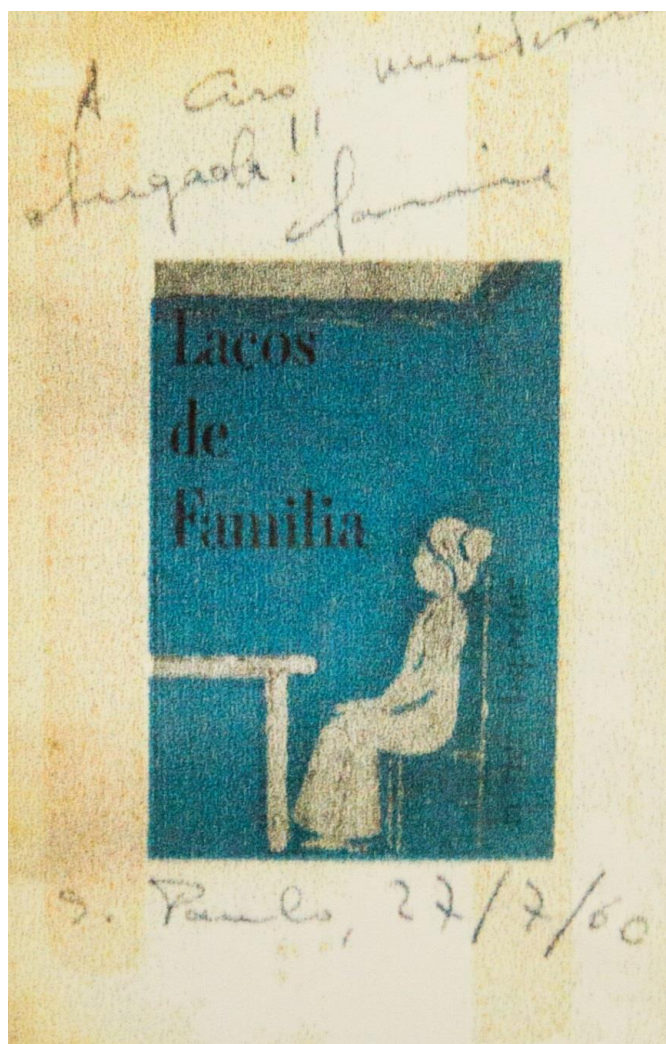
Fonte: Folha de São Paulo, 25/09/1960. Página: 18.

Em outra frente de trabalho, atuando como ilustrador, função que já havia desempenhado na Alemanha, Del Nero criou a capa e ilustrações internas para os livros de Clarice Lispector, Mario Chamie e Carolina Maria de Jesus.

Para a autora Carolina Maria de Jesus, Del Nero ilustrou dois livros na sequência, o primeiro *Quarto de despejo*, que foi adaptado para o teatro com cenografia de Del Nero e o segundo *Casa de alvenaria* lançado em 1961, conforme anunciado na coluna *Leituras* do jornal O Estado de São Paulo¹³.

Em julho de 1960, Del Nero desenhou a capa do livro *Laços de Família* de Clarice Lispector.

Figura 11: Laços de Família. Ilustração da capa do livro.

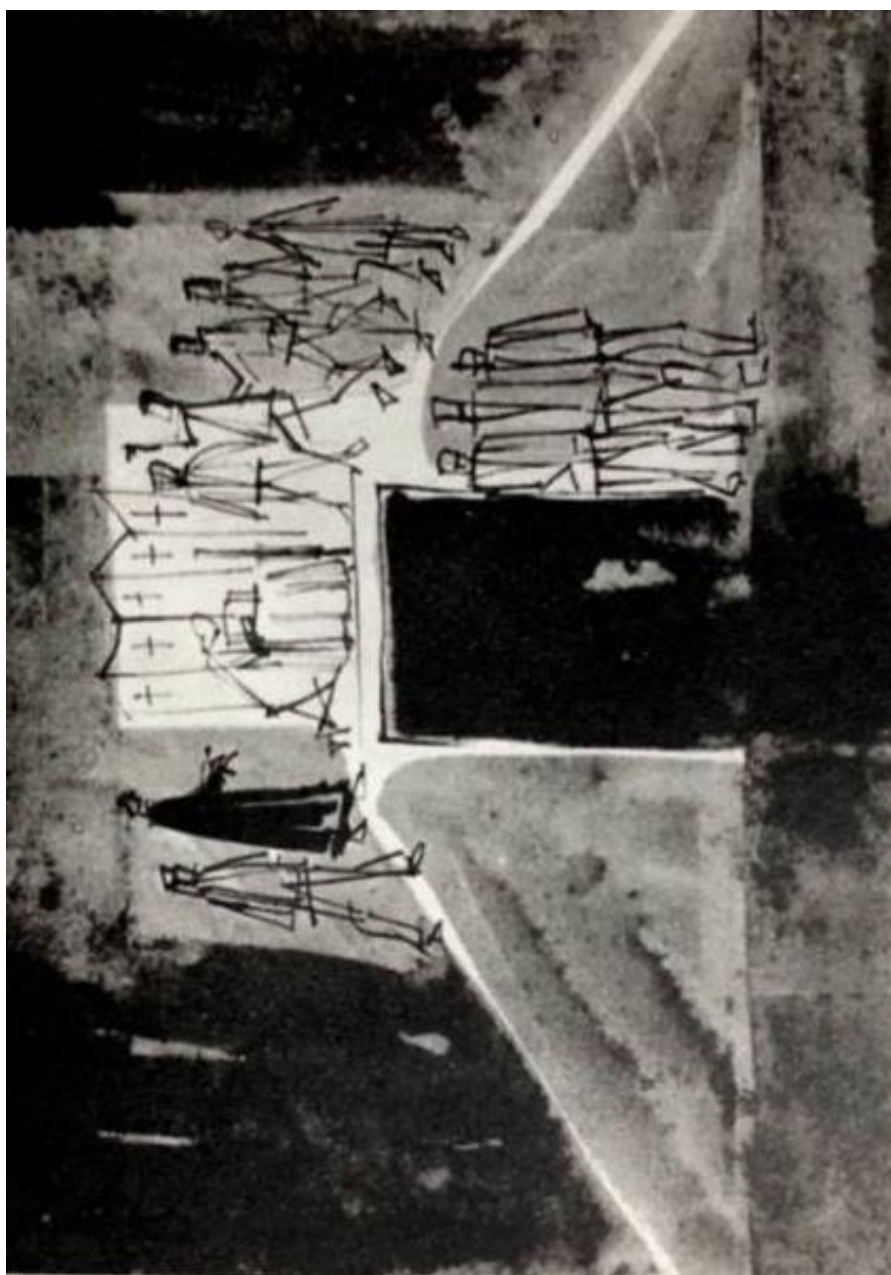


Fonte: Painel expográfico - Exposição CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.

¹³ O Estado de São Paulo, 24/12/1961. Página 29.

Gianfrancesco Guarnieri, no ano de 1961, publicou a dramaturgia do espetáculo *A semente*, que ficou em cartaz no TBC naquele ano com cenografias de Cyro del Nero e também fez as ilustrações do referido livro, lançado pela editora: Massao Ohno. As ilustrações remetem aos cenários e possíveis cenas do espetáculo encenado.

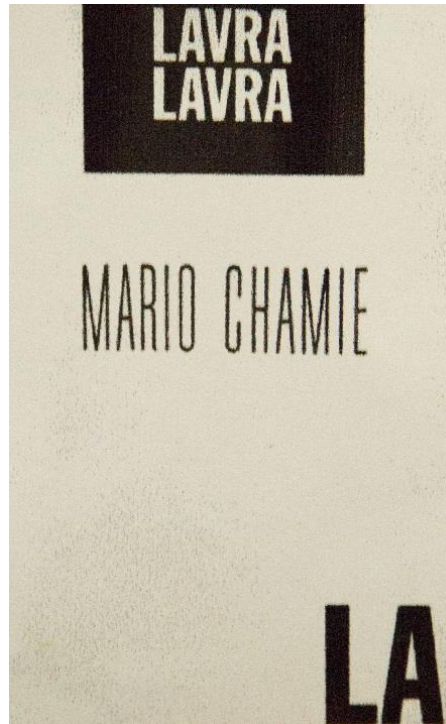
Figura 12: *A semente*. Ilustração do miolo do livro, que reproduz a cenografia do espetáculo encenado no TBC.



Fonte: publicação em livro da peça *A Semente*, de Gianfrancesco Guarnieri, 1961, encarte entre as páginas 32 e 33.

E em 1962, Cyro del Nero ilustrou a capa do livro *Lavra Lavra* de Mário Chamie.

Figura 13: Lavra Lavra. Ilustração da capa do livro.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Ainda no início da década de 1960, Del Nero foi convidado por Lívio Rangan¹⁴ para ser cenógrafo dos desfiles, diretor de arte e de fotografia dos editoriais de moda da Rhodia Têxtil, no período de 1963 à 1970.

Em depoimento, Del Nero, assim contou como foi convidado por Lívio Rangan para iniciar seus trabalhos na Rhodia:

Eu era o diretor de arte da TV Excelsior e fiz a cenografia do apartamento onde haveria a ação, e os contatos da TV Excelsior foram procurar a Rhodia para oferecer patrocínio e veio de lá um senhor muito elegante, que tinha sempre a aparência de que estava saindo do banho. Bonito homem, um italiano de Trieste. Ele veio ver as condições de gravação, o equipamento e fez algumas exigências etc., e afinal foi convidado a ir ver o cenário. Ele chegou diante do cenário e perguntou: - Quem é que fez isso? Eles disseram: - 'É o Cyro Del Nero, o cenógrafo que acaba de chegar da Europa, depois de três anos na Europa, alguém que trabalhou na Grécia, trabalhou na Alemanha, foi assistente de cenografia de Wieland Wagner diretor

¹⁴ Lívio Rangan (1933-1984) – Italiano, residente no Brasil e gerente de publicidade da empresa Rhodia.

dos festivais de Festival de Bayreuth, quem está fazendo cenografia para nós e artes gráficas. (DEL NERO, 2010, p. 145)

Segundo Marina Toledo de Sartori em sua dissertação de mestrado: *A teatralização da moda brasileira: os desfiles da Rhodia nos anos 60*, da ECA-USP, 2004; os desfiles da Rhodia realizados por Lívio Rangan foram um marco nos espetáculos brasileiros do século XX com um caráter quase mítico e um momento fundador da moda brasileira, através da teatralização de seus desfiles.

Toledo, 2004, assim define as estratégias da Rhodia:

No final da década de 50, a Rhodia, através de seu departamento têxtil, contratou Lívio Rangan para promover seus fios sintéticos no Brasil. A estratégia escolhida por esse homem ligado às artes foi a do espetáculo e a reunião, em torno de si, do maior número possível de criadores de arte brasileira, fosse ela qual fosse. Com sensibilidade e grande magnetismo pessoal Lívio formou um colégio criativo ao redor da magia da moda, até então muito incipiente e voltada exclusivamente para a influência estrangeira. (TOLETO, 2004. p. 22).

Com a presença de Del Nero nos desfiles, abriu-se uma nova perspectiva de teatro, porque o cenógrafo tem em seus elementos de trabalho, o conceito do espaço cênico-teatral. Toledo, 2004, se utiliza de conceitos teatrais, sobretudo do Pavis, para decodificar a teatralização nos desfiles da moda:

Teatralizar um acontecimento ou texto é interpretar cenicamente usando cenas e atores para construir uma situação. O elemento visual da cena e a colocação em situação dos discursos são as marcas da teatralização.

A dramatização diz respeito, ao contrário, unicamente à estrutura textual: inserção em diálogos, criação de uma tensão dramática e de conflitos entre os personagens, dinâmica da ação. (PAVIS, 2017. p. 374)

Além dos desfiles de moda, com o intuito de apresentar e vender seus tecidos, a Rhodia também criou ensaios fotográficos para revistas, inserção de outdoors em cenas de filmes, patrocinou espetáculos teatrais - aqui nesta pesquisa é citado o caso da montagem de *Isso devia ser proibido* -, produção visual de cantores para os festivais da canção. E Del Nero esteve presente em todos esses segmentos no período de vigência do contrato de sua empresa *Studio 13*, com a Rhodia.

Segundo Toledo, 2004, Cyro del Nero não trabalhou apenas como cenógrafo dos desfiles, mas também coordenou o Studio 13, que criou para atender as demandas de trabalhos da Rhodia. Inicialmente o Studio 13 estava encarregado da produção dos editoriais de moda, tendo alugado um imóvel no bairro da Bela Vista, na Rua Treze de Maio na cidade de São Paulo, sendo este o primeiro de um

conglomerado de seis que no final da década de 1960, incluía além do estúdio, laboratório de fotografia, que segundo Del Nero, 2007, o *primeiro laboratório de revelação e copiagem de fotos coloridas de São Paulo*, um departamento de designers para montagem de estandes e feiras, um atelier de costura, responsável inclusive pelas confecções dos costumes criados por Alceu Penna, guarda-roupa e salas administrativas que passaram a abrigar as reuniões de criação lideradas por Lívio Rangan.

Eu tinha uma equipe muito grande, eu tinha um estúdio, e mais tarde dois estúdios. Foi a primeira vez no Brasil que alguém tinha um estúdio de moda. Na rua em frente, atravessando a rua, tinha um laboratório para revelação de fotos coloridas e instantâneas. Enquanto fotografava, o Lívio via o cromo em termos estéticos. E nós estamos em 1960 e poucos. (DEL NERO, 2010, p. 147)

Segundo Bonadio, 2004, a FENIT – Feira Nacional da Indústria Têxtil teve sua primeira realização no ano de 1958, foi idealizada e produzida pelo empresário Caio de Alcântara Machado¹⁵ e especificamente nesta feira é que a Rhodia realizou seus principais desfiles.

¹⁵ Caio de Alcântara Machado (nasceu em 30/04/1926, São Paulo e faleceu em 20/08/2003, São Paulo). Publicitário brasileiro e criador das feiras industriais de negócios. Formado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Trabalhou nas Lojas Assunção, de seu pai, onde eram vendidos rádios e vitrolas.

Figura 14: FENIT. Vista interna do pavilhão.



Fonte: BONADIO, Maria Claudia. Tese de doutorado: O fio sintético é um show! Moda, política e publicidade; Rhodia S.A. 1960-1970. P. 120.

Segundo Bonadio, 2005, em 1963 a FENIT ganhou um novo visual e ficou mais atrativa ao público. *Ao centro da imagem anterior, o totem do cenógrafo Cyro Del Nero (que lembra os trabalhos de Nicolas Schöffer – Lux 10 e Lazlo Moholy Nagy), cria um ambiente futurista para a FENIT.*

Segundo Toledo, 2004, a Rhodia realizou dez desfiles na FENIT do ano 1963 a 1970. Para cada desfile, Del Nero desenhou um auditório diferente para sua apresentação. Após a criação e desenvolvimento do tema, da ideia principal proposta por Lívio Rangan, Del Nero escolhia uma forma de desenhar esse

auditório, com capacidade para aproximadamente 300 à 400 pessoas. Del Nero assim falou sobre o espaço cênico utilizado para os desfiles:

O palco, então, era algo que tinha de ser muito especial, devia abrigar show e desfile. Eu tinha que acomodar uma banda musical, colocar uma passarela para os desfiles e fazer um espaço para o show. Em geral, a forma não era um palco italiano, a tendência era sempre fazer um espaço de arena.
(TOLEDO, 2004. p. 32.)

No desfile do ano de 1963, intitulado *Brazilian fashion look*, a cenografia criada por Del Nero teve por tema o *Palace du Soleil*, e foi confeccionada pelos escultores Nicolas Vlavianos, Takeo Sumizu e Vescovi.

Em 1964, com o desfile *Brazilian Style*, Cyro del Nero teve a idéia de uma piscina natural que fora autorizada pelo Caio de Alcântara Machado, com quatro metros de profundidade, trabalhos realizados com acompanhamentos de engenheiros civis, porque o Ibirapuera é charco. Este desfile contou com apresentação da cantora Nara Leão acompanhada do grupo musical Sérgio Mendes Trio.

Nessa piscina foi posto um boto, que morreu um dia após o término do desfile, sobre este incidente, Del Nero lamentou numa entrevista:

O boto foi uma ideia, não sei de que FDP, e nós tínhamos que levar o boto e tentamos diversas vezes, ou não conseguíamos pegar no Rio Amazonas (que é a água salgada) ou morreram no transporte, nós trazíamos a maca com água jorrando contínua, mas ele morre; colocamos um outro no Jardim zoológico num lago que tem no Jardim Botânico e quem fez todo o *know-how* foi o Mario Autuori, diretor do Jardim Zoológico de São Paulo, cujo filho era nosso fotógrafo. Afinal, trouxemos o boto e o boto ficou lá e morreu no dia seguinte em que a Fenit foi fechada; cumpriu com suas obrigações. Foi para servir à ciência para o Instituto de Zoologia e foi feita uma autópsia no boto para estudo e, eu levei um grande susto visitando Autuori porque havia sobre o mármore um boto aberto e era um corpo humano era uma caixa torácica igual a nossa, é mamífero! Fiquei muito impressionado com aquilo, fiquei com um sentimento de culpa para sempre; era um corpo humano aberto, era um homem. (DEL NERO, 2010, p. 150.)

No ano de 1965, além de participar da FENIT com o desfile *Brazilian Primitive*, a Rhodia também participou da *Feira do Couro* que também foi organizada pela Alcântara Machado.

Segundo Bonadio, 2005, para a Feira do Couro, a Rhodia inseriu nos desfiles vaqueiros nordestinos e boiadeiros gaúchos com trajes típicos de suas regiões que utilizaram cavalos em cena emprestados da Polícia Militar.

Figura 15: Feira do Couro. Anúncio publicitário

Artefatos de couro



Encerra-se hoje, em São Paulo, a Feira Nacional de Artefatos de Couro, que durante uma semana exibiu os mais diversos produtos que utilizam, para sua confecção, o couro. A mostra, levada a efeito no Parque do Ibirapuera, atraiu grande número de visitantes, cujo interesse maior se concentrou nos calçados. Outro setor que atraiu as atenções dos visitantes foi o das aplicações do couro nos automóveis, através de diversos tipos de complementos

Fonte: Jornal: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 14/03/1965. p 9

Para o desfile *Brazilian Primitive*, Del Nero criou um gigantesco órgão musical com tubos de PVC que haviam sido lançados ao mercado naquela época. Juntos aos tubos foi inserido um órgão que foi executado durante o desfile por Samuel Kerr, que após muitos anos, foi diretor do Coral Paulistano na década de 1990.

Esse desfile teve coreografias de Lennie Dale e participação das cantoras Elza Soares e Marly Tavares acompanhadas do grupo musical Barra 4 e o ator Carlos Zara.

Figura 16: Brazilian Primitive. Vista frontal do espaço cênico-artístico do desfile.



Fonte: Painel expográfico - Exposição *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Neroem mais de 60 anos de cenografia.*

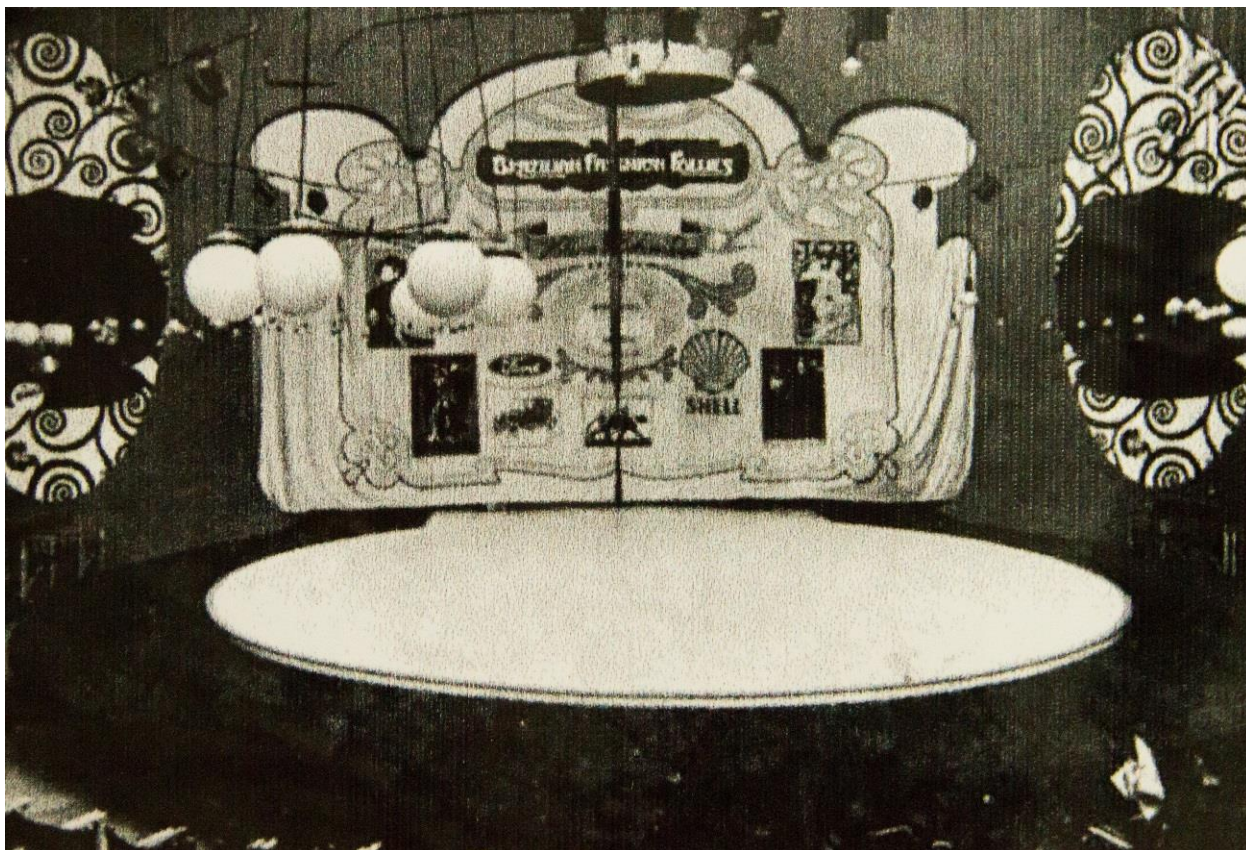
Mulher esse super homem foi o título do desfile de 1966, que contou com texto de Millor Fernandes e direção de Gianni Ratto, participação do cantor Geraldo Vandré e música com o Trio Novo. Foram convidados os atores Walmor Chagas, Carlos Zara e Lilian Lemmertz.

Para a FENIT do ano de 1967, a Rhodia apresentou o desfile *Brazilian Fashion Folies*, com o tema *Air Nouveau*, com direção de Gianni Ratto, direção musical de Júlio Medaglia e coreografias de Lennie Dale. Também teve participação especial da Sylvinha e Os Beatniks. Ator convidado Joel de Almeida.

O palco em formato de círculo com cortinas ao fundo para entradas e saídas elevada no sistema à italiana, tinha imagens impressas dos produtos e das logomarcas dos patrocinadores. Del Nero, 2004, assim descreveu a cenografia do desfile: *o centro do círculo era elevado e acarpetado de vermelho para que pudesse abrigar o show e os músicos ao fundo.*

Na sequência de imagens é possível perceber que o auditório tinha uma iluminação específica para os desfiles que também integravam a cenografia. No auditório existiam duas sequências de iluminação, provavelmente uma para os serviços e outra para as apresentações.

Figura 17: *Brazilian Fashion Folies*. Imagem do auditório cenografado.



Fonte: Painel expográfico - Exposição *CYRO DEL NERO* - *Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Figura 18: *Brazilian Fashion Folies*. Imagem lateral do auditório cenografado.



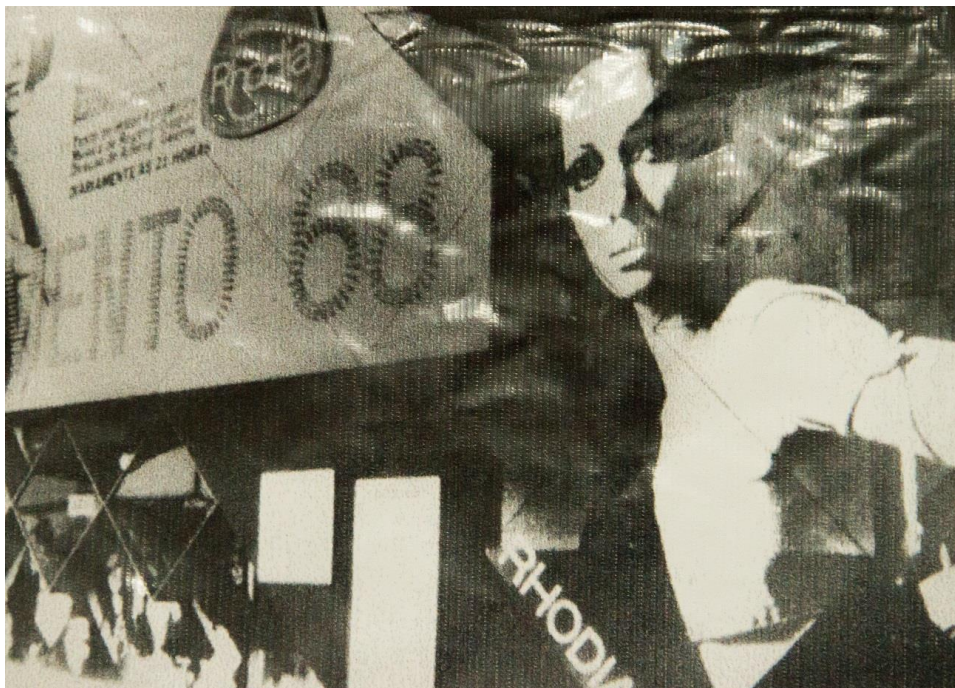
Fonte: TOLEDO, Marina Sartori. A TEATRALIZAÇÃO DA MODA BRASILEIRA: OS DESFILES DA RHODIA NOS ANOS 60. Dissertação de Mestrado. ECA-USP, 2004. p. 22.

Em 1968, a Rhodia apresentou na FENIT o desfile *Momento 68*, com textos de Millôr Fernandes que fazia uma síntese dos acontecimentos daquele ano e teve direção de Ademar Guerra e direção musical Rogério Duprat.

Japiassu¹⁶, (1978), assim descreve a cenografia: *cenário concebido entre o psicodélico e a quase histeria visual. Num dos momentos o palco desaparecia e os bailarinos começavam a dançar em cima de uma galáxia.*

¹⁶ Moacir Japiassu, Revista Isto É, 29/11/1978.

Figura 19: Momento 68. Imagem da fachada do auditório.



Fonte: Painel expográfico - Exposição *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Stravaganza, no ano de 1969, foi o título do desfile apresentado pela Rhodia, com textos de Carlos Drummond de Andrade, contou com a participação de artistas circenses e da cantora Gal Costa. Para este desfile foi montado um verdadeiro picadeiro para denunciar a morte do circo na cultura brasileira. Del Nero assim descreve sua cenografia:

Eu desenhei um picadeiro para todas as atrações, Alceu Pena desenhou todos os costumes e eu fiz a produção. O espaço que nós construímos para abrigar isso tudo ficava fora do pavilhão, porque o espaço dado pelo Caio¹⁷ não era suficiente. Então construímos uma enorme tenda atrás. E, realmente, foi um show muito gratificante e tivemos aventuras gigantescas de produção. Queríamos um carro com cavalos pretos, para fazer o enterro do circo, com as viúvas do circo. E eu achei um em Santa Catarina, comprei e mandei buscar para fazer esse show. (TOLEDO, 2004. p. 40.)

Segundo Bonadio, 2005, com inspiração circense, Del Nero *fez total adaptação do espaço e transformou as entradas do auditório em boca de palhaço e boca de dragão e o palco em três picadeiros.*

¹⁷ Caio de Alcântara Machado.

Figura 20: Stravaganza. Palhaço Piolim em cena.



Fonte: BONADIO, Maria Claudia. Tese de doutorado: O fio sintético é um show! Moda, política e publicidade; Rhodia S.A. 1960-1970. p 137.

Figura 21: Stravaganza.



Gal Costa ladeada pelos palhaços Piolim, Chincharrão, Cigarrito, Xuxu, Bambolé, Poti, Milito e Tony.

Fonte: BONADIO, Maria Claudia. Tese de doutorado: O fio sintético é um show! Moda, política e publicidade; Rhodia S.A. 1960-1970. p 138.

Em 1970, ano dos últimos desfiles da Rhodia na FENIT, foi produzido o *Nhô Look* que retratava a cultura caipira paulista. Lívio Rangan contratou Júlio Medaglia e Rogério Duprat para a trilha musical.

Segundo Bonadio, 2005, o desfile contou com participação da cantora Rita Lee, que interpretou Ritinha Malazarte, ao lado dos seus companheiros de *Os Mutantes*, de violeiros, dançarinos folclóricos e cinco duplas sertanejas, entre elas Tônico e Tinoco.

Também foi produzido *Build up electronic fashion show*, novamente com a cantora Rita Lee. “Build up” é uma expressão que significa construir uma imagem, criar em torno de uma pessoa, ou de um produto, uma maneira de facilitar seu consumo.

Contou com musical de Rogério Duprat e Diogo Pacheco, balé de Ismael Guisers e um variado elenco de artistas: Juca Chaves, Jorge Bem, Tim Maia, Trio Mocotó, Lanny’s Quartet, Os Ephemeros, Coral Crioulos e Os Diagonais. E com diversas projeções em seis telas de slides e documentário colorido.

Bonadio, 2005, descreveu sobre o desfile:

O enredo do show girava em torno de uma garota (interpretada por Rita Lee) que sonhava se tornar uma grande estrela e mostrava os bastidores do mundo da comunicação de massa e da propaganda. O cenário reproduzia as instalações de uma agência de publicidade cujo diretor era representado por Paulo José, e que tinha por clientes os 14 patrocinadores do espetáculo. (BONADIO, 1960-1970. P. 143.)

Figura 22. Rhodia. Editorial de moda com dirigível no pico do Jaraguá, São Paulo.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Figura 23: Cenário de Cyro del Nero para campanha de 50 anos da Rhodia no Brasil



Da esquerda para a direita: Vestido RhodianyI Pabreu com estampa de Tomoshigue Kusuno; vestido de Hermelindo Fiamianghi de malha Tricô-Lã; longo Rhodalba com estampa de Jacques Avadis; vestido de crepe Rhodosá da tecelagem Nossa Senhora do Brasil com estampa de Moacyr Rocha; vestido RhodianyI de crepe Cotesp com estampa de Fernando Martins; vestido de musselina RhodianyI Cotesp com estampa de Frederika Geelmuyden; e vestido Rhodalba de jérsei Jouzas com estampa de Glauco Rodrigues.

Fonte: Peça promocional da Rhodia, 1969. (BASUALDO, 2007, p.86)

É a partir desses desfiles da Rhodia na FENIT que a moda brasileira começa a se profissionalizar e a operar com os profissionais brasileiros e também é quando surgem os editoriais de moda nacionais, antes, todos os trabalhos no mundo da moda – criação e editoriais - vinham direto da Europa. De todos esses desfiles da Rhodia na feira da FENIT, Del Nero assim falou da contribuição cultural:

É tão vasta, que não é só moda, mais foi música também, deu força para uma figura que foi Lennie Dale, que na história da coreografia nacional tem uma importância fundamental. Figuras teatrais todas que acharam apoio, tendo uma atividade que nunca sonharam ter. (TOLETO, 2004. P. 49.)

Nos anos da ditadura brasileira, 1964 – 1985, muitos artistas e intelectuais foram perseguidos, torturados e mortos. Del Nero atuou colaborando na fuga dos amigos, como no caso de Juca de Oliveira, aqui registrado em seu depoimento.

O Brasil participou da *Feira de Osaka no Japão, a Expo 70*, no período de março a setembro de 1970. O tema da feira foi “*Progresso e harmonia para a humanidade*” e contou com a participação de muitos países de diferentes continentes, num total de setenta e sete nações.

Segundo o jornal Folha de São Paulo¹⁸, a curadoria brasileira esteve preocupada em mostrar a arquitetura, e através de um concurso promovido pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, a pedido do Itamarati, foi escolhido o de Paulo Mendes da Rocha e Ruy Othake, que criou uma marquise em concreto armado sob os cuidados da empresa Alcântara Machado Empreendimentos.

Del Nero, à frente do Studio 13, e junto de sua equipe, pesquisou em jornais e revistas fotografias que retratassem a cultura brasileira e que foram impressas em chapas de aço, tal processo naquela época era somente possível no Japão e na Suíça.

Além desses painéis, a exposição também era constituída por uma montagem sonora que tinha a narração de uma partida de futebol, batucada do samba no asfalto e as vozes de Carmem Miranda, Gilberto Gil e Chico Buarque, numa seqüência de duas horas de audição que era reprisada automaticamente.

Ainda o jornal assim detalha a participação do Brasil na Expo 70:

O salão do Itamarati é um misto de ambiente de recepções, de informações e galeria de arte, com quadros pintados por brasileiros descendentes de japoneses. Os móveis são feitos em jacarandá da Bahia e o revestimento das paredes com chapas fornecidas gratuitamente por uma indústria nacional. Nessa área coberta apenas pela marquise também está instalado um balcão em que o café feito em coador não deixa de ser apreciado. (Folha de São Paulo, 16/04/1970. Página 33.)

¹⁸ Folha de São Paulo, 16/04/1970. Página 33.

Figuras 24 A, B e C: Feira de Osaka, Japão.



Fonte: Painel expográfico - CYRO DEL NERO - *Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

No Carnaval de 1971 de São Paulo, segundo o jornal Folha de São Paulo¹⁹ Del Nero foi júri nos quesitos harmonia e alegoria dos desfiles das escolas de samba do primeiro grupo. Del Nero como proprietário da Studio 13, também decorou o baile de carnaval do Hotel Copacabana Palace, com o tema *Colorama alucinante*, que segundo o próprio artista em entrevista para o mesmo jornal²⁰, descreve que a *decoreção era para despertar uma euforia sensível de origem desconhecida, uma odisseia no espaço.*

Com o término dos trabalhos com a Rhodia em 1970, por conta de novas diretrizes de propaganda da empresa que deu início na aplicação do Marketing

¹⁹ Folha de São Paulo, 26/02/1971. Página 10.

²⁰ Folha de São Paulo, 06/02/1971. Página 06.

como ciência relativa ao mercado, Del Nero foi trabalhar como diretor de arte e cenógrafo na TV Tupi, no bairro da Urca na cidade do Rio de Janeiro.

A maior parte da produção na década de 1970 de Cyro Del Nero, foi na televisão, criando cenários para programas, direção de arte e identidade visual das emissoras e suas programações artísticas. A produção de cenografia teatral ficou para somente seis espetáculos, tendo como diretores: Maurice Vaneau, Michael Bogdanov, Jorge Dória, Fernando Torres e Manoel Carlos.

Na TV Tupi do Rio de Janeiro, Del Nero reencontra os amigos da TV Record e Excelsior de São Paulo, como Manoel Carlos que na época era casado com Cidinha Campos. Del Nero, 2004, *para o programa da Cidinha, desenhei uma arena com cadeiras de diretor de cinema com o nome do programa estampado nas costas*. O programa era intitulado: *Cidinha Livre*.

À convite de José Bonifácio Sobrinho²¹ trabalhou na TV Globo de 1973 à 1975, como diretor de arte criando aberturas e vinhetas de novelas, de programas humorísticos e da revista eletrônica *Fantástico*, que foi ao ar em 05/08/1973.

E é para o programa *Fantástico* que Del Nero fez a direção do primeiro videoclipe brasileiro, *Gita*, de Raul Seixas, em 1974, disponível no canal do youtube: *O baú do Raul restaurado*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xkzhFEjOsqA>.

Sobre os trabalhos realizados nas emissoras de televisão por Del Nero, não foi possível catalogar nesta pesquisa toda sua criação, as imagens aqui expostas são apenas uma parte do seu processo criativo.

²¹ José Bonifácio Sobrinho, nasceu em Osasco em 30/11/1935, mais conhecido como Boni. É um publicitário, empresário e diretor da televisão brasileira.

Figura 25: Fantástico. TV Globo, revista eletrônica, 1973.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

No ano de 1972, as transmissões televisivas começaram a ser coloridas. E para que pudessem atender ao colorido das imagens, as emissoras iniciaram o processo de trabalhos que influenciou em todos os seus setores, principalmente: logo, cenários, figurinos e iluminação. Por conta do alto preço do aparelho, a maior parte público brasileiro somente teve acesso a essa mudança no ano 1974, com as vendas impulsionadas pela Copa do Mundo de Futebol.

Figura 26: Semideus. TV Globo, teledramaturgia, 1973.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/o-semideus/>

Figura 27: Os ossos do Barão. TV Globo, teledramaturgia, 1973.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/os-ossos-do-barao-1973/>

Figura 28: Cavalo de aço. TV Globo, teledramaturgia, 1973.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/cavalo-de-aco/>

Figura 29 A e B: Cavalo de aço. Som Livre, discografia com trilha sonora nacional e internacional da teledramaturgia da TV Globo. 1973.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/?s=cavalo+de+a%C3%A7o>

Satiricom foi um programa humorístico produzido e exibido pela Rede Globo semanalmente entre 1973 e 1975. Contava com a participação fixa de Agildo Ribeiro, Paulo Silvino, Jô Soares, Renato Corte Real e Luiz Carlos Miele.

Figura 30: Satiricom. TV Globo: Programa humorístico, 1973.



Fonte: Painel expográfico - CYRO DEL NERO - *Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Segundo o jornal O Globo, Del Nero fez a programação visual do espetáculo de Juca de Oliveira, *O Colecionador*, de John Fowles, e David Parker, com direção de Fernando Torres, no tetro Maison de France, na cidade do Rio de Janeiro. A cenografia foi assinada por Hélio Eichbauer. (22/03/1974, p 30)

Figura 31: Carinhoso. TV Globo, teledramaturgia. 1974.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/carinhoso/>

Figura 32: Corrida do ouro. TV Globo, teledramaturgia. 1974.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/corrida-do-ouro/>

A abertura da novela *O Rebu* representava uma festa e foi feita a partir de desenhos assinados pela artista plástica Marguerita Fahrer com direção de arte de Cyro del Nero. A coluna de Artur da Távola²² do jornal *O Globo*²³, assim a descreve: *lindos os desenhos e a arte de abertura de Cyro del Nero. Erros, porém, tanto no tamanho, como na duração e na cor das letras com o nome da equipe realizadora. Quando está em cima de fundo branco não se vê nada. E a rapidez e tamanho das letras também não permitem boa leitura.*

²² Artur da Távola, pseudônimo de Paulo Alberto Artur da Távola Moretzsonh Monteiro de Barros (1936 – 2008). Foi advogado, jornalista, radialista, escritor, professor e político brasileiro.

²³ *Jornal O Globo*, 09/11/1974. Página: 40.

Figura 33: O Rebu. TV Globo, teledramaturgia. 1974.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/o-rebu-1974/>

Figura 34: O espigão. TV Globo, teledramaturgia. 1974.



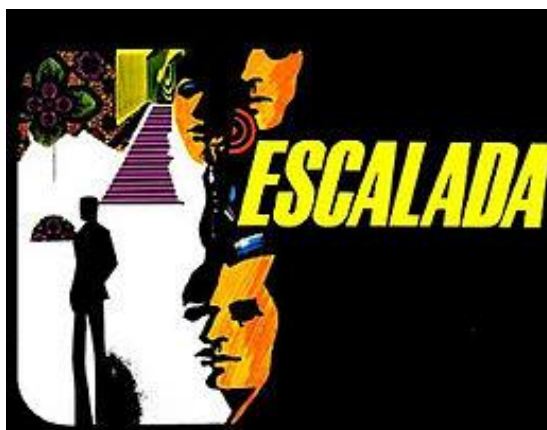
Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/o-espigao/>

Figura 35: Fogos sobre terra. TV Globo, teledramaturgia, 1975.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/fogo-sobre-terra/>

Figura 36: A escalada. TV Globo, teledramaturgia. 1975.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/escalada/>

Figura 37: Cuca legal. TV Globo: teledramaturgia, 1975.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/cuca-legal/>

Figura 38: A Viagem. TV Globo: teledramaturgia, 1975.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/a-viagem-1975/>

Figura 39: Gabriela. TV Globo: teledramaturgia, 1975.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/gabriela-1975/>

Em seu memorial, Del Nero assume que fez um poster, muito provavelmente utilizado como programação visual, cujo desenho era um gravata cortada ao meio por uma tesoura, para o espetáculo *Homem não entra*, monólogo escrito por Heloneida Studart, Rose Marie Stuart e Cidinha Campos e foi dirigido por Manoel Carlos na época casado com Cidinha Campos que interpretava o texto. Segundo Amaral, (2010, 159), a montagem ficou em cartaz no Rio de Janeiro no Teatro da Lagoa que lhe pertencia, no ano de 1975.

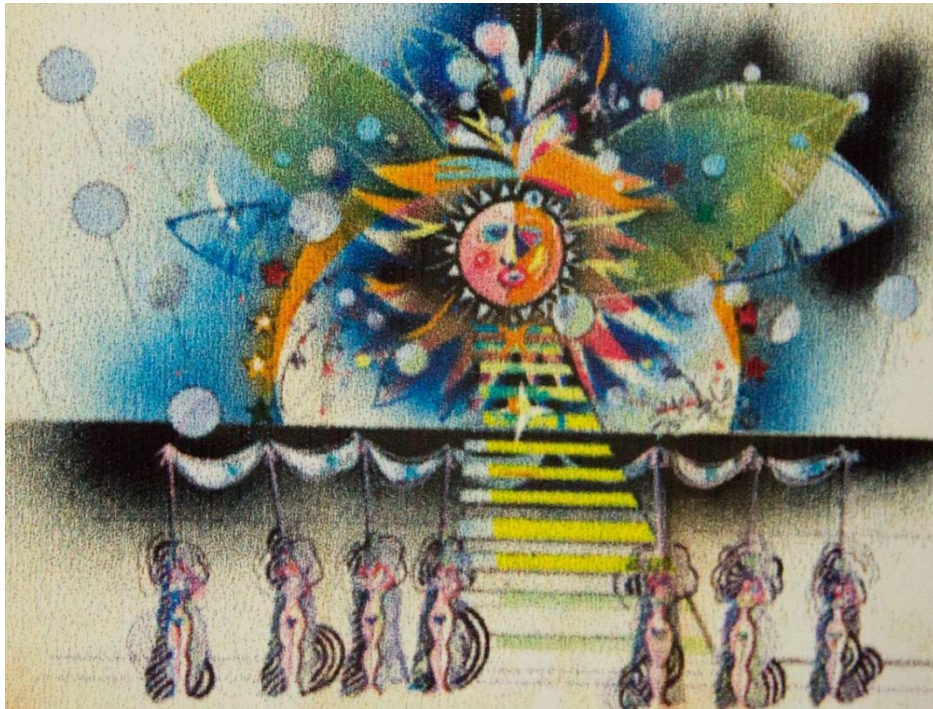
Figura 40: Homem não entra. Anúncio publicitário.



Fonte: O Globo, 20/02/1975. Página 31.

Ainda no Rio de Janeiro, nessa mesma época, desenhou os carros alegóricos para a Escola de Samba Portela para o desfile de Carnaval de 1975. Esse fato foi anunciado no jornal O Globo. O enredo abordava o anti-herói Macunaíma retratado no livro de Mário de Andrade. Del Nero recebeu nota 10 no quesito. No site da escola de samba consta a singela descrição: *A alegoria do Gigante Piaimã, construída por Cyro del Nero, destaca-se pelos efeitos, causando sensação na plateia.* (17/10/1974, p 44)

Figura 41: Escola de Samba Portela. Desfile carnavalesco, 1975.



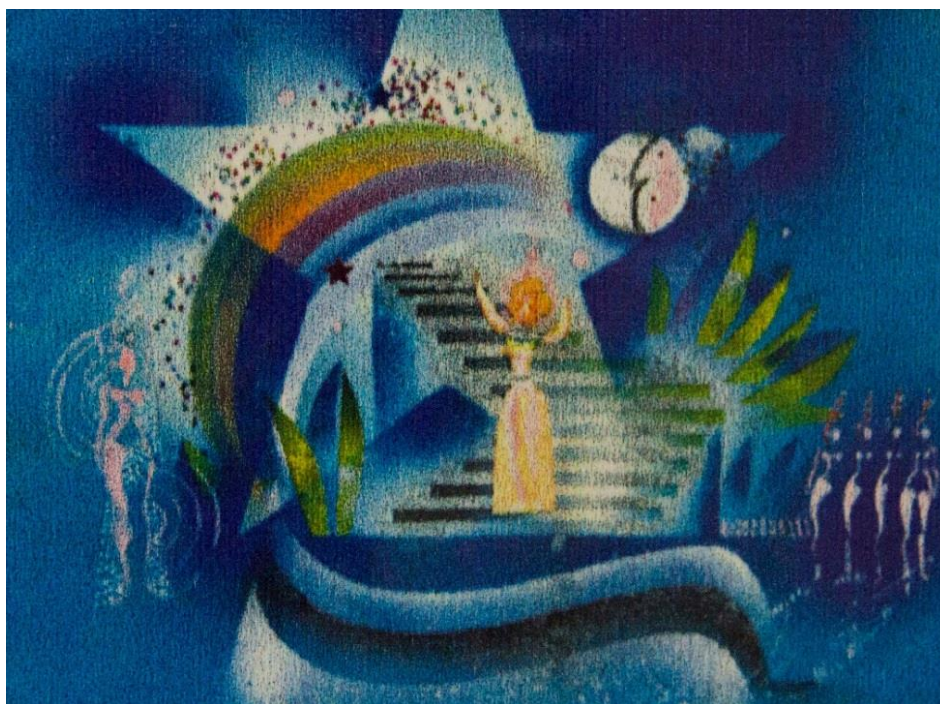
Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Figura 42: Escola de Samba Portela. Desfile carnavalesco, 1975.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Figura 43: Escola de Samba Portela. Desfile carnavalesco, 1975.



Fonte: Painel expográfico *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia*.

O desligamento de Del Nero em 1976 da emissora TV Globo foi constatado no jornal *O Globo*, ressaltando a decaída na qualidade dos trabalhos das aberturas das novelas. (04/09/1976, p 44)

Ainda na década de 1970, Del Nero cenografou diversos shows humorísticos e musicais: Chico Anísio, Elis Regina, Jô Soares, entre outros.

Em 1976, a primeira discoteca da cidade de São Paulo foi inaugurada com o nome *Papagaio Disco Club*, Del Nero criou o espaço arquitetônico no interior da casa noturna e o logotipo.

Figura 44 A e B: Papagaio Disco Club. Registro da casa noturna.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Figura 45: Papagaio Disco Club. Anúncio publicitário.

DIA 22 VAMOS INAUGURAR 6 000 WATTS DE SOM.

PAPAGAIO disco club

Projeto - Cyro Del Nero

São Paulo ganha sua primeira "Disco"*

Local amplo, de diversão sadia, música modernissima, projeções e o máximo de luz e som.

A localização é nobre: CAL CENTER, ali na Avenida Faria Lima, 1575 - 1.º andar.

Divirtam-se!

Diariamente das 21.00 às 04.00 horas.

Sábados e domingos - "Pipoca dançante" das 16.00 às 21.00 horas.

* Disco - Diga discov, forma atual internacionalmente usada para abreviar "discofesteque".

Reba Coca-Cola
AVA CASA DE COMERCIO
BELL'S CASA DE WHISKY
OLD EIGHT EXTRA WHISKY
josias SOM SOB MEDIDA AGORA EM SÃO PAULO Av. Nove de Julho, 5731 Fone 282 5846

DE GRÉVILLE
MR MARTINI
caloi
wea discos Ltda. Werner/Electra/Atlantic
GLEDSON

Fonte: Folha de São Paulo, 21/12/1987, página: 64.

Para o cinema brasileiro, Del Nero, fez cenografia, programação visual e direção.

O documentário *Vozes do Medo* de 1976 é composto por dez histórias que retratam o cotidiano das cidades por meio de linguagem do desenho animado, ficção e realismo fantástico. Cada quadro foi dirigido por um artista, entre eles: Gianfrancesco Guarnieri, Maurício Copovilla, Roberto Santos e Cyro Del Nero, conforme noticiado no jornal Folha de São Paulo²⁴.

Del Nero criou a identidade visual do filme *Dona flor e seus dois maridos*, de Bruno Barreto, lançado em 1978, adaptação da obra de Jorge Amado. Na ilustração é possível perceber uma genitália feminina em forma de flor.

Figura 46. Dona flor e seus dois maridos. Filme. Identidade visual.

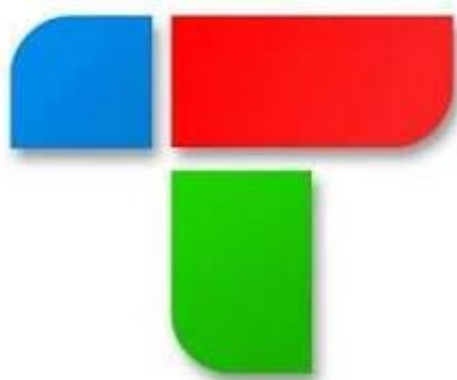


Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

No final da década de 1970, Cyro del Nero retornou para TV Tupi, porém desta vez na cidade de São Paulo, criando cenografia e abertura para os programas e teledramaturgia. E deixou sua marca colorindo o logo da emissora:

²⁴ Folha de São Paulo, 01 de outubro de 1976, página 26.

Figura 47: TV Tupi. Logomarca.



Fonte: Painel expográfico *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

A Rede Tupi de Televisão realizou diversos festivais de música popular brasileira. Segundo o jornal Folha de São Paulo²⁵, Del Nero que na época era diretor do Núcleo de criação visual, criou a logomarca e cenografou o *Festival 79*, realizado em novembro daquele ano no Palácio de Convenções Anhembi e transmitido pela emissora.

Figura 48: TV Tupi. Logomarca.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Vida Alves, (2008, 309), atriz pioneira da televisão brasileira, descreveu que no final da vida da emissora, *Del Nero fez trabalhos belíssimos na TV Tupi, entre 1976 à 1980.*

²⁵ Folha de São Paulo, 11 de novembro de 1979, página 66.

Para emissora TV Tupi, Del Nero, também criou identidade visual e aberturas para vários programas de entretenimento e teledramaturgia. Entre os trabalhos desenvolvidos, Del Nero, criou nova identidade visual para o programa *Almoço com as Estrelas*, que eram transmitidos aos sábados, das 12h30m às 16h, com apresentação do casal Airton Rodrigues e Lolita Rodrigues, e esteve no ar por 23 anos. O entretenimento que começou em 1956 foi transmitido até o final da emissora.

Figura 49: Gaivotas. TV Tupi, teledramaturgia, 1979.



Fonte: <http://teledramaturgia.com.br/gaivotas/>

A rede TV Tupi foi fundada em 1950 na cidade de São Paulo, por Assis Chateaubriand, a Rede Tupi de Televisão, a primeira emissora brasileira transmitiu sua programação até 1980. Sobre o término da emissora de TV Tupi de São Paulo, Del Nero assim expressou:

Tudo terminou quando uns senhores vieram buscar nossa pureza, nosso cristal. Declararam que tinham uma intimação para retirar o cristal de nossos transmissores e nós saímos do ar, descemos de nossas nuvens, entregamos a coroa de nossos talentos. E, na despedida do cristal, entramos num permanente silêncio.
Del Nero, 2008, 74

Na década de 80, Del Nero, trabalhou em outras duas emissoras de televisão: Rede Bandeirantes de Televisão e a TV Brasília. Sua produção de cenografia teatral manteve o mesmo ritmo da década anterior. Destaco: *Dona Flor e seus maridos* e *Meno Male*.

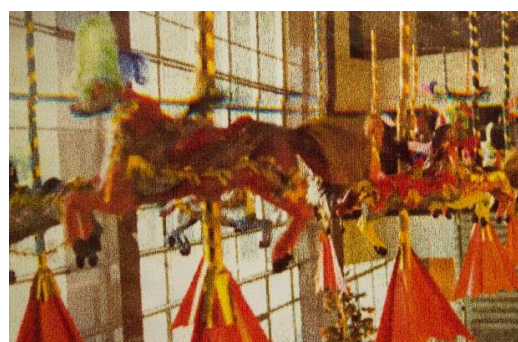
Na TV Brasília, Del Nero, teve um curto tempo de trabalho, e criou a identidade visual da emissora e lay-out das páginas de anúncios com a grade de programação. A TV Brasília pertenceu até 1980 aos Diários Associados de Assis Chateaubriand e foi inaugurada em 21 de abril de 1960, data da transferência da capital.

Em 1980, no período de agosto a outubro, organizou-se a exposição *Cenografia e Indumentária no TBC: 16 anos de história*, que abrangia em painéis uma significativa amostragem de fotografias, croquis, plantas, desenhos e perspectivas, possibilitando uma visão de conjunto dos trabalhos dos cenógrafos que trabalharam no TBC. Entre eles: Mauro Francini, Bassano Vacari, Tulio Costa, Aldo Calvo, Maria Bononi, Gianni Ratto, Maurice Vaneau, Sérgio Cardoso, Hilde Weber e Cyro Del Nero.

A exposição foi traduzida em textos, assinados por José Carlos Serroni e José Armando Ferrara e editados no livro homônimo, ainda em 1980.

Um ano depois, Del Nero decorou o clube Monte Líbano para o réveillon com o tema *Carroussel*, que segundo Tavares de Miranda, colunista da Folha de São Paulo naquela época, *tratava-se da mais criativa e luxuosa da história do clube*.

Figura 50 A, B e C: Decoração carnavalesca do clube Monte Líbano.



Fonte: Exposição *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia*.

Na TV Bandeirantes, é possível destacar seus trabalhos de identidade visual para a emissora e para a série *O barco do Amor* e, a cenografia do programa de variedades de Clodovil²⁶, que tinha direção de Maurício Scherman. O programa do estilista foi transmitido no ano de 1983, durante sua curta passagem pelo canal.

Figura 51: TV Bandeirantes. Identidade visual.

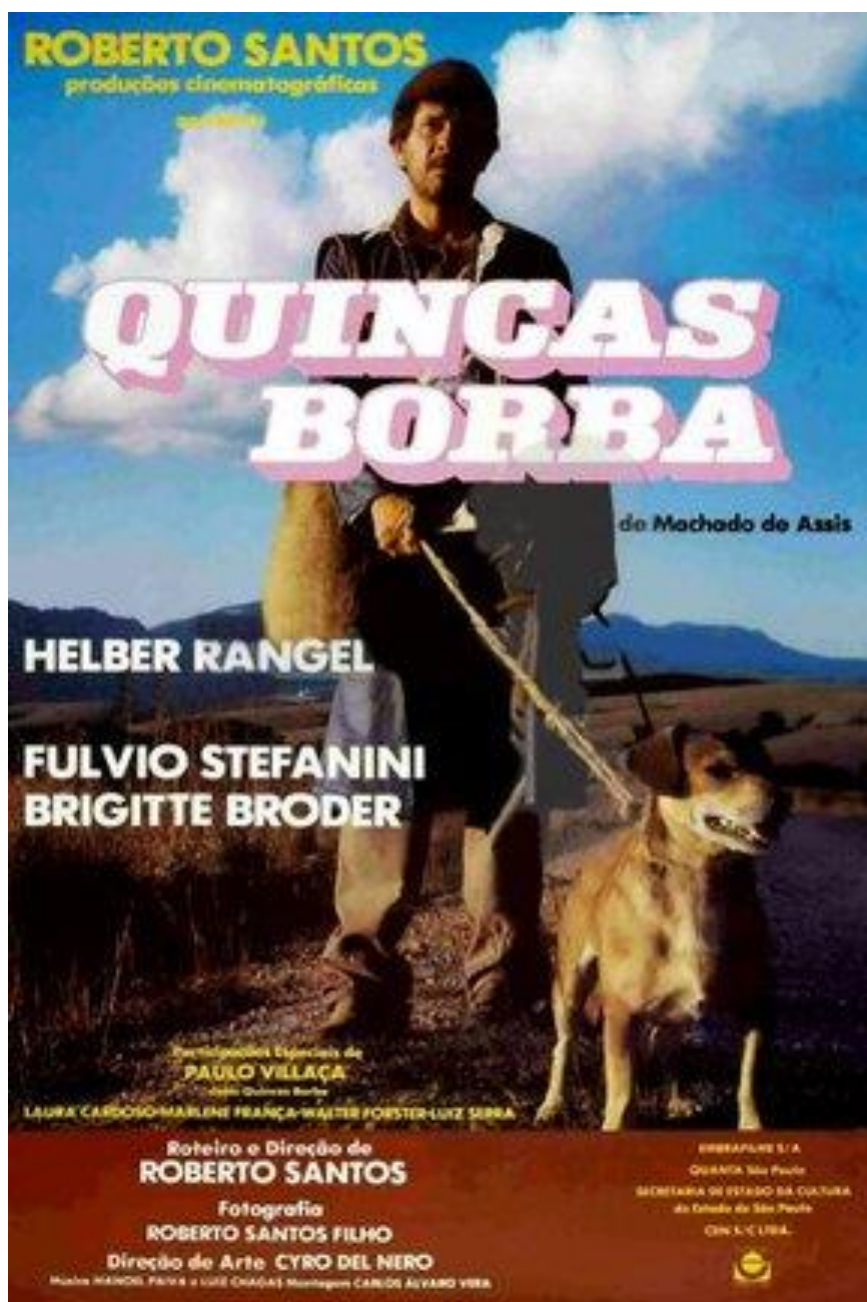


Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Em 1981, Del Nero, assinou a direção de arte do filme: *Eros, o deus do amor*, de Walter Hugo Khouri. E também do filme *Quincas Borba*, de Roberto Santos.

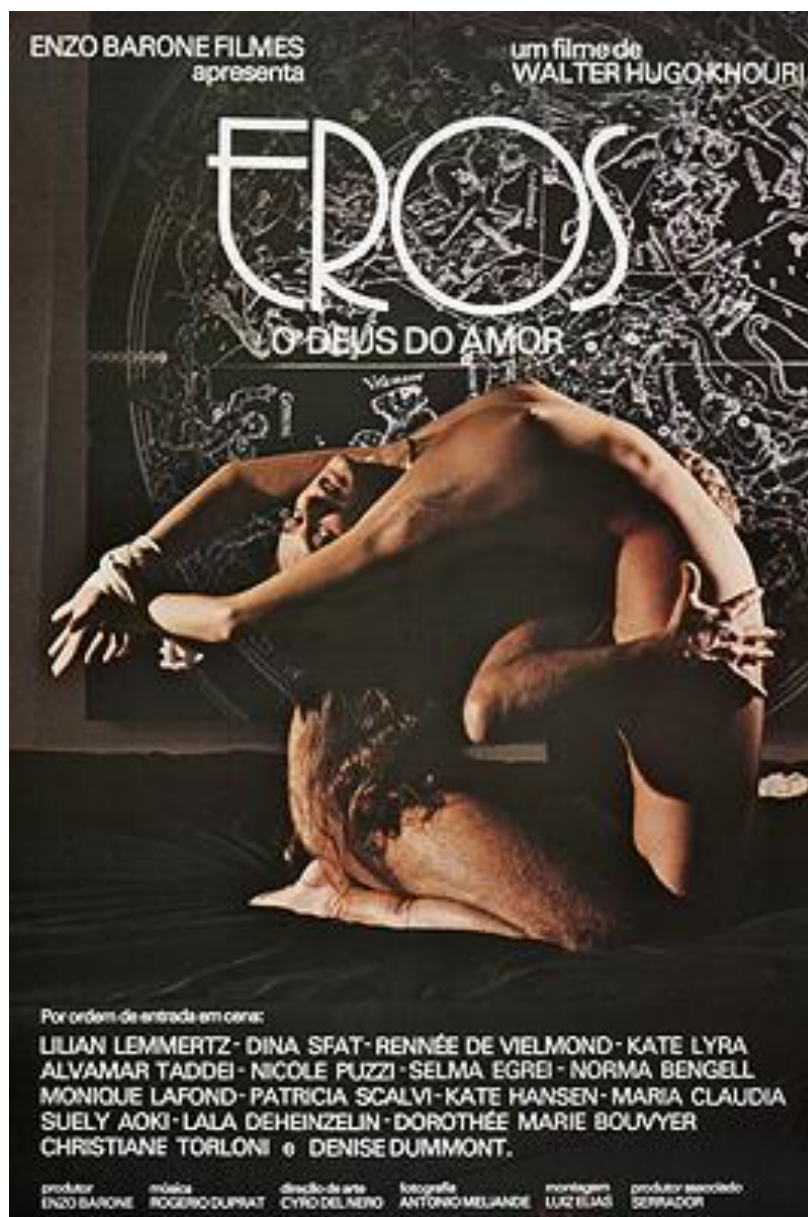
²⁶ Clodovil Hernandez (nasceu em Elisiário, São Paulo, 17/06/1937 e faleceu em Brasília, 17/03/2009). Foi estilista, apresentador de televisão e político brasileiro. Atuou como estilista e apresentador de programas em diversas emissoras. Tornou-se o terceiro deputado federal mais votado do País nas eleições de 2006

Figura 52: Quincas borba. Cartaz do filme.



Disponível: <https://filmow.com/quincas-borba-t74596/>

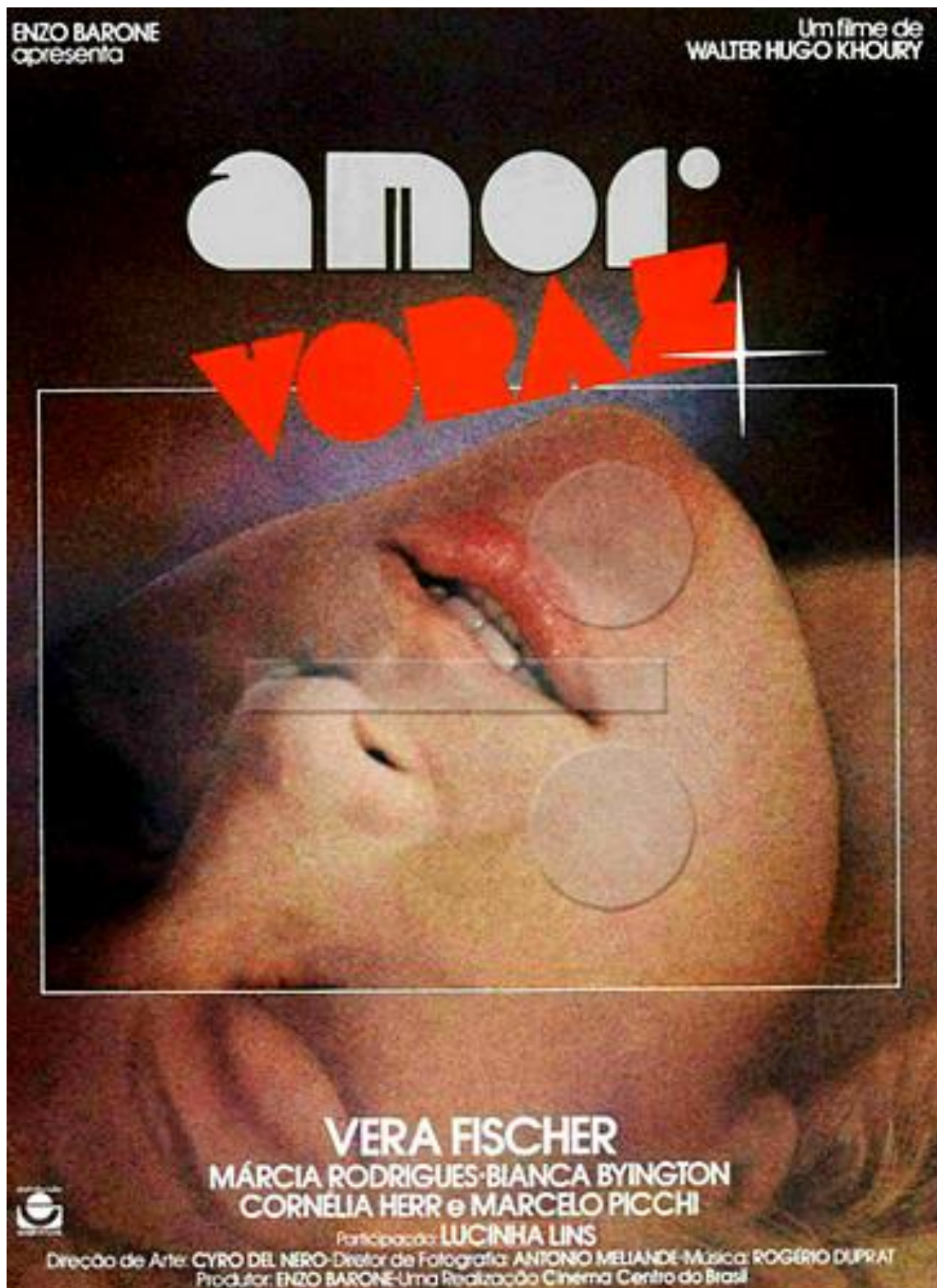
Figura 53: Eros, o deus o amor. Cartaz do filme.



Fonte: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>

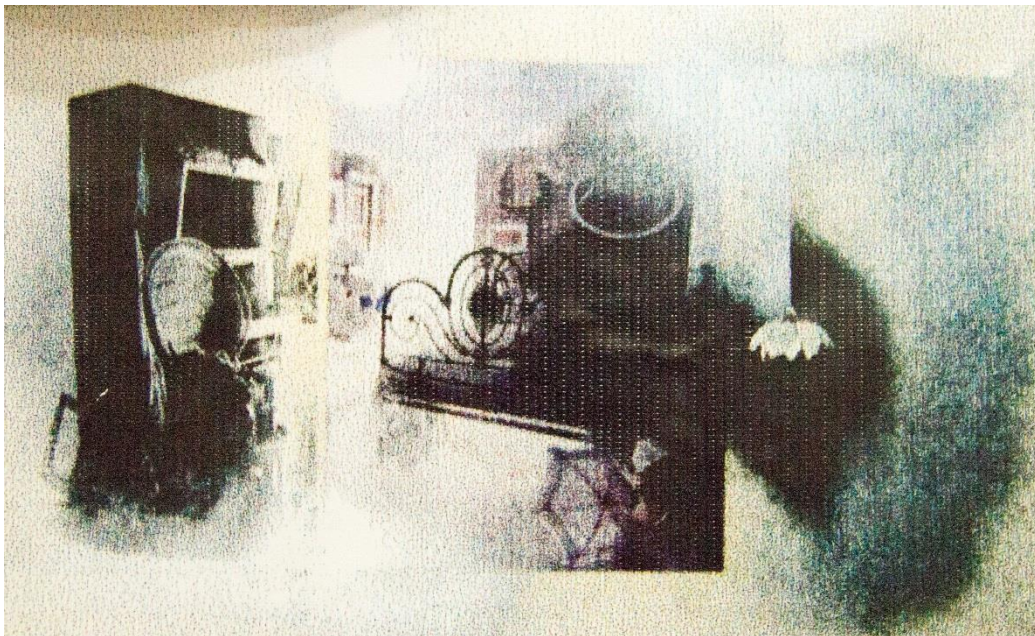
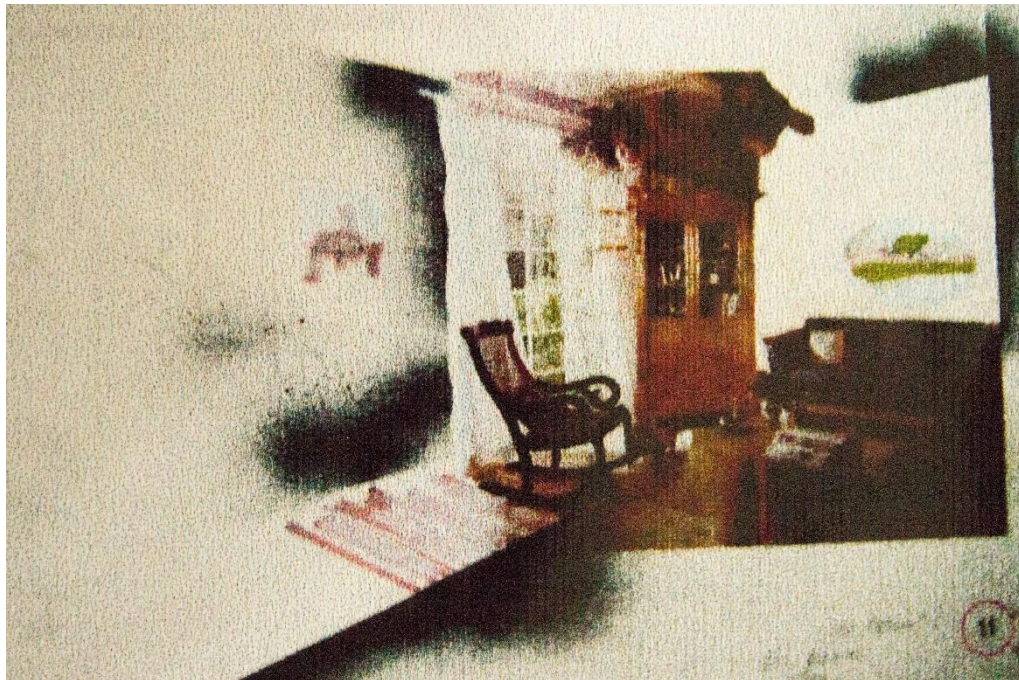
Ainda para o cinema, em 1984, Cyro del Nero faz a direção de arte do filme *Amor Voraz* de Walter Hugo Khouri. O elenco contou com Vera Fischer e participação especial de Lucinha Lins. Como diretor de arte, Del Nero fez a concepção da cenografia da obra cinematográfica.

Figura 54: Amor Voraz. Cartaz do filme, 1984.



Fonte: <https://www.filmesnocinema.com.br/filmes/amor-voraz>

Figura 55 A e B: Amor Voraz. Croquis da cenografia.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Inaugurada em 28 de dezembro de 1985, a casa de espetáculos *Palladium*, era gerenciada por Abelardo Figueiredo e toda sua estrutura de caixa cênica e

plateia foi arquitetada por Del Nero que também assinou a cenografia do show de abertura intitulado *São Paulo night andei* com textos de Manoel Carlos, direção cênica de Ivan Lima e concepção e direção geral de Abelardo Figueiredo.

A *Palladium* estava localizada no último andar do Shopping Center Eldorado na cidade São Paulo com capacidade para mil pessoas na plateia.

Para Figueiredo, (2012, 200), Abelardo tinha orgulho da equipe que convidara para trabalhar, *o time era da pesada: o maestro José Briamonte na direção musical, Cyro del Nero na cenografia e toda concepção cênica, desenho de palco; textos do Maneco, meu querido Manoel Carlos, o grande; coreografia de Ciro Barcelos.*

Figura 56. Teatro Palladium. Maquete.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Em 1988, pela editora Global, na cidade São Paulo, o maestro Júlio Medaglia lançou o livro *Música Impopular*, com capa e ilustrações internas concebidas por Cyro Del Nero. A obra reúne artigos e entrevistas do maestro abrangendo vários estilos e músicos de diferentes épocas, com destaque para a visão crítica do autor em relação à massificação cultural como empobrecedora da criatividade musical.

Figura 57: Música impopular. Ilustração da capa.



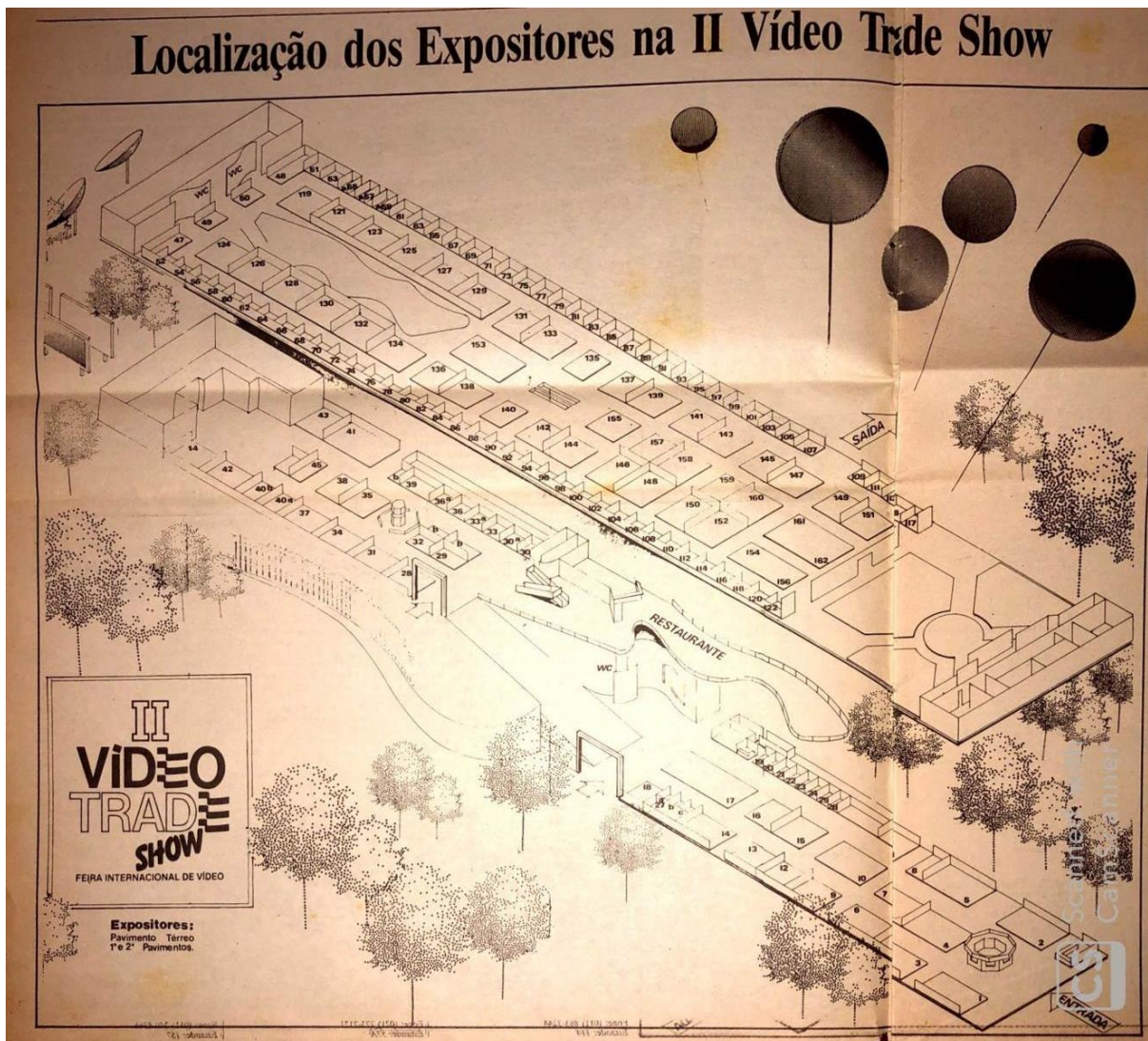
Fonte: Acervo do pesquisador.

Em março de 1989, em parceria com mais dois sócios, Del Nero realizou a feira *II Trade Show*, no pavilhão do Parque Ibirapuera, voltada para o ramo de distribuição de filmes em fitas VHS. Era o momento do entretenimento através de novos aparelhos que estavam surgindo no mercado. O videocassete, antecessor ao sistema de leitura por dvd, estava começando a ocupar seu espaço nas casas brasileiras daquela época. A utilização das fitas com os filmes era feita através da locação do usuário nas videolocadoras.

O jornal O Estado de São Paulo, assim descreve a feira:

Cyro del Nero criou um macroambiente de mercado em torno das fitas seladas de vídeo. Fabricantes de toda espécie de aparelhos e serviços ligadas ao setor ocuparão bons metros quadrados do Pavilhão da Bienal. Serão comercializadas fitas de viodecassete, *displays* rotativos, de parede, e chapeiras para videolocadoras. Desde fitas adesivas e etiquetas, estojos plásticos para fitas cassete, a telões eletrônicos para empresas e domicílios. A Sharp mostrará seus modelos de TV e viodecassete. E a Philco, além de todo o seu arsenal de imagem, entrará na área do som apresentando seu *compact disc*. (O Estado de São Paulo, 15/03/1989. Página 05.)

Figura 58: II Trade Vídeo. Planta da feira.



Fonte: Acervo Kaspar Boyadjand.

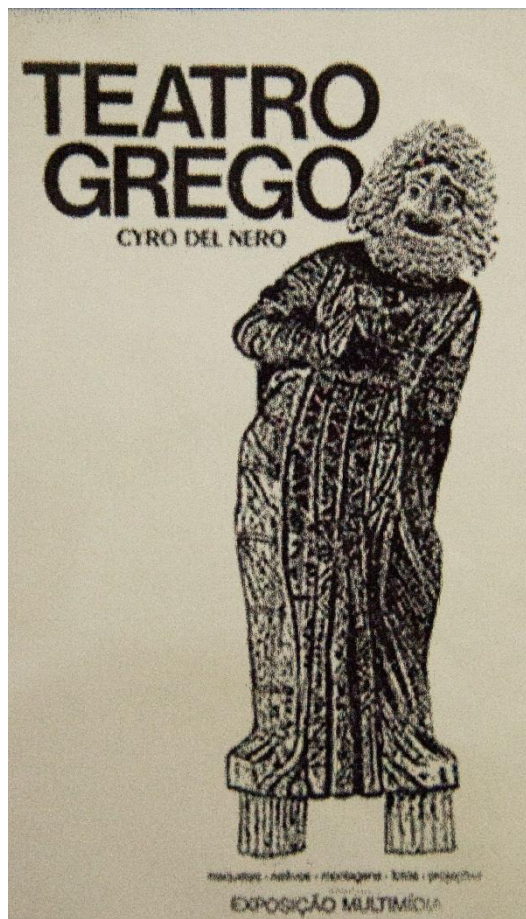
Na década de 1990, destacam-se várias exposições em que Del Nero fez a cenografia e a curadoria, devido em parte, por seu trabalho como assessor cultural do Centro Cultural de São Paulo. As exposições foram realizadas em diversos equipamentos culturais da cidade São Paulo, Paris - França e Milão - Itália. Também dedicou às cenografias de várias óperas.

No ano de 1993, a exposição multimídia *O Teatro Grego* com curadoria de Cyro del Nero marcou a reinauguração das instalações ampliadas da unidade Santana do Senac, que permitiram incluir na programação os cursos de artes cênicas e fotografia. A ideia inicial da exposição era homenagear Flávio Rangel, considerado um dos mais importantes diretores da cena teatral brasileira.

Segundo o site do Senac²⁷, a proposta de curadoria de Del Nero foi de resgatar o teatro grego e também um panorama cultural da Grécia antiga com painéis iconográficos, maquetes, relevos, montagens e fotos.

Na ocasião também foi lançado o curso de *Cenotécnica*, com duração de seis meses e contou com suporte de Marina Toledo, Maurice Vaneau, José Gomes Pupe, Nelson Urssi, e Mário de Almeida. O programa foi direcionado a profissionais e estudantes interessados na montagem de cenários para teatro, cinema, televisão, *stands*, *shows* e estúdios. Em 1995, o curso evoluiu para Curso Técnico Ator com programa específico para a formação de profissionais para o mercado de cinema, teatro, publicidade e televisão.

Figura 59: Exposição Teatro Grego. Identidade visual.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

²⁷<https://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?tab=00002&subTab=00000&newsID=a9778.htm&testeira=453>

No período de 06 de março a 05 de abril de 1995, aconteceu a exposição *Imigração Italiana* no Centro Cultural São Paulo, promovida pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e o Consulado Geral da Itália, com curadoria de Cyro de Nero, segundo o site Uol do grupo Folha de São Paulo²⁸.

Nas paredes do Centro Cultural São Paulo foram feitas reproduções de fotografias dos imigrantes italianos e desenhos dos desembarques dos navios.

Figura 60: Exposição Imigração Italiana. Programa da exposição.

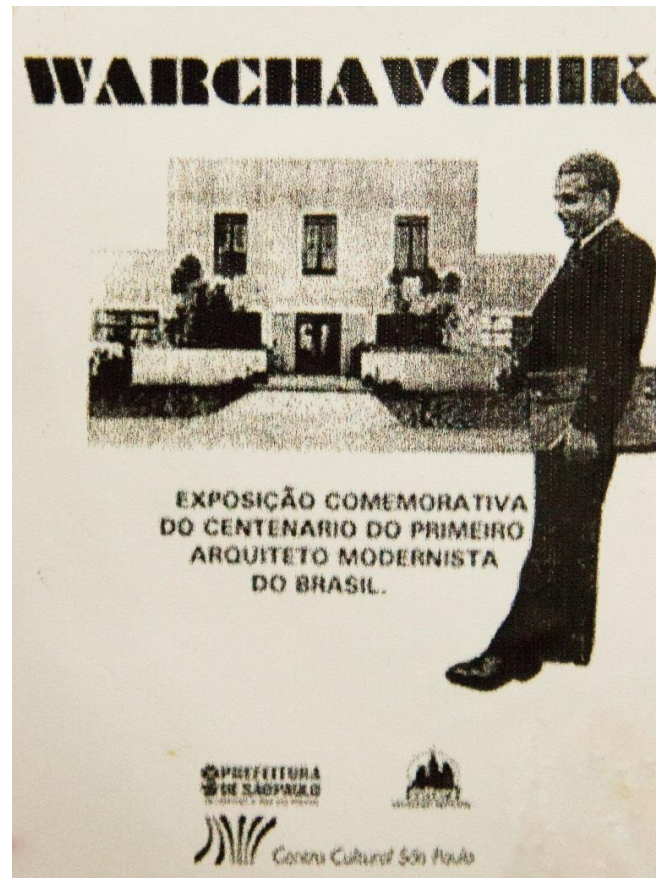


Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

No ano seguinte 1996, ainda no Centro Cultural São Paulo, Del Nero fez a curadoria da exposição *Warchavchic*, comemorativa do centenário do primeiro arquiteto modernista do Brasil, *Gregori Warchavchic*.

²⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/2/10/ilustrada/2.html>

Figura 61: Exposição Warchavchik. Programa da exposição.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Em 1997, na Fundação Casper Líbero em São Paulo, Del Nero realizou a exposição *Cyro del Nero – 45 anos de televisão, teatro, cinema e moda*. Segundo o jornal Folha de São Paulo, *Del Nero exibiu obras que fez para as emissoras: Excelsior, Globo e Bandeirantes.* (25/07/1997, Ilustrada, 14).

Segundo Joyce Pascowitch²⁹, por conta da realização da Copa do Mundo de Futebol na França em 1998, o museu do Louvre recebeu a exposição “*É tempo de Brasil*” com curadoria de Del Nero.

Del Nero replicou parte da floresta Amazônica através de fotografias das árvores e objetos indígenas nas paredes e da vista aérea da floresta no piso, decorados com objetos de cerâmica indígena. E para que os visitantes pudessem conhecer as frutas brasileiras, providenciou a distribuição de picolés de frutas.

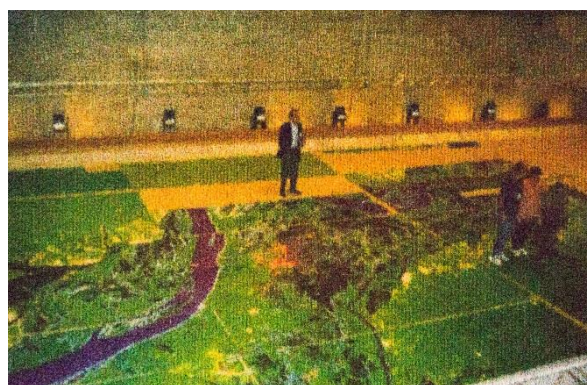
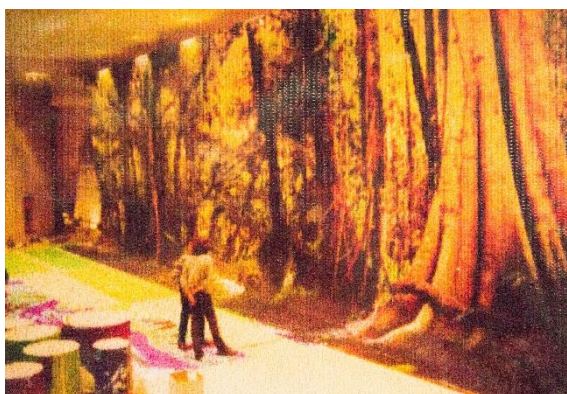
²⁹ Colunista do caderno Ilustrada da Folha de São Paulo e do site Uol. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq15069808.htm>

Figura 62: Exposição: É tempo de Brasil. Anúncio publicitário.



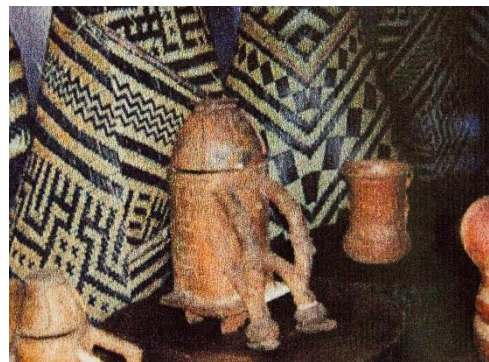
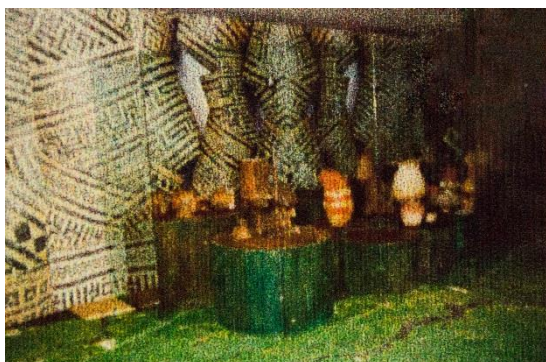
Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Figura 63 A e B: Exposição É tempo de Brasil.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

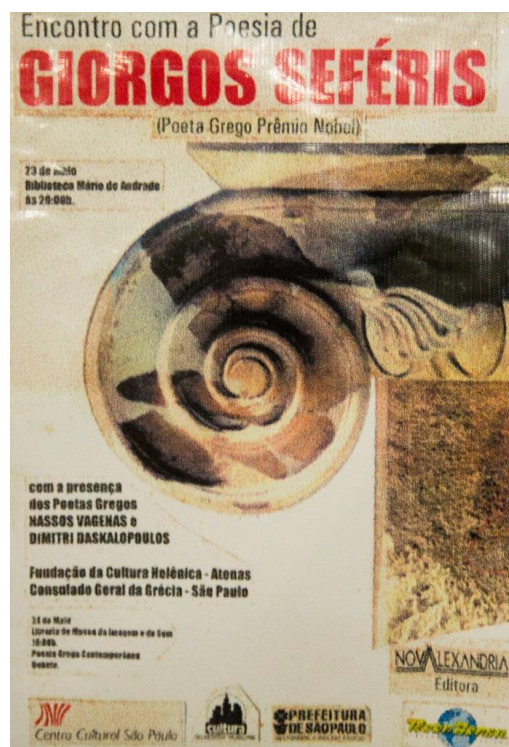
Figura 64 A e B: Exposição É tempo de Brasil.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Segundo a descrição da legenda criada por Del Nero para a exposição *CYRO DEL NERO- Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia*, o cenógrafo assumiu a curadoria de *Encontro com a Poesia de Giorgos Seféris*, em 1995, na biblioteca Mário de Andrade, não foi possível encontrar outro dado para confrontar e exemplificar claramente o trabalho que foi desenvolvido.

Figura 65: Exposição É tempo de Brasil.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia*.

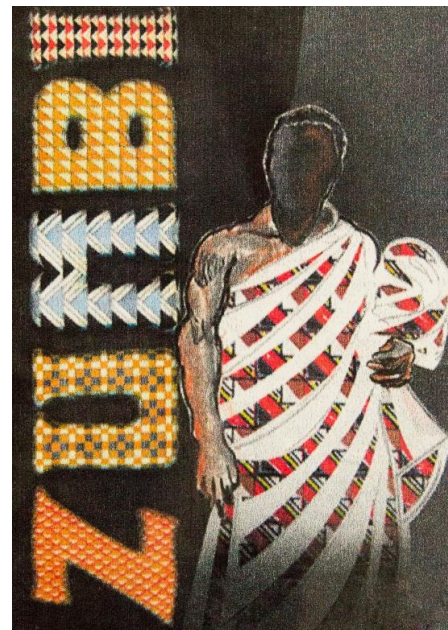
Del Nero fez a ilustração gráfica de uma matéria jornalística na revista VEJA, edição 1419, com desenhos sobre Zumbi dos Palmares e negros escravos daquela época. Segundo a legenda da imagem que consta na exposição realizada em Piracicaba, as ilustrações foram ampliadas e fizeram parte de uma exposição no Senado Nacional.

Figura 66 A e B: Zumbis dos palmares. Ilustração.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Figura 67 A e B: Zumbis dos palmares. Ilustração.



Fonte: Exposição *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

HISTÓRIA

O mais novo herói

Trezentos anos depois de sua morte, Zumbi de Palmares entra para a galeria dos heróis oficiais. O líder da resistência dos escravos sempre foi e deve continuar envolto em mistério, mas pode revelar muito sobre a nossa própria História

VILMA GRZYNSKI

Ele era baixinho e magrículo. Coxo, mancava da perna esquerda, por causa de um mal curado ferimento à bala. Foi coroado na infância, versado em português e latim, e possivelmente conservou algo da fé católica. Talvez tenha tido uma mulher branca, "levada contra a vontade de seu tutor". Talvez nem sequer tenha sido uma única pessoa — mas sim dois ou até três, diferentes comandantes negros que, como o Fantasma-que-Anda das histórias em quadrinhos, assumiram sucessivamente o título de Zumbi. Conhecê-se apenas uma única, e amarga, frase atribuída a ele — e assim mesmo reproduzida pelo homem que o criou e destruiu o quilombo dos Palmares: o relato de escravos fugidos e "filhos dos matos" que durante cerca de um século resistiu às investidas das autoridades do Brasil colonial. "Amambá, serenos entoados, e mortos, e nossas mulheres e filhos cativos", teria dito, quando viu que a derrota era inevitável.

Pois é este homem-sombra, quase desconhecido, "pequeno de estatura e magro de corpo", morto qual fera acuada no dia 20 de novembro de 1695, que ressurge 300 anos depois

rico, ele "ainda, esteja na penumbra", segundo diz o sociólogo Clovis Moura, um estudioso da escravidão no Brasil. Zumbi foi o último, o mais conhecido e o mais intransigente líder dos Palmares, uma região selvagem do sertão de Alagoas, então parte da capitania de Pernambuco. Era lá que, "estimando mais a liberdade entre as feras que a sujeição entre os homens" (Sebastião da Rocha Pitta, autor de *História da América Portuguesa*, de 1730), fugitivos do flagelo da escravidão já se acotavam desde o fim do século XVI.

Os "mocambos dos negros" — a palavra quilombo ainda não existia — cresceram extraordinariamente depois da invasão holandesa, transformando-se num desafio intragável para o sistema político da época.

Como fazem hoje os secretários de Segurança no dia da posse, com promessas invariavelmente semelhantes, de combate sem quartel à

criminalidade, cada governador de Pernambuco que chegava de Portugal tinha um projeto para acabar com Palmares. Dezenas de expedições armadas fracassaram. Palmares só foi cair por obra do mais impetuoso dos paulistas, como se chamavam os caçadores de índios vindos da selvagem província do sul. Domingos Jorge Velho eliminou Palmares do mapa — mas não da História. Numa batalha travada na madrugada de 6 de fevereiro de 1694, depois de 22 dias de cerco, foi dizimada a principal cidade dos palmarinos, no alto da Serra da Barriga. Zumbi escapou e, durante quase dois anos, sobreviveu no mato. Acabou delatado por um compatriota capturado. Foi morto numa emboscada, mutilado e castrado. Acondicionado em sal, sua cabeça seguiu para o Recife.

Desde então, Zumbi teve várias reencarnações históricas — todas fasci-

do Brasil

um personagem que preferiu a morte à escravidão. Até o implacávelpositivista baiano Nina Rodrigues reconhecido, na década de 30, "a justa admiração pelo valor e a abnegação com a qual Palmares se defendeu". A admiração não o impediu de exaltar a destruição da "maior das ameixas" à civilização do futuro povo brasileiro". Se Palmares fosse vitorioso, alterava o mulato Rodrigues, "o plano traçado no coração do Brasil um novo Haiti, refratário a todo progresso e inacessível à civilização".

Esta visão racista e politicamente incorretíssima, Palmares e seu personagem símbolo, Zumbi, ressuriram no fim da década de 60 como protagonistas de uma pioneira luta de classes. Transformado numa espécie de Che Guevara do século XVII, irrompeu na História o Zumbi herói revolucionário. Os tempos explicavam a nova reencarnação. Ex-funcionário do governo João Goulart, exilado no Uruguai pelo golpe de 1964, o advogado e historiador gaúcho Décio Freitas recebeu a missão de escrever a "base histórica" para as reivindicações políticas do grupo que tramava um contragolpe, nunca realizado. "Encontrei um episódio da História do Brasil que me pareceu interessante: uma revolta negra, de ex-escravos, que abalou o poder colonial português", relembra Décio Freitas. Nasceu assim a onda moderna da historiografia palmarina, marcada pela visão estratégica marxista e o entusiasmo tático pelo foquismo. O título da primeira versão do livro de Freitas, publicado em Montevideu, era significativo: *Palmares, la Guerrilla Negra*.

A visão idílica de Palmares como uma sociedade proto-socialista e de Zumbi como um herói mítico foi reapropriada pelo movimento negro a partir da década de 80. "Foi uma alternativa ao mito da princesa Isabel", observa o professor Reis. Mito por mito, Zumbi, um guerreiro valoroso que tombou lutando contra os escravizadores, depois de lutas infligir diversas derrotas, realmente é muito mais apropriado para o movimento negro do que uma princesa branca, pelo menos em termos de agitação no calendário, está funcionando. Hoje, o 13 de maio passa quase despercebido, exceto pela ótica negativa, ressaltada pelo presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, ao raspar a cabeça, em protesto capilar. O Dia da Consciência Negra, celebrado na data da morte de Zumbi, desencadeia uma enxurrada de



um incômodo lembrete de que a História poderia repetir-se. "Era recorrente a idéia de que 'não podemos permitir outro Palmares'. Para as classes dominantes, este foi o grande medo do século XVIII, só substituído, mais tarde, pelo Haiti", comenta o historiador baiano João José Reis, evocando o pavor da sociedade da época diante da cruzeta rebelião na ilha do Caribe, onde escravos insurretos degolaram seus amos franceses, jogaram futebol com suas cabeças e fundaram a única república negra do continente. A medida que se distanciava no tempo, Zumbi foi ficando mais simpático e menos perigoso. No século passado, num arroubo de romantismo, o historiador português Oliveira Martins comparou Palmares, "o mais belo, o mais heroico de todos os exemplos históricos do protesto do escravo", a uma "Tróia negra".

E difícil, realmente, resistir ao apelo universal de



No final da década, com convite do Prof. Dr. José Eduardo Vendramini, Del Nero concorreu a uma vaga de professor na disciplina de Cenografia e Indumentária na graduação do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP em 1998.

Renê Piazzentini, hoje doutor em Artes Cênicas, fazia parte daquela turma de alunos que o receberam primeiramente. Ele destaca o empenho com que Del Nero preparava suas aulas, trazendo em uma apostila para cada aula, referências de livros dos temas abordados. Também fotografava em slides muitas imagens para melhor compreensão das aulas.

“E deixando claro, eu não estou sendo injusto com outras disciplinas onde há a necessidade talvez de lançar mão desses recursos não fossem tão presentes, mas era a comprovação de que aquilo foi pensado, foi preparado, teve um cuidado. (depoimento PIAZZENTINI, 2017).

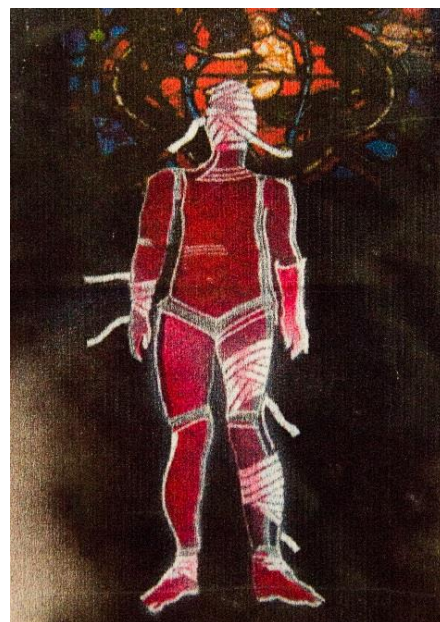
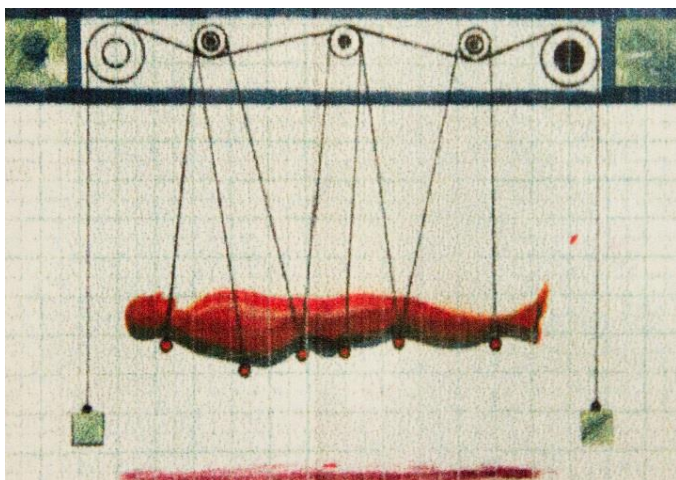
Colaborava e contribuía para o crescimento dos alunos além da sala de aula, quando estes eram despertados para outras áreas, a música clássica, por exemplo, que sempre esteve presente em sua vida. Além disso, levava os alunos para visitas guiadas no Teatro Alpha e Municipal na cidade de São Paulo. Algumas aulas foram proferidas em seu estúdio que na época era localizado na rua Boturoca, para que os alunos pudessem dispor dos materiais e equipamentos ali existentes como grandes mesas, livros e materiais diversos, como: maquetes e programas de outros espetáculos.

Além da atividade de professor de Indumentária e Cenografia, Del Nero também assinou cenografia e figurinos de espetáculos das turmas de alunos da ECA-USP.

No ano seguinte 2000, segundo o jornal O Estado de São Paulo³⁰, teve inauguração da galeria de arte da ECA-USP, com a exposição *Cem anos do poeta Giórgos Seféris*, com curadoria de Cyro del Nero. Após esta exposição, fez a curadoria de *Frankenstein*, com desenhos e gravuras do personagem do romance de terror gótico.

³⁰ O Estado de São Paulo, 29/08/2000. Página D5.

Figura 69 A e B: Franskestein. Ilustração para exposição.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Além da curadoria de exposições na galeria pertencente à ECA-USP e aos trabalhos como professor na graduação da Del Nero também continuou atuando em outras frentes.

No final do ano de 1999, Del Nero participou da exposição coletiva *O consumo*³¹, junto com Frederico Moraes e Adélia Borges. Era um conjunto de cinco mostras intituladas: *Kitsch*, *Beba Mona Lisa*, *Metamorfose do consumo*, *Paratodos* e *Novos Alquimistas*. Del Nero fez a curadoria de *Metamorfose do Consumo*, realizada no Itaú Cultural³², localizado na avenida Paulista, 149 na cidade de São Paulo.

Segundo Bonadio (2011) Del Nero expôs em *Metamorfose do Consumo* parte do seu acervo de fotografias, croquis e outros materiais, que eram referentes ao período dos desfiles de moda da Rhodia na Fenit na década de 1960.

Na primeira década de 2000, a derradeira de Del Nero, o cenógrafo continuou

³¹ O Estado de São Paulo, 27/01/2000. Página D14.

³² O Consumo (1999: São Paulo, SP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento80115/cotidianoarte-o-consumo-1999-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 18 de Abr. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

trabalhando em espetáculos teatrais, o que lhe garantiu outro prêmio, curadoria de exposições, assessoria em moda, e sobretudo, escreveu livros em que deixou gravado todo seu legado cultural.

Ainda em março de 2000, com iniciativa da Câmara Americana do Comércio de São Paulo, cenografou nas dependências do Shopping Morumbi, uma réplica de uma casa americana do início do século XXI, capaz de reproduzir seu estilo de vida, cada cômodo foi decorado segundo estilos regionais americano. O jornal O Estado de São Paulo³³, assim descreve: *uma casa com quinhentos metros de área construída, dois pavimentos e dezesseis cômodos.*

Além da referida casa, também foi construído uma réplica da estátua da liberdade com quinze metros de altura no estacionamento do shopping, construída por Celso Rorato e o escultor Silvio Giraldi em isopor revestido de fibra com estrutura de ferro em seu interno para sustentação.

No mesmo ano, participou junto das festividades dos 50 anos da televisão no Brasil, da *Mostra* organizada por Vida Alves no Conjunto Nacional na avenida Paulista em São Paulo. Segundo o jornal O Estado de São Paulo³⁴, para essa mostra assinou a cenografia dos totens iluminados com fotos dos artistas pioneiros deste meio de comunicação.

Para comemorar o primeiro Natal do CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil na cidade de São Paulo em 2001, o CCBB realizou uma programação cultural natalina gratuita intitulada *São Paulo de todo o mundo*, com diversas apresentações artísticas de diferentes nações. O jornal O Estado de São Paulo, assim registra o trabalho de Del Nero nesse evento:

Uma árvore com quatro metros de altura, tem ao seu redor, como segue a tradição, “presentes” que foram recebidos dos consulados de cada uma das onze nações que participam do evento. A instalação é do cenógrafo Cyro del Nero, que desenvolveu um trabalho ecumênico, incluindo a participação de povos não cristão. (24/03/2000, D3).

No ano seguinte, 2001, Del Nero completou 70 anos, o que o obrigou a se aposentar como professor da graduação, tendo continuado seu magistério como professor da pós-graduação, orientando as pesquisas científicas. Continuou lecionando em diversas instituições privadas em cursos livre, graduação e também

³³ O Estado de São Paulo, 24/03/2000. Página D3.

³⁴ O Estado de São Paulo, 18/09/2000. Página D3.

em seu estúdio particular em São Paulo.

Figura 70. Curso de cenografia. Anúncio publicitário.

ÚLTIMAS VAGAS
 À PARTIR DE 1º DE SETEMBRO DE 2009
 UMA NOVA EDIÇÃO DO CURSO DE
CENOGRAFIA
Cyro del Nero

Professor Titular do Departamento de Artes Cênicas
 da Escola de Comunicações e Artes da
 USP – Universidade de São Paulo

**O curso possui 30 horas - 10 aulas,
 duas vezes por semana.
 Terças e Quintas-feiras das 19 às 22 hr**

Qualquer dúvida
 entre em contato conosco.

HISTÓRIA DA CENOGRAFIA
CENOGRAFIA: TEATRO - TELEVISÃO - EVENTOS
ANÁLISE DE TEMA - ESTUDO DE PROJETO
REALIZAÇÃO DE PROJETO
CONFECÇÃO DE MAQUETES
ANÁLISE DE RESULTADOS

Informações:
 Estúdio Cyro del Nero
 Rua Boturoca, 192 - Butantã
 (11) 3726-5704
www.cyrodncenografia.com.br
cyrodn@terra.com.br
[www.twitter.com/cyrodelnro](https://twitter.com/cyrodelnro)

Fonte: Acervo do pesquisador.

Com recursos do extinto Ministério da Cultura, através da Lei Rouanet, criou os cenários para o concerto *Avon Womem in Concert*, no Parque do Ibirapuera em 29 de setembro de 2002 e como atração principal esteve presente a cantora lírica Barbara Hendricks.

Em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo³⁵, Del Nero disse que teve o intuito de privilegiar um estilo barroco ao projetar a cenografia do palco que atendesse as necessidades de concerto de câmara: *assim, projetei espaços altos para mostrar a orquestra, que normalmente vive no anonimato.*

No ano de 2004, Del Nero cenografou até mesmo um crematório particular na Grande São Paulo, o *Crematório Metropolitano Jardim Primavera* na cidade de Guarulhos. Fez um auditório com capacidade de 70 lugares, com cortinas vermelhas, no qual o caixão com o féretro é elevado até o alto, deixando cair uma cortina em tecido de veludo vinho, num ambiente de músicas clássicas. É neste local que seu corpo foi cremado. Cyro del Nero brincava dizendo que sua contratação com o crematório tinha sido através de permuta.

³⁵ O Estado de São Paulo, 22/09/2002. Página D1.

Para a Olimpíadas de 2004, Cyro del Nero, fez a curadoria com textos e imagens que foram estampados nos cartões telefônicos daquele ano.

Figura 70 A e B. Cartão telefônico.



Fonte: Acervo do pesquisador.

A Rhodia comemorou 50 anos do início da produção dos seus fios de nylon no Brasil em 2005, e para comemorar essa data instalou um *lounge* na São Paulo Fashion Week e convidou Cyro del Nero para reproduzir um dos cenários promocionais da década 1960, tratando-se da utilização que foi feito para comemorar os 50 anos da empresa no Brasil em 1969, conforme figura 23 desta pesquisa.

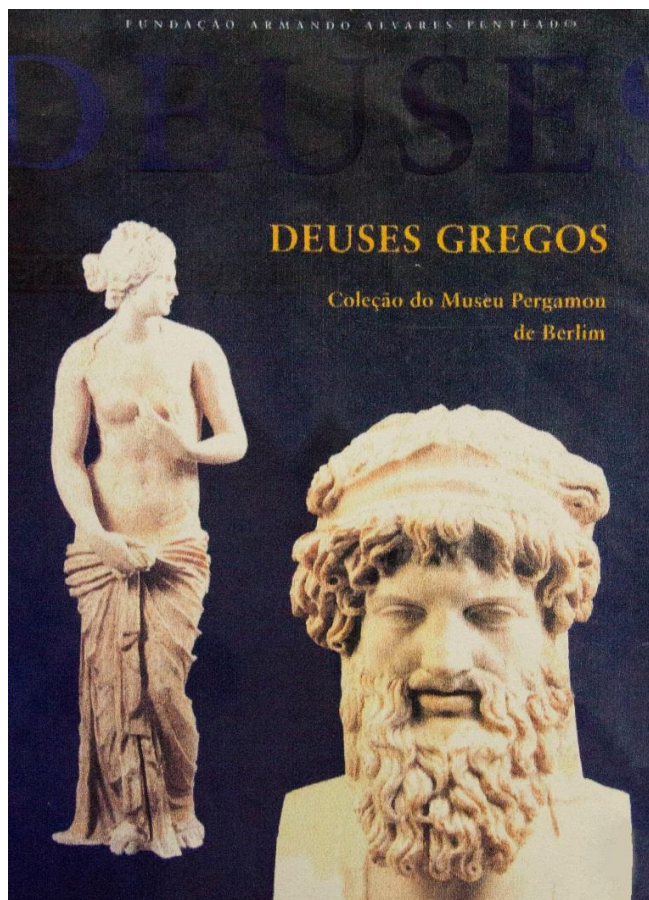
Bonadio, 2011, descreveu os cenários do editorial de moda, com as seguintes palavras:

O que esse cenário tem de peculiar entre tantos outros, é que configura uma espécie de antropofagia publicitária, uma vez que é composto por centenas de peças publicitárias (anúncios e editoriais de moda) produzidas pela Standard propaganda para a Rhodia entre 1960-1969. A mistura entre tantas imagens acaba gerando um espaço colorido e completamente ocupado por imagens de roupas e marcas. Excesso? Pode ser, mas um dos propósitos da referida publicidade era exatamente o excesso que resultava de uma produção tão criativa quanto voraz, e que pretendia fixar as marcas e produtos Rhodia, bem como criar o gosto por estes junto ao público consumidor, e para tanto, veiculava com grande frequência (semanal ou mensalmente) anúncios e editoriais de moda nas principais revistas então em circulação no país. (Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte - São Paulo, 2011. Página 139)

O Museu de Arte Brasileira da FAAP – Fundação de Artes Álvaro Pentead³⁶ realizou no ano de 2006, a exposição *Deuses gregos*, que era uma coleção do museu de Pergamon de Berlim, Alemanha. Para esta exposição Del Nero, criou a identidade visual e o lay out do programa.

³⁶ http://www.faap.br/hotsites/hotsite_gregos/gregos.htm

Figura 71: Deuses gregos. Programa da exposição.



Fonte: Exposição *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Del Nero, participou ainda do Conselho Editorial da *House of Palomino*, um encarte sob moda do Jornal O Estado de São Paulo, no final da década de 2000. Nos encartes é possível encontrar diversos textos assinados por Del Nero sobre curiosidades e história da moda, como o da edição de 17/01/2008, no qual narra a influência dos penteados das amantes de Louis XV, o "rei sol" da corte francesa, intitulado *Força no Laquê*.

Nesta última década lançou vários livros: *Vidas preciosas*, que escreveu em parceria com Paulo Rodrigues da Costa e Heloísa Archêro Araújo, *Cenografia – uma breve visita*, *Com ou sem a folha da parreira*, *A celebração do dia*, *Com a Grécia na mochila* e *Máquina para os deuses*, que serão detalhados no capítulo: *Máquina para os deuses – o legado de um ofício*.

Além dos livros, Del Nero deixou diversas entrevistas e depoimentos, Abujamra assim apresenta o cenógrafo quando foi entrevistado no Provações da TV Cultura:

Cyro del Nero é uma pessoa de uma grandeza realmente fantástica no teatro brasileiro. Ele começou praticamente tudo o que existe na cenografia do Brasil. Ele é que ensinou aos cenógrafos toda a mobilidade cênica, toda a vantagem de se utilizar os espaços, ele antecipou a quase todos os cenógrafos brasileiros o que deveria ser feito. (Abujamra, Antonio. Entrevista programa Provoações).

Del Nero manteve nos últimos anos de sua vida, com início em 2005, um curto programa diário na Rádio Cultura FM de São Paulo chamado *A Celebração do Dia*, no qual citava histórias e curiosidades de todos os tempos. Conforme o site da Rádio Cultura³⁷: *as efemérides apresentadas no miniprograma fugiam de convenções estabelecidas para cada data, sua rara atuação no Rádio não comemorava fatos do passado, fazia a “celebração de momentos que edificaram um dia e continuam a nos edificar, pela memória de sua humanidade ou gênio”*.

De seus últimos trabalhos destaca-se, em 2007, a concepção da planta e da estrutura da caixa cênica do teatro Commune, em São Paulo, transformando um espaço abandonado na rua da Consolação em um local de arte, entretenimento e cultura. No Teatro Commune também fez os cenários e figurinos para *O Arlecchino* de Dario Fo e direção de Augusto Marin.

Michelle Grabriel, na época coordenadora do Teatro Commune, em depoimento para esta pesquisa, falou do sonho em ter o próprio equipamento cultural:

Um teatro que pudéssemos apresentar nossas peças e desenvolver nossos projetos. Um dia, o Zé Augusto chegou empolgado com um brilho nos olhos e disse: “Achei o lugar perfeito pra ser nosso teatro. É lindo. Quero que você conheça. E o mais incrível: é aqui do lado”. Fiquei curiosa. Como assim tem um teatro aqui do lado e nem percebemos? Imediatamente chamei o Cyro e falei: “Gostaria que você fosse conosco ver um espaço e dar sua opinião pra ver se dá pra transformar em teatro”. Ele topou na mesma hora.

Ao abrir a porta de aço já enferrujada, Cyro e eu nos deparamos com uma escuridão e um longo corredor completamente abandonado. Um pequeno faixo de luz iluminou algo grande e peludo que nos encarava sem muita simpatia:

Eu (já querendo sair correndo): É um gato?

Cyro: Gato? Não!

Eu: Não é um rato, né?

Cyro: Não.

Eu (respirando aliviada): ah, então...

Cyro: É uma ratazana mesmo! (e deu aquela gargalhada gostosa).

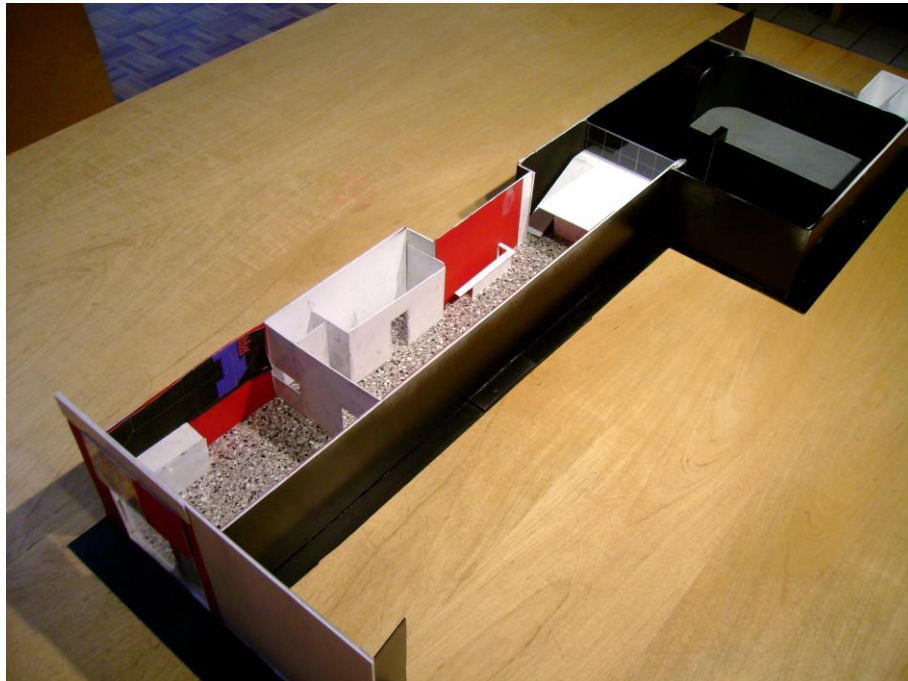
Cyro ficou empolgadíssimo falando sobre as possibilidades daquele espaço e eu só conseguia pensar na família de ratos super desenvolvidos que moravam ali.

Cyro disse que faria um projeto para aquilo que seria nosso teatro e três dias depois me entregou a maquete com as seguintes palavras:

³⁷ <http://culturafm.cmais.com.br/cultura-fm-40-40/cyro-del-nero-em-a-celebracao-do-dia-e-contraponto>

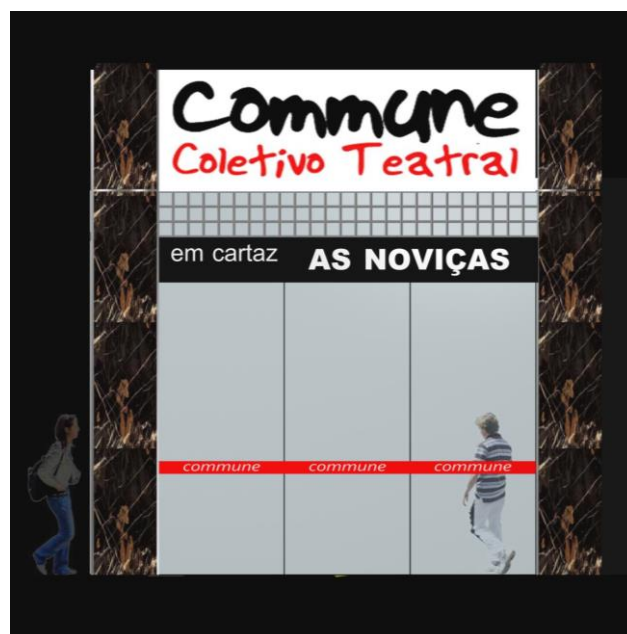
“Esse é meu presente prá você. Meu projeto para seu teatro. Um dia eu te contratei para meu estúdio e hoje é você quem me contrata para seu teatro. Estaremos pra sempre juntos”.

Figura 72: Teatro Commune. Foto da maquete.



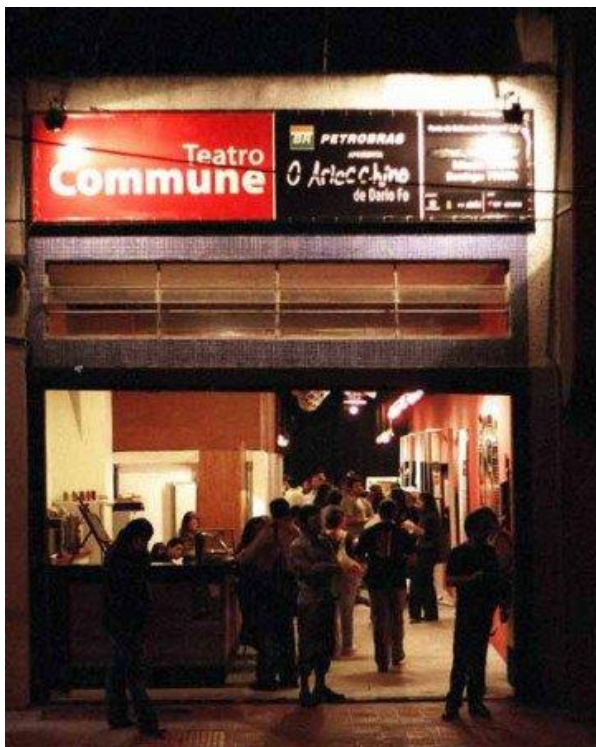
Fonte: Acervo Teatro Commune.

Figura 73: Teatro Commune. Projeto da fachada.



Fonte: Acervo Teatro Commune.

Figura 74. Teatro Commune. Fachada.



Fonte: Acervo Teatro Commune.

Alguns anos mais tarde, 2019, foi inaugurada a Galeria Cyro del Nero, no Teatro Commune, com recursos da Secretaria de Cultura de São Paulo, através da Lei do Fomento ao Teatro. Nessa ocasião aconteceu a exposição *Cyro del Nero a máquina para os deuses*, com curadoria de Augusto Marin, com imagens que retratam o cotidiano e sua viagem à Europa no final da década de 1950.

Figura 75: exposição Cyro del Nero e a máquina para os deuses.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Em 2008, *Os Possessos*, de Fiódor Dostoiévski e com direção do amigo Antonio Abujamra, cuja produção também esteve aos cuidados do Teatro Commune.

E no ano de 2009: *Carlos Gomes – Sangue Selvagem*, com direção de José Renato, amigo e companheiro de longa data de trabalhos artísticos.

Seus derradeiros trabalhos foram no ano de 2010: *Paixão de Cristo de Piracicaba* e *Os 39 degraus*, sendo o último entregue apenas o projeto e sua montagem supervisionada pelo seu assistente Caio Franzolin. Cyro Del Nero não chegou a assistir a estas duas últimas montagens, na de Piracicaba esteve presente

por dois dias, porém a encenação foi cancelada diante das fortes chuvas. Os 39 *degraus*, estreou após seu falecimento.

Figura 76: Cyro del Nero em seu estúdio de cenografia.



Fonte: Exposição Cyro del Nero e a máquina dos deuses.

Pouco antes de sua morte, este pesquisador estava trabalhando na produção da exposição *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia*, na época, julho de 2010, sobre a responsabilidade do Teatro Commune, na cidade de São Paulo, que depois foi realizada em 2011, na Galeria do Parque do Engenho Central em Piracicaba, SP e que foi base para parte desta dissertação. Aconteceu que de repente Cyro não me enviou o texto para o programa da exposição, liguei para ele e me informou que estava internado para realizar alguns exames no coração, e que assim que saísse do hospital tomaria as providências. E se despediu assim: *Se eu tivesse vivido pela minha cabeça, agora eu cuidaria das minhas caspas, mas como vivi do coração é dele que estou tendo de cuidar neste momento.*

Cyro Del Nero faleceu, no Instituto do Coração de São Paulo, por insuficiência coronariana na madrugada de 31 de julho de 2010.

O amigo de muitos anos, Jô Soares, (2019, 413) assim narrou sua despedida:

“O Cyro fazia a diferença nas montagens da época, criou cenários memoráveis com o Flávio Rangel. Muito tempo depois, aconteceu algo que marcou muito minha relação com o Cyro. Eu fui o primeiro e o último amigo a falar com ele. Explico essa frase maluca: Cyro teve um infarto gravíssimo. Achou que estava morto, mas sobreviveu. Quando se recuperava, liguei para ter notícias sobre o seu estado de saúde. Sua mulher atendeu e me disse:

- Jô, ele não falou com ninguém até agora, mas está fazendo sinal aqui que quer falar com você.

Aí, ela me passou o Cyro, que me disse:

- Jô, sou eu, tô aqui. Não morri.

Conversamos um pouquinho, senti que estava muito fraco. Pouco tempo depois de nossa conversa, Cyro del Nero tem um segundo infarto e morre – levando consigo uma imensa cultura teatral junto com ele.

Figura 77: Cyro del Nero



Fonte: Exposição Cyro del Nero e a máquina dos deuses. Fotógrafo João Caldas.

“A cenografia dá ao tempo do teatro seu espaço. O cenógrafo, entretanto, não é só um especialista no sentido comum do termo, mas um poético generalista, porque sua especialidade não é exatamente o espaço, mas a complexidade do espaço para com o conflito. Ele contribui com a coerência dos estilos, com a medida humana, com a intensidade cromática, com a mutação do tempo e do espaço do espetáculo, e se coloca à disposição da luz.”

Cyrol Del Nero

3 INVENTÁRIO DA CENOGRAFIA TEATRAL DE CYRO DEL NERO

A década de 1940 foi marcada pelo surgimento na cidade de São Paulo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), em 1947, o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), em 1948, e, no mesmo ano, o TBC – Teatro Brasileiro de Comédia e a EAD – Escola de Arte Dramática.

O Museu de Arte Moderna era patrocinado por Ciccillo Matarazzo e sua esposa Yolanda Penteadó localizado no prédio dos Diários Associados na rua Sete de Abril, no centro de São Paulo.

Para a atriz Nydia Licia (2002, 227): *a fundação da EAD foi um ato de amor. Nasceu do desprendimento de um homem, Alfredo Mesquita³⁸, que colocou sua paixão pelo teatro acima de tudo.* A EAD proporcionou formação durante duas décadas de uma geração de atores e atrizes para teatro e televisão. Após esse período, a EAD foi incorporada pela USP.

O TBC - Teatro Brasileiro de Comédia era localizado no bairro da Bela Vista na cidade São Paulo. O prédio existente no local que abrigara uma indústria farmacêutica e, antes disso, a sede de uma organização fascista, a *Unione Dopolavoro Italiana* (disfarçada de União Desportiva Italiana), foi reformado para operar como teatro e inaugurado em 1948, por iniciativa de Franco Zampari³⁹, com recursos capitaneados por ele com parte da elite paulistana.

O TBC nasceu para atender aos grupos de teatro amador existentes naquela época, como local de expressão dos seus trabalhos e experimentos de novas linguagens cênicas.

Até o ano de 1964, o TBC foi sede de uma companhia teatral homônima pela qual diversos diretores como Ziembinski⁴⁰ que foi o primeiro diretor do TBC, e Adolfo Celi⁴¹, dirigiram atores, hoje consagrados, como Paulo Autran, Cacilda Becker, Cleyde Yáconis, Sérgio Cardoso e Tônia Carrero.

Na análise de Clóvis Garcia, professor da pós-graduação da ECA-USP e crítico teatral, *“as décadas de 1950 / 1960 foram das mais importantes para o nosso teatro”* (FARIA, 2012b. p. 375).

No mesmo período, temos no Rio de Janeiro o *Tablado*, a *Companhia Tônia-Celi-Autran* e o *Teatro dos Sete*. Também existe um consistente desenvolvimento nos outros Estados, principalmente em Pernambuco e Paraná. (FARIA, 2012b).

É nesse contexto de efervescência cultural que Cyro del Nero dá início aos seus trabalhos artísticos.

³⁸ Alfredo Mesquita foi um autor, ator e fundador e primeiro coordenador da Escola de Arte Dramática, fundada em 1948 e que hoje está integrada à Universidade de São Paulo.

³⁹ Franco Zampari (Nápoles, 10/09/1898 – São Paulo 14/09/1966 foi um empresário e produtor teatral italiano radicado no Brasil. Fundador e diretor administrativo do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e da Companhia Cinematográfica Vera Cruz.

⁴⁰ Ziembinski (*Wieliczka*, 07/03/1908 — Rio de Janeiro, 18/10/1978), foi um ator e diretor de teatro, cinema e televisão. Dirigiu *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues considerado um marco inicial no teatro moderno brasileiro.

⁴¹ Adolfo Celi (Messina, 27/07/1922 – Siena 19/03/1986) foi um ator e diretor de cinema italiano. Veio ao Brasil convidado por Franco Zampari.

Segundo seu memorial na página 30, sua estreia na cenografia teatral brasileira deu-se em 1955, com um grupo de teatro amador dirigido por Flávio Rangel, com a peça “*Do mundo nada se leva*”. Porém, a pesquisa registrou que a cenografia dessa montagem pode ter sido assinada por Francisco Giaccheri, conforme depoimento do diretor para Siqueira⁴² (1995):

Na hora de fazer os cenários nós quisemos fazer nós mesmos e percebemos que não tínhamos a menor competência. Então, eu fiquei desesperado e aí me sugeriram um rapaz chamado Francisco Giaccheri, que também era diretor de teatro amador e sabia desenhar e construir o cenário. Ele construiu magnificamente e não cobrou nada. Era um profissional, ganhava a vida como cenotécnico, mas ele era diretor de um grupo de teatro amador, então achava que devia haver solidariedade. (SIQUEIRA, 1995, p 48)

Muito provavelmente, os cenários devem ter sido criados por Del Nero e confeccionados por Francisco Giaccheri, porque não existem registros de trabalhos de Del Nero como cenotécnico. Vale ressaltar que Rangel e Del Nero eram amigos e frequentavam a Biblioteca Mário de Andrade, fazendo parte da *Turma da Estátua*⁴³.

Foi ainda naquele ano de 1955, Del Nero assinou a cenografia de outro espetáculo, com direção de um diretor profissional, Zizoz Charatsaris. Del Nero, então, teve início sua carreira de cenógrafo em *O Anfitrião*.

O registro de sua estreia na cenografia teatral está na edição de 10 de dezembro de 1955, do jornal O Estado de São Paulo. *O Anfitrião*, de Plauto com direção de Zizoz Charatsaris também marca a inauguração do Teatro Novos Comediantes⁴⁴, no bairro da Bela Vista na cidade de São Paulo, que aconteceria em 20 de dezembro daquele ano.

⁴² SIQUEIRA, José Rubens. VIVER DE TEATRO. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

⁴³ Turma da Estátua – referência à estátua de Minerva localizada no saguão da Biblioteca Mário de Andrade, onde os membros da confraria se encontravam. Também intitulada de *Adoradores de Minerva*.

⁴⁴ O Teatro Novos Comediantes era localizado na Rua Jaceguai, 520, bairro Bela Vista, na cidade de São Paulo. O equipamento cultural possuía 198 lugares. Transformou-se no Teatro Oficina, com projeto arquitetônico de Lina Bo Bardi e Edson Elito, datado do início da década de 1990.

Figura 78: O Anfitrião. Matéria jornalística.

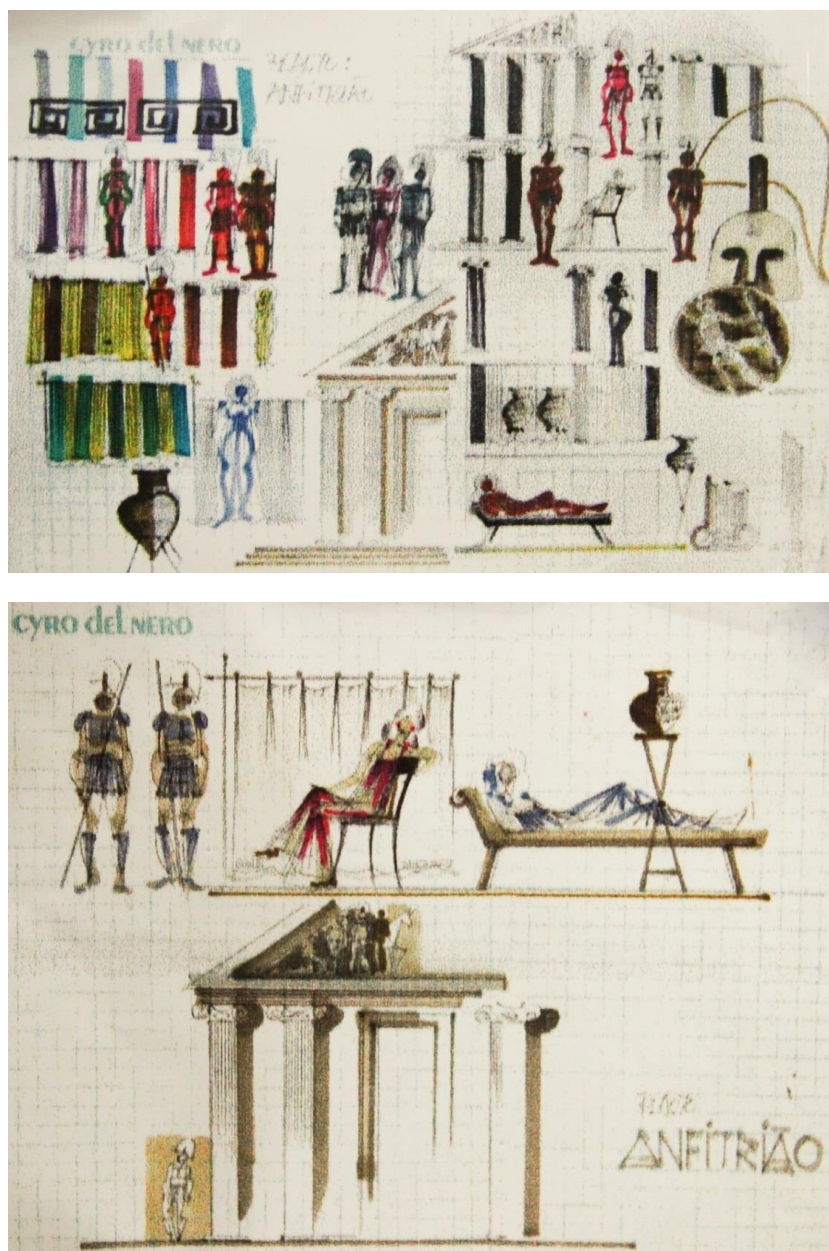


Fonte: memorial Cyro Del Nero, sem fonte e data de veiculação.

Ainda segundo o jornal O Estado de São Paulo, na coluna *Palcos e Circos*, não assinada, mas que sabemos era escrita por Décio de Almeida Prado, mostra que o espetáculo *O Anfitrião*, teve nova temporada no Teatro Leopoldo Fróes, na cidade de São Paulo, em julho de 1956. O autor da matéria tece elogios à montagem, intitulando-a de *singular não no sentido do excêntrico, mas no de único, de extraordinário, de fora do comum. Singular, de início, porque é a primeira vez que se representa uma comédia romana em São Paulo, ao menos até onde alcança a memória e a erudição do cronista.*

Pelos relatos do cronista, Del Nero teve uma estreia marcante na cenografia teatral. Soma-se a isso a expectativa do público em assistir *O Anfitrião*, que segundo a crônica, até então não era encenada na cidade de São Paulo, o que havia sido montada era a versão de G. De Figueiredo, *Um deus dormiu lá em casa* pelo TBC em 1949.

Figura 79 A e B: O Anfitrião. Croquis dos cenários e figurinos.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO* - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.

Como já exposto no capítulo anterior, naquele mesmo ano, Del Nero partiu para a Grécia e depois para a Alemanha tendo trabalhado no Teatro Estadual de Württemberg onde foi assistente da cenógrafa Frau Leny Bauer-Ecsy, e pode apresentar através de uma maquete construída por ele mesmo, um projeto cenográfico para *Rapto no Serralho*, de Mozart.

Sugeri, criando uma maquete, um cenário revestido totalmente de tapetes persas para o *Rapto no Serralho*, de Mozart. Frau Bauer

adorou e reconheceu o óbvio da ideia, tendo transformado meu projeto em medidas apropriadas, entradas e saídas necessárias para a ação, ensinando-me a transformar projeto em factibilidade. (DEL NERO, 1999, p 41)

Figura 80: Foto da maquete da montagem de *Rapto no Serralho*, de Mozart, para o Teatro Estadual de Württemberg



Fonte: Revista Veja, 24/09/1997, p 138.

Quando retornou ao Brasil, Del Nero, foi convidado por Flávio Rangel para trabalhar no TBC, do qual tinha assumido a direção artística da companhia em 10 de janeiro de 1960.

“Flávio conseguiu convencer Zampari a reformar o teatro, para remover as duas colunas bem no meio do palco que desde o início infernizavam a vida dos cenógrafos da casa; convidou para trabalhar com ele o colega de Turma da Estátua, Cyro Del Nero, que voltava de três anos na Europa, onde estudara cenografia. (SIQUEIRA, 1995, p 87)

Enquanto acontecia o processo de reforma do TBC, a companhia viajou para o sul do país com três espetáculos, sendo um deles: *Leonor de Mendonça*, de Gonçalves Dias, que, em 1954, teve direção de Adolfo Celi. Nesta turnê, Flávio Rangel ficou encarregado de

dar nova direção ao texto e Cyro del Nero, à cenografia. A montagem ficou em cartaz no Teatro São Pedro na cidade de Porto Alegre.

De volta a São Paulo, e ao TBC, a primeira cenografia realizada sob direção de Flávio Rangel foi *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, que estreou em 29 de julho de 1960.

Del Nero, em depoimento para o livro *Viver de Teatro*, de José Rubens Siqueira, diz:

Flávio recebeu *O Pagador* e transformou em espetáculo mudando... o quê? Numa palavra, mitificando a história. Tirando o ranço da notícia de jornal. Flávio tinha uma visão da universalidade das coisas e transformou a peça numa coisa mítica, grandiosa. (SIQUEIRA, 1995, p 96)

Segundo Guzik (1986, 182), *O pagador de promessas* foi um dos mais importantes momentos do teatro brasileiro contemporâneo, a montagem era repleta de movimento, colorido e intensidade. Nos anos seguintes, Rangel se consagraria com um dos melhores encenadores do Brasil. *E pela primeira vez no TBC, um texto brasileiro era dirigido por um encenador brasileiro.*

Figura 81: O pagador de promessas. Foto do espetáculo.



Fonte: VARGAS, Maria Thereza; MAGALDI, Sábado. Cem anos de teatro em São Paulo. São Paulo, Senac, 2000. Página 238.

Para Décio de Almeida Prado, Rangel como encenador era capaz de enxergar o espetáculo como um todo, não via somente a palavra impressa, mas a representação, incluindo elementos mímicos e musicais.

Daí o prazer sensorial, por assim dizer, físico, que este espetáculo nos proporciona. Não aludimos ao cenário de Cyro Del Nero, que recria no palco do Teatro Brasileiro de Comédia, agora remodelado e aumentado, o pitoresco encanto das praças e ladeiras de Salvador, com o seu colorido especial, as suas fileiras de torres de igreja. (ALMEIDA PRADO, 1964, p 173)

Sobre a imagem mostrada na sequência é possível perceber a utilização de Del Nero por planos, bem como uma harmonia entre as medidas arquitetônicas das

construções e as humanas dos artistas em cena. Entradas e saídas das coxias demarcadas na cenografia.

A cena ao fundo composta com muitos atores num gingado de capoeira, é um perfeito pano de fundo que representa a cultura e o povo baiano, enquanto os protagonistas, à parte a toda esta movimentação, sentam-se na boca de cena, demarcando o foco dela. Rangel, rompe as tradições teatrais ao colocar os protagonistas sentados na beira do proscênio.

Figura 82: O pagador de promessas



Fonte: SIQUEIRA, José Rubens. *Viver de Teatro*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995. p 101

No ano de 1961, o TBC estreou *A Semente*, de Gianfrancesco Guarnieri com direção de Flávio Rangel e cenários de Cyro del Nero.

Juca de Oliveira, que participou da montagem interpretando o personagem Cipriano, em depoimento para esta pesquisa, pontuou o extraordinário sucesso alcançado pelo espetáculo e que o cenário de Del Nero *era magnífico*.

Del Nero, em depoimento para o livro *Viver de Teatro*, de José Rubens Siqueira, assim descreve a cenografia do espetáculo:

A Semente é muito importante do ponto de vista de direção e de cenografia. O Guarnieri tinha uma engenharia, era um homem de teatro. Formalmente é um espetáculo inédito, novo. Flávio gostava muito da expressão que eu usei: que “eu ia cortar a caixa do palco em fatias. (...) botei um cubo no meio, dentro do qual se passavam dois pisos, desciam coisas que cortavam o palco em fatias. (SIQUEIRA, 1995, p 112).

Figura 83: A Semente. Capa do programa do espetáculo.



Fonte: Acervo CDT – Centro de Documentação Teatral – ECA – USP.

No programa do espetáculo, Del Nero, assim escreveu:

Abraçar tudo o que *A Semente* é e encontrar uma visão unitária para dá-la ao público foi construir uma série de planos universais e cortar a profundidade do palco em fatias sem a mínima preocupação de marcar na perspectiva convenções visuais de distância e intimidade. Somente com luz (a oblíqua destas verticais e horizontais!) adoçaríamos a forma.

O chão é simétrico, direita e esquerda não significam nada. Convenções de lugar se sucedem num mesmo espaço.

Só reta repetição: o que é Paternidade (padre, patrão, polícia e a morte do pai) acontece num mesmo plano, a um metro e oitenta do chão do palco.

Talvez tenhamos conseguido o arcaísmo de se conservar o mistério apenas entre atores e cenário, cenário veste ator confidências com o público, fatias e planos não consideram o espectador uma quarta parede mas lhe dão uma visão de pássaro mental.

Porque *A Semente* é uma ideia ao ar livre.

Também no programa do espetáculo há um texto do diretor Flávio Rangel, que fala sobre o trabalho cenográfico de Del Nero:

Graças à brilhante solução cenográfica de Cyro Del Nero, pudemos chegar a essa simplicidade. O cenógrafo se integrou visceralmente no texto (*A semente* é uma ideia ao ar livre) e partimos então para a tentativa de fusão de peça-cenário-direção, para servir da melhor forma ao contexto. (...) *A Semente* é a tentativa mais séria que Guarnieri, Cyro e eu realizamos até agora."

Figura 84: A semente. Anúncio publicitário.

TEATRO BRASILEIRO DE COMEDIA
Rua Major Diogo, 315 - Tels.: 36-4408 e 32-9912.
ASSISTA HOJE
"A Semente"
de
G. GUARNIERI
Musica Caetano Zama
Cenar. Cyro Del Nero
Direção **FLAVIO RANGEL**
AS 16 • 21 HORAS

Fonte: Jornal O Estado de São Paulo, 30/04/1961, página 18.

Figura 85: A Semente. Miolo do programa do espetáculo.

O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA
apresenta

«A SEMENTE»

de
GIANFRANCESCO GUARNIERI

Música de
CAETANO ZAMA

Cenários de
CYRO DEL NERO

Direção Geral de
FLAVIO RANGEL

PERSONAGENS

Rosa	Cleyde Yaconis
Justina	Nathalia Timberg
Investigador	Julio Prates
Moleque	Rosa Maria Munari
Manolo	Vivian Miragaia
João	G. Guarnieri
Alice	Amelia Bittencourt
Mendigo	Caetano Zama
Velha	Ilema de Castro
Antonio	Marcelo Bittencourt
Agileu Carraro	Leonardo Vilar
Cipriano	Juca de Oliveira
Garçon	Aranys de Oliveira
Mulher do Sobrado	Ilema de Castro
Delegado	Laercio Laurelli
Assistente	Marcelo Bittencourt
Jofre	Stenio Garcia
Américo	Elisio de Albuquerque
Mãe	Nathalia Timberg
Homem um	Sergio Dantas
Homem dois	Paulo Pinheiro
Homem três	J. Henrique de Carli
Padre	Noel Silva
Operário um	Flavio Migliaccio
Operário dois	Luiz Vergueiro
Lourdes	Dione de Carli
Operário quatro	José Egydio
Gerente	Noel Silva
Patrão	Cuberos Neto

Operários

Ruth Dantas	Leopoldo F. Inglez	Sebastião Silva
Sonia Miragaia	Batista de Oliveira	Francisco Golanda Sob.
Yola Maia	Francisco Fabrizio	Ezio F. Gonçalves
Iná de Souza	Leda de Oliveira	José Tibiriçá

Maquilagem: Leontj Tymoszcenko Cenários executados nas oficinas do TBC.
Resp.-Técnico: José Gomes Pupe Eletricista: Aparecido André
Assistente de Direção: Stenio Garcia Produtos de Beleza: Instituto Dr. N. G. Payot.

Fonte: Acervo CDT – Centro de Documentação Teatral – ECA – USP.

Figura 86: A Semente. Registro fotográfico do ensaio.



Fonte: SIQUEIRA, JOSÉ RUBENS. *Viver de Teatro*. São Paulo, Nova Alexandria, 1995. p 111

No início de agosto de 1961, o TBC estreou *Almas Mortas*, adaptado do romance de Nikolai Gogol pelo francês Arthur Adamov. Segundo Guzik, (1986, 199), Flávio Rangel escolheu o texto e o traduziu em parceria com Antonio Abujamra.

No programa do espetáculo, Rangel, afirma que a montagem *revela o desprezo que uma classe social volta a outra, a existência do latifúndio como gerador de injustiça e a corrupção administrativa*. A montagem teve assistência de

direção de Stênio Garcia, cenografia e figurinos de Cyro Del Nero, músicas de Carlos Lira e Chico de Assis e um elenco com vinte e duas pessoas, entre elas: Juca de Oliveira, Elias Gleiser, Ruthinéia de Moraes, Cleyde Yáconis, Natália Thimberg e Gianfrancesco Guarnieri.

Em depoimento ao livro *Viver de Teatro*, Del Nero fala que a montagem *não foi um fracasso retumbante. Foi um silêncio, uma ausência feroz. Fizemos Almas Mortas como uma grande brincadeira e pagamos por isso.*

O espetáculo não foi bem aceito pelo público, ficou em cartaz por apenas treze sessões e foi substituído às pressas por uma remontagem de *A Semente*.

Figura 87: Almas mortas.



Fonte: SIQUEIRA, JOSÉ RUBENS. *Viver de Teatro*. São Paulo, Nova Alexandria, 1995. P

116

Segundo SIQUEIRA (1995, 121), Rangel estava em uma curta viagem de férias à Ilha Bela acompanhado de Jorge Andrade quando este terminou de escrever um texto que estava apenas esboçado: *A Escada*. Assim, logo em seguida, ainda em 1961, o TBC estreou o espetáculo sob direção de Flávio Rangel e cenografia de Del Nero.

Cyro Del Nero avaliou a montagem em depoimento para o livro *Viver de Teatro*:

A Escada tinha um lirismo avoengo, era muito bonito, muito. (...) Era uterino o espetáculo. Uterino. Nós sentíamos um calor, estávamos dentro de uma coisa afetiva. (...) Foi um espetáculo quente, gostoso de fazer. Foi uma confirmação de emoção, de cultura, de informação...” (SIQUEIRA, 1995, p 112).

Segundo Guzik (1986, 204) a montagem de *A Escada* é desembaraçada, ágil e bem ritmada, o trabalho do diretor aproveita muito a adequada solução de Cyro del Nero para a cenografia quadripartite. A dimensão do palco, pequena ainda, a despeito da reforma, é bem disfarçada por um jogo inteligente de praticáveis e andaimes, auxiliados pela iluminação.

Figura 88: A Escada. Capa e miolo do programa do espetáculo.



Fonte: Acervo CDT – Centro de Documentação Teatral – ECA – USP.

Paralelo aos trabalhos no TBC, Del Nero também cenografou o espetáculo *Raízes*, de Arnold Wesker, com direção de Antonio Abujamra com a companhia teatral Cacilda Becker, que ficou em cartaz no Teatro Federação em São Paulo. Antes dessa temporada, a montagem estreara em Santos, litoral de São Paulo, no Teatro Independência no dia 29 de maio de 1961.

Há uma crítica no jornal O Estado de São Paulo, na edição de 17 de junho de 1961, na qual consta que durante a temporada do espetáculo, Cacilda Becker celebrou vinte anos na carreira de atriz.

Figura 89: Raízes. Na imagem: Cacilda Becker.



Fotógrafo: Fredi Kleemann. Acervo: Idart / Prefeitura do Município de São Paulo / Secretaria Municipal de Cultura / Centro Cultural São Paulo – DADOC - Multimeios

Figura 90: Raízes.



Fotógrafo: Fredi Kleemann. Acervo: Idart / Prefeitura do Município de São Paulo / Secretaria Municipal de Cultura / Centro Cultural São Paulo – DADOC - Multimeios

Ainda em 1961, Del Nero trabalhou como cenógrafo na companhia teatral Novo Teatro, de Ruth Escobar sob direção de Alberto D'Aversa. Com essa equipe, realizaram *Males da Juventude*⁴⁵, de Ferdinand Brückner, que teve estreia em julho de 1961 no teatro Maria Della Costa. Ruth Escobar somente inauguraria seu próprio teatro no ano de 1967.

Segundo Fernandes, (1985, 21), a montagem integrou o II Festival Brasileiro de Teatro, no Teatro Coliseu Santista, em Santos, nos dias 17 e 18 de julho de 1961. E também, foi apresentada na cidade de Porto Alegre, ainda em 1961.

⁴⁵ Citada na dissertação de mestrado de Antonio Mercado Neto, *A crítica teatral de Alberto D'Aversa no Diário de São Paulo*, de 1979, na página 39.

Figura 91: Males da juventude. Capa e miolo do programa do espetáculo.



Acervo: CDT – Centro de Documentação Teatral – ECA-USP.

Figura 92: Males da juventude. Fotos do Programa do espetáculo.



Ivanilde Alves e Ruth Escobar



Assunta Peres e Alvim Barbosa

Acervo: CDT – Centro de Documentação Teatral – ECA-USP.

Segundo Nydia Licia, (2002, 368), após o fracasso do espetáculo *Apartamento Indiscreto*, de Claude Magnier, com direção de Amir Haddad, de sua companhia no Teatro Bela Vista, ela resolveu convidar Egydio Eccio para dirigir *Um*

elefante no Caos, de Millôr Fernandes, com cenografia de Cyro del Nero, ainda no profícuo ano de cenografia teatral para Cyro, em 1961.

No programa do espetáculo, Egydio Eccio escreveu:

“Escrita em 1955, quando nervosamente estávamos às vésperas de um golpe militar e conseqüentemente mudança de regime, *Um Elefante no Caos* satiriza os processos revolucionários, a gorada revolução, o regime em vigor e todos os outros regimes.”

Ainda em 1961, um dos grandes méritos de Del Nero foi sua cenografia para célebre montagem de *Quarto de Despejo*, com fiel história retratada no palco. Segundo Nydia Licia, (2002, 372), *pela primeira vez, alguém escancarava as portas da “sucursal do inferno” e punha à mostra a fome a miséria sem panos quentes. E sem samba.*

O livro *Quarto de Despejo* de Carolina de Jesus, que é um diário escrito por uma mulher negra catadora de papéis, moradora da favela do Canindé, havia sido lançado e tornado um *best-seller*, traduzido para vários idiomas o que chamou a atenção do meio teatral, e assim, Edy Lima fez a adaptação. Para a montagem foi fundada a companhia O Teatro da Cidade, que propôs a Licia a co-produção.

“A direção foi de Amir Haddad e o cenário de Cyro del Nero, que construiu uma favela realista ao máximo, no palco do Bela Vista. Do elenco, participaram mais de quarenta atores. Dentre eles, Ruth de Souza, Célia Biar, Francisca Lopes e Maurício Nabuco.” (LICIA, 2002, p 373)

Durante a temporada do espetáculo, Jorge Amado e Zélia Gattai estiveram presentes acompanhados pelo jornalista Audálio Dantas, que descobrira e lançara a escritora.

Com a cenografia da montagem de *Quarto de Despejo*, Del Nero foi contemplado com o prêmio na III Bienal das Artes Plásticas do Teatro, no âmbito da VI Bienal de São Paulo, de 1961. (FARIA, 2012b, p. 375).

Figura 93: Quarto de despejo. Del Nero na Bienal com fotografia da maquete do cenário.



Fonte: Exposição Cyro del Nero e a máquina para os deuses.

Figura 94: Quarto de despejo.



Carolina Maria de Jesus, Edy Lima, Jorge Amado e Zélia Gattai, na noite de estréia.

Fonte: LICIA, NYDIA. Ninguém se livra de seus fantasmas. São Paulo: Perspectiva, 2002. Página

Figura 95: Quarto de despejo. Anúncio publicitário.

NYDIA LÍCIA e TEATRO DA CIDADE
 Apresentam em Co-Produção

Quarto de Despejo

de Carolina Maria de Jesus e Edy Lima - com
 RUTH DE SOUZA - Celia Biar (atriz convidada) -
 Mauricio Nabuco - Ceci Pinheiro - Zéluiz Pinho -
 Alceu Nunes - Wolney de Assis e mais 40 atores.
 Dir. Amir Haddad - Cen. Cyro Del Nero

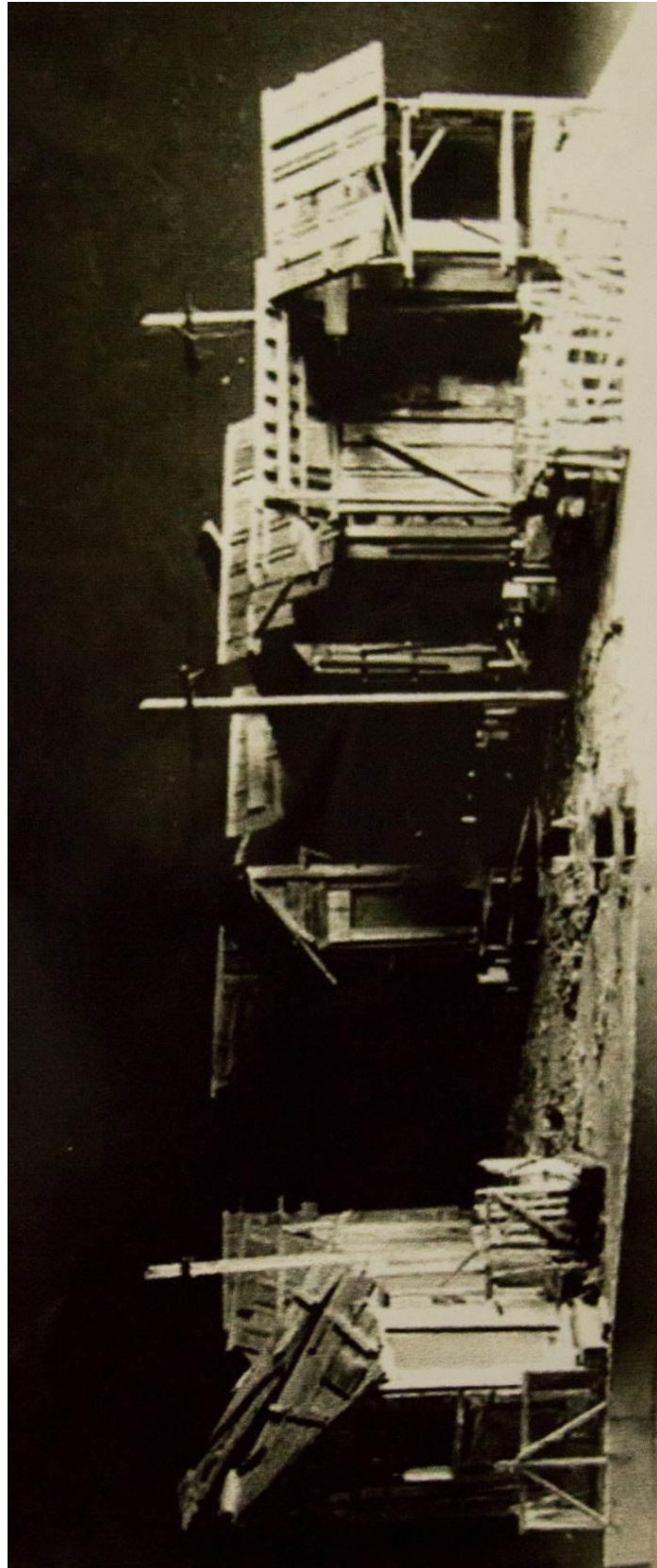
HOJE — Vespéral às 16 hs. À noite às 21 hs. —
 AMANHÃ, vespéral às 16 hs. À noite 21 hs.

TEATRO BELA VISTA

Rua Conselheiro Ramalho, 538 — Tel.: 52-5774.
 Ingressos à venda no teatro e na Casa do Espectador.
 7 de Abril 127 — Loja 3.

Fonte: Jornal O Estado de São Paulo, 30/04/1961, página 18.

Figura 96: Quarto de despejo. Foto da maquete.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO* - *Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Ainda no TBC, no ano de 1962, e dando continuidade à parceria com Flávio Rangel, foi encenado *A Revolução dos beatos*, de Dias Gomes.

Naquele ano o TBC estava agonizando em suas dificuldades financeiras e qualquer fracasso de bilheteria poderia pôr fim à companhia. *A Revolução dos beatos* não teve grande repercussão no público, apenas trinta e sete sessões com um público de pouco mais de quatro mil pessoas. Como comparativo, o público do espetáculo *O pagador de promessas* teve 139 sessões e foi visto por vinte e quatro mil pessoas.

Guzik, (1986, 211) fez as seguintes considerações sobre a montagem sobre *A Revolução dos beatos*:

Um humor popular da melhor seiva acompanha o texto do início ao fim, dando-lhe a possibilidade de satirizar com muita precisão o alvo escolhido.

(...) a despeito das qualidades do texto, do sucesso anterior e do renome que Dias Gomes conquistou rapidamente, a montagem não obteve repercussão. É incompreensível o fracasso. O trabalho de Dias Gomes teve uma direção muito inteligente, ágil e precisa de Flávio Rangel, em sua última atuação na casa. (GUZIK, 1986, p. 211)

Del Nero em posterior depoimento:

Na *Escada* estávamos dentro do que conhecíamos. *A Revolução dos beatos* não era nem para o Flávio, nem para mim, nem para a Bela Vista, nem para o TBC, nem para porra nenhuma. Era para alguém mais fazer aquilo. Não tinha nada a ver com a gente. (SIQUEIRA, 1995, p. 132)

Após esse período de efervescência de trabalhos como cenógrafo teatral em apenas dois anos, Del Nero, foi convidado para trabalhar na TV Excelsior como diretor de arte após ter concebido cenários na TV Record ao lado de Manoel Carlos e Nilton Travesso⁴⁶.

Em 1963, Del Nero foi convidado por Lívio Ragan, para cenografar os desfiles de moda da empresa Rhodia, que segundo Toledo, (2004), *abriu-se uma nova perspectiva de espetáculo, uma vez que o cenógrafo traz consigo a cultura do espaço cênico teatral*.

Essas novas frentes de trabalhos: televisão e desfiles de moda, que culminaram na fundação de sua empresa *Studio 13*, fizeram com que seu trabalho como cenógrafo teatral ficasse em segundo plano, tendo cenografado somente quatro espetáculos quase no fim da década de 1960, um em 1967 e três, em 1969.

⁴⁶ Nilton Travesso – nasceu em 20/05/1934. É diretor e produtor de novelas e programas brasileiros.

Mas a relação de Del Nero fora do teatro trouxe-lhe a oportunidade também de encontrar patrocínio para espetáculos como para a montagem de *Isso devia ser proibido*, de Bráulio Pedroso e direção de Gianni Ratto, com patrocínio da Rhodia, através de Lívio Rangan.

Custeou os cenários de Cyro Del Nero, as perucas de Giovani e os vários figurinos revezados pelo casal (11 apenas para Cacilda), desenhados pelo estilista Alceu Penna (autor da seção de moda As Garotas do Alceu, de O Cruzeiro) e confeccionados pelo estilista Hugo Castelana. (PRADO, 2002, p.510)

A montagem que ficou em cartaz no Teatro Cacilda Becker, em junho de 1967, tinha no elenco Walmor Chagas e Cacilda Becker e narrava os desencontros de um casal. A trama gira em torno de uma esposa apaixonada e romântica que procura salvar o casamento através de sua feminilidade e artimanhas. O texto foi escrito numa parceria de Walmor Chagas com Bráulio Pedroso tudo temperado por músicas do maestro Júlio Medaglia.

Em sua crítica, Décio de Almeida Prado, assim descreve os cenários de Del Nero:

O cenário de Cyro Del Nero, simples e talvez mesmo pobre plasticamente, tem a vantagem de imprimir profundidade ao palco, distanciando as personagens nas cenas de ficção: os atores estão a poucos passos de nós, mas não os percebemos como criaturas de carne e osso. Em teatro tão pequeno, é um belo resultado, para o qual colaboram o cenário, a iluminação e o próprio desempenho dos atores. (DÉCIO DE ALMEIDA PRADO, O Estado de São Paulo, 23/06/1967, p.13).

Figura 97: Isso devia ser proibido. Cópia de possível programa.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO* - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.

Figura 98: Isso devia ser proibido. Charge.

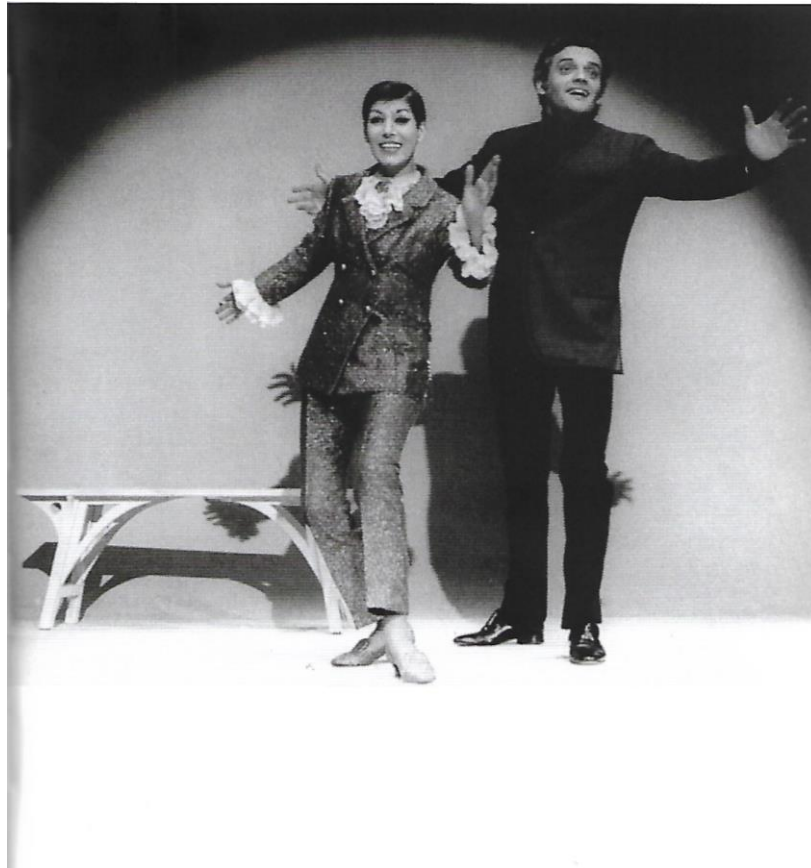


No Teatro Cacilda Becker, Hilde viu assim Walmar Chagas e Cacilda Bec-

ker, na peça "Isso devia ser proibido", de Walmar e Bráulio Pedroso.

Fonte: Jornal O Estado de São Paulo, 25/06/1967. Página 33.

Figura 99: Isso devia ser proibido. Cena do espetáculo.



Cacilda Becker e Walmor Chagas.

Fonte: VARGAS, Maria Thereza. **Cacilda Becker** – Uma mulher de muita importância. São Paulo, Imprensa Oficial, 2013. p 131.

O derradeiro espetáculo de Cacilda Becker foi *Esperando Godot*, de Samuel Backet com tradução e direção de Flávio Rangel e cenários de Del Nero. Ficou em cartaz no Teatro Cacilda Becker de 08 de abril a 06 de maio de 1969, quando, numa sessão à tarde para estudantes, Cacilda teve um derrame cerebral, que lhe tirou a vida em 14 de junho daquele ano.

Em depoimento, Flávio Rangel, abordou o processo de montagem da seguinte forma:

Os ensaios de mesa foram das mais frutuosas experiências da minha vida profissional. Partiram da necessidade de encontrarmos uma “linha” de espetáculo – e chegamos a conclusão de que Wladimir e Estragon eram as duas faces de uma mesma moeda: o ser humano. Walmor seria a inteligência, a razão, a percepção; Cacilda seria a sensibilidade, a emoção, o instinto. (SIQUEIRA, 1995, p 199)

Cacilda Becker, em entrevista a Sábato Magaldi⁴⁷, falou da criação do seu personagem:

O papel é um exercício novo na minha carreira de atriz. Exercitei minha capacidade histriônica e nem sabia se a tinha. E Estragon é extremamente exaustivo. O trabalho resulta numa composição que justifica o fato de ser uma mulher a intérprete de Estragon, sem caracterizá-lo como homem ou mulher".¹ (MAGALDI, 2002, p 282)

Décio de Almeida Prado⁴⁸, em crítica para a revista Visão, elogiou o trabalho:

Dois atores, duas maneiras diversas de abordar o texto. Cacilda, mais próxima da tradição mímica de picadeiro, com o nariz empelotado, o rosto lívido, o ar súplice e apatetado de um *clown*trágico. Walmor (Chagas) à vontade, sobretudo nos instantes de lirismo e melancolia, nas fases em que a lucidez vem involuntariamente à tona, fazendo a personagem conservar, por entre os farrapos, um resquício da antiga elegância e dignidade. (PRADO, 2002, p 546)

Figura 100: Esperando Godot. Foto do espetáculo.



Cacilda Becker e Walmor Chagas.

Fonte: VARGAS, Maria Thereza. **Cacilda Becker** – Uma mulher de muita importância. São Paulo, Imprensa Oficial, 2013. p 130.

⁴⁷ BECKER, Cacilda. Entrevista citada In: MAGALDI, Sábato; VARGAS, M. Thereza. *Cem anos de teatro em São Paulo*. São Paulo: Senac, 2001, p. 282.

⁴⁸ PRADO, Décio de Almeida. Crítica ao espetáculo. São Paulo, Revista Visão. In: PRADO, Luís André do. *Cacilda Becker*. Fúria Santa. São Paulo, Geração Editorial, 2002, p. 546.

Figura 101: Esperando Godot.



Fonte: SIQUEIRA, JOSÉ RUBENS. *Viver de Teatro*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995. p 199

Romeu e Julieta, de William Shakespeare, a peça seguinte na carreira de Del Nero, foi traduzida por Jô Soares e José Luiz Archanjo. Jô Soares também a dirigiu. Estreou em 17 de setembro de 1969 no Teatro Ruth Escobar, na sala Galpão.

Para montagem, o espaço do público se fundia com a cenografia criada por Del Nero, que segundo Jô Soares, *uma das coisas mais importantes da montagem foi o cenário criado por Cyro Del Nero, nos moldes elisabetanos: a plateia ficava nas arcadas de um palácio em volta do palco – que lembrava uma praça de Verona*. (2012, 413).

O crítico Sábado Magaldi, descreveu o trabalho de del Nero:

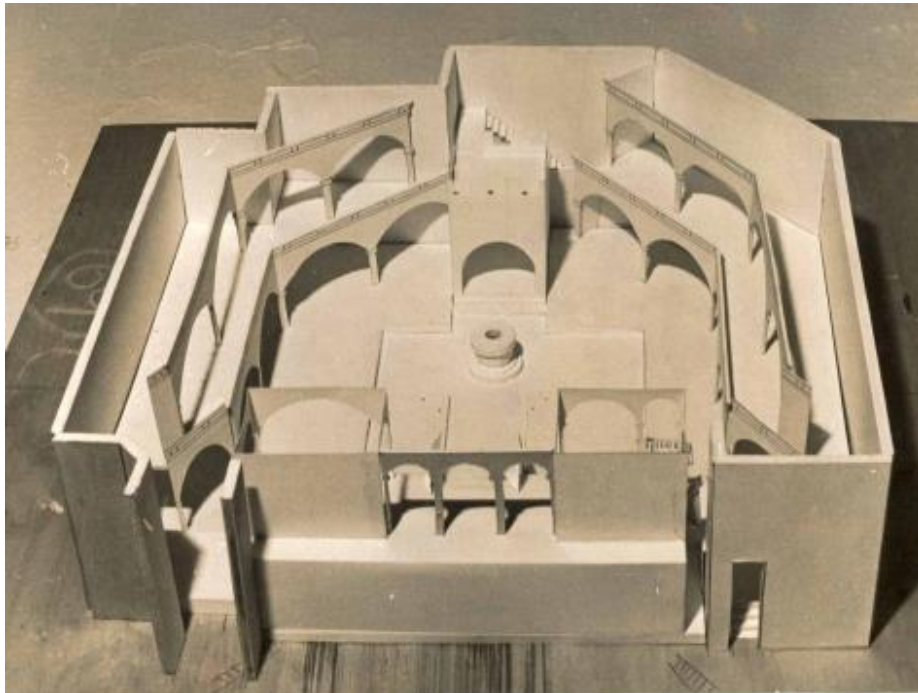
É quase inacreditável que Ruth Escobar, depois de ter criado um ambiente novo para *Os Montros*, permita agora a total mudança da arquitetura do Galpão, para o cenógrafo Cyro Del Nero construir ali um teatro nos moldes elisabetanos. Mesmo a necessidade de inventar mais uma mansão que serve para a sacristia do frei Lourenço e para o mausoléu não quebra as linhas do primitivo espetáculo shakespeariano, sem dúvida o mais adequado à dramaturgia que o sugeriu. (MAGALDI, 2012, p 105)

Magaldi também teceu elogios aos figurinos de Cyro, *em geral bonitos e de elogiável sobriedade, sem caírem na primária reconstituição arqueológica*. (Idem).

A crítica de Jeferson Del Rios é semelhante à de Magaldi, *a ótima cenografia de Cyro del Nero, enriquece a encenação, envolvendo o público, que se coloca abaixo e acima das arcadas do palácio.* (2010, 30).

Apesar dos elogios dos críticos à cenografia, também apontaram a dificuldade da plateia para a visualização do espetáculo por conta das colunas e dos pontos cegos.

Figura 102: Romeu e Julieta. Foto da maquete.



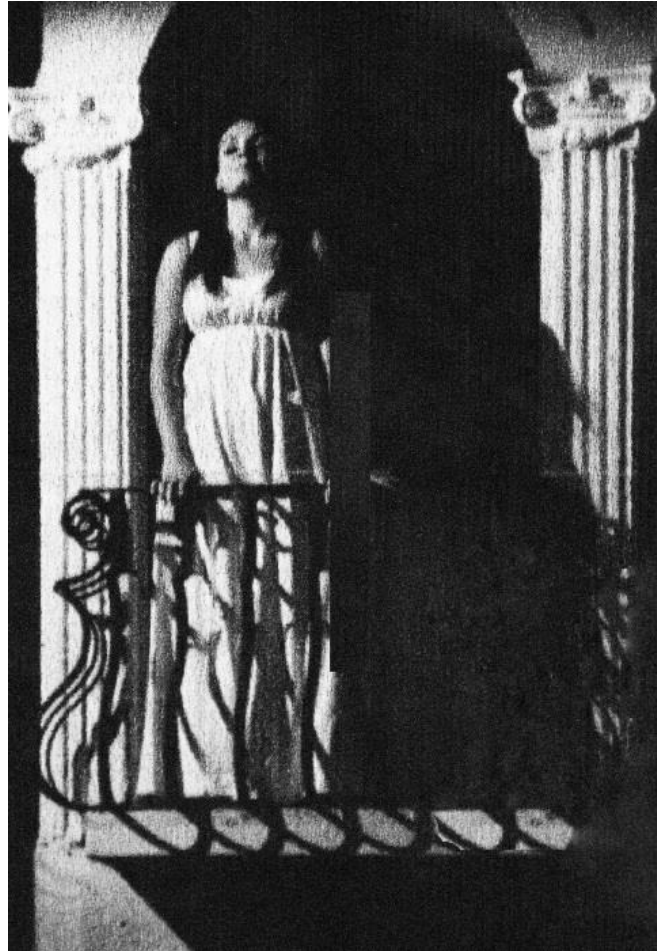
Fonte: acervo Jô Soares

Figura 103: Romeu e Julieta. Cena do espetáculo



Fonte: acervo Jô Soares

Figura 104: Romeu e Julieta. A atriz Regina Duarte em cena do espetáculo.



Fonte: Painel expográfico - CYRO DEL NERO - *Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Após a precoce morte da atriz Cacilda Becker, para Flávio Rangel, o *melhor remédio para a dor era o trabalho*. E com este pensamento mergulharam na montagem de *Hamlet* que estreou em novembro de 1969, no Teatro Sesc Anchieta, na cidade de São Paulo. (Siqueira, 1995, 201).

Rangel assinou a cenografia, mas a confecção e montagem foram realizadas pelo Studio 13, de propriedade de Del Nero conforme consta no capítulo anterior.

Flávio Rangel em entrevista para o jornal O Estado de São Paulo, afirma: *o cenário acabou sendo meu, e não passa de um dispositivo cênico, destinado a facilitar a fluência da ação. Tudo foi pensado para realçar a peça, os atores e o papel de Hamlet.* (O Estado de São Paulo, 19/11/1969, página 9).

Em 1970, com início em uma nova parceria, desta vez com Maurice Vaneau, Del Nero cenografou o espetáculo *Os rapazes da banda*, de Mart Crowley e

tradução de Millôr Fernandes. Apesar de constar no memorial que a montagem foi realizada em 1971, em análise documental para esta pesquisa foi possível confirmar o ano de 1970.

A montagem abordava questões da homossexualidade masculina, que na época era um tema pouco comum. Além do preconceito aos homossexuais, também era retratado a questão de outras minorias, como judeus e negros.

A cenografia de Cyro del Nero contou com detalhes decorativos de Carmélio Cruz, premiado cenógrafo que nasceu em 1924 na cidade de Canindé, estado do Ceará. Em 1947, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde lecionou na Associação Brasileira de Desenho. Como artista plástico expôs pela primeira vez em 1951, no Museu de Arte Moderna de Resende, daquele Estado. Em 1963, na cidade de São Paulo, ganhou os prêmios Governador do Estado de São Paulo e Saci do jornal O Estado de São Paulo pela cenografia de *Pluft, o fantasminha*, clássico infantil de Maria Clara Machado.

Segundo Vaneau, (2006, 172), Del Nero, o chamava de *o rei da ironia e o texto continha uma fina análise psicológica, e também era um libelo contra os moralismos, e a peça na época fazia grande sucesso em Nova York.*

Após um sucesso de dez meses em cartaz na cidade de São Paulo, no teatro Cacilda Becker, a montagem foi para o Rio de Janeiro, no teatro Maison de France onde enfrentou sérios problemas com a censura numa contradição do órgão federal.

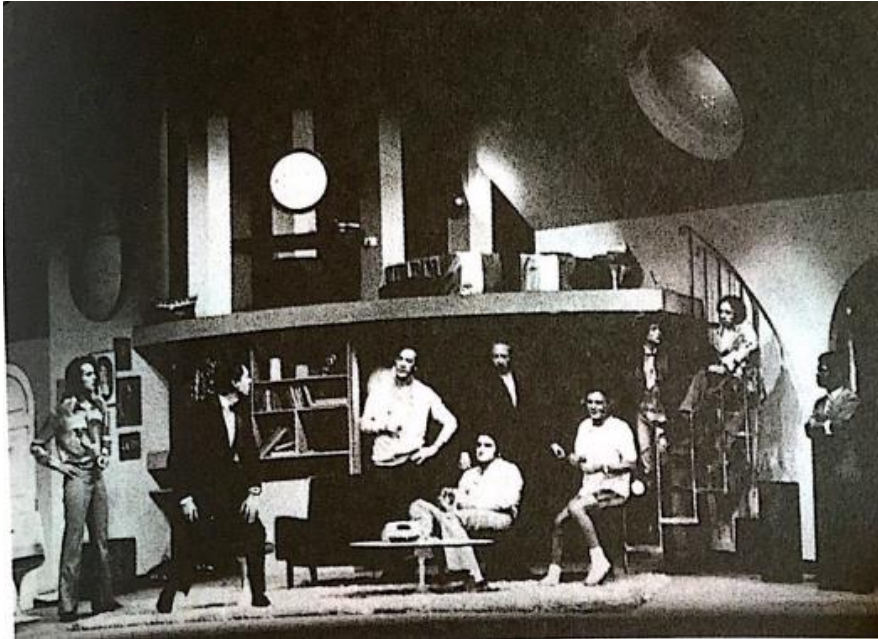
Figura 105: Os Rapazes da banda. Cena do espetáculo



Em cena: Raul Cortez, Lima Duarte, Ênio Gonçalves e Tony Ramos.

Fonte: TOLEDO, Vânia. Palco paulistano – São Paulo Stage. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009. p 91

Figura 106: Os Rapazes da banda. Cena do espetáculo.



Em cena: Walmor Chagas, Paulo César Pereio, Raul Cortez, Jorge Dória, Otávio Augusto, Benedito Corsi, Denis Carvalho e John Herbert.

Fonte: Gouvêa, Leila B. B. MAURICE VANEAU ARTISTA MÚLTIPLO. Imprensa Oficial, Coleção Aplauso, 2006. Página 173.

Figura 107: Os rapazes da banda. Anúncio publicitário.



Fonte: Folha de São Paulo, Ilustrada, 25/10/1970. Página 66.

Em maio do ano seguinte, 1971, Del Nero, cenografou o espetáculo *Os dois cavalheiros de Verona*, de Willaim Shakespeare e direção de Michael Bogdanov⁴⁹, no teatro Ruth Escobar.

A montagem produzida por Ruth Escobar inaugurou o Teatro da Fundação Getúlio Vargas, na avenida 9 de julho, no número 2029, na capital paulista. O

⁴⁹ Michael Bogdanov – (nasceu em Neath, Reino Unido em 15/12/1938 e faleceu em Paros, na Grécia em 16/04/2017). Premiado diretor de teatro galês conhecido por seu trabalho com novas peças, reinterpretações modernas de Shakespeare, musicais e trabalho para jovens.

espetáculo contou com a participação da banda *Os Mutantes*. Del Nero também assinou os figurinos que foram confeccionados por Isabel Pancada.

Michael Bogdanov, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo⁵⁰, assim falou da montagem: *é uma peça sobre a juventude e a ela endereçada, há no texto arrebatamento de linguagem e riqueza quase excessiva de situações.*

Os dois cavalheiros de Verona, uma das primeiras obras de Shakespeare, apresenta uma história de amor, ciúmes e traição trazendo latente alguns temas que serão melhor trabalhados em suas próximas obras, como: *Romeu e Julieta*, *Noite de Reis* e *Sonho de uma noite de verão*.

Para o crítico Jefferson del Rios:

Cenografia, figurinos e música não acrescentam nada ao espetáculo, ou atrapalham, como é o caso do cinza chumbo e do preto do cenário, que matam de vez a possibilidade de um mínimo de clima no ambiente. A propalada piscina que haveria no palco é um ridículo tanque de água. (Folha de São Paulo, 18/05/1971. Página 23.)

Figura 108: Os dois cavalheiros de Verona. Anúncio publicitário.



Fonte: Folha de São Paulo, 11/05/1971. Página 30.

⁵⁰ Folha de São Paulo, 11/05/1971. Página 23.

Figura 109: Os dois cavalheiros de Verona. Ensaio.



Da esquerda para a direita: Eunice Gazeau (assistente de direção), Rita Lee (cantora), Michael Bogdanov (diretor) e Ruth Escobar.

Fonte: FERNANDES, Rofran. **Teatro Ruth Escobar: 20 anos de resistência**. São Paulo: Global Editora, 1985, p 61. Foto de Luiz Sérgio.

O espetáculo *2002 Uma prosopopeia no espaço*, dos autores José Vasconcelos e Alexandre Pires, com direção de Caetano Gherardi, e no elenco José Vasconcelos e Silvia Massari. A montagem inaugurou o *Cine-Teatro Esmeralda*. Segundo o jornal Folha de São Paulo, *durante quinze anos o cinema somente realizou exhibições de filmes e após adaptações pode atender as necessidades técnicas dos espetáculos teatrais e dedicar-se principalmente ao teatro*. O Cine Teatro Esmeralda era localizado na Avenida General Olímpio da Silveira, 613. (21/09/1971, p 29)

E também fez os cenários para o show humorístico de Chico Anísio, *Uma noite com Chico Anísio*, que ficou em cartaz no Teatro Maria Della Costa em São Paulo.

Figura 110: Uma noite com Chico Anísio. Anúncio publicitário.



Fonte: Folha de São Paulo, 12/10/1971, página 34.

Ainda no ano de 1971, e novamente em parceria com o amigo Jô Soares, Del Nero trabalhou no espetáculo *Tudo no Escuro*, escrito por Peter Shaffer, traduzido e adaptado por Jô Soares que também assinou a direção. Estreou no Teatro Cacilda Becker em maio de 1971, conforme documentos encontrados para esta pesquisa, uma vez que no memorial consta o ano de 1968.

O Estado de São Paulo, fala sobre o enredo da peça:

Todas as personagens se reúnem no apartamento do Brindsley, em virtude da pane de luz, provocada por um fusível do prédio que se queimou. Jô considera a peça muito divertida, lembrando que a crítica europeia e norte-americana a julgou uma das comédias mais bem concebidas no seu gênero.

(O ESTADO DE SÃO PAULO, 20/05/1971, p 14)

Em entrevista ao colunista Tavares de Miranda da Folha de São Paulo, Del Nero disse que utilizou cem metros quadrados de ampliações fotográficas e assim descreveu os cenários: *através desta solução, me parece, inédita em teatro, em que todas as paredes do cenário estão cobertas de ampliações, procuro reproduzir a desordem mental do personagem.* (Folha de São Paulo, 12/05/1971, p 18)

O crítico Sábado Magaldi, avaliou que *Cyro Del Nero faz mais uma decoração do que um cenário.* (2014, 188).

Figura 111: Tudo no escuro. Anúncio publicitário.



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 21/08/1971. Página 33.

À flor da pele é o segundo texto da dramaturga Consuelo de Castro⁵¹, porém o primeiro a ser encenado. Foi montado em São Paulo, no Teatro Paiol, tendo no elenco: Perry Salles e Miriam Mehler, em 1969, com direção de Flávio Rangel.

Em julho de 1972, no Rio de Janeiro, no Teatro das Artes, houve uma nova montagem do espetáculo com direção de Jorge Dória.

No memorial de Del Nero consta a informação de que a montagem foi apresentada no Teatro da Praia, porém no levantamento de dados desta pesquisa, identificou-se que o espetáculo ficou em cartaz no Teatro das Artes. Na montagem carioca estavam: Patrícia Bueno e Nelson Caruso e também é possível encontrar registro com o nome da atriz Iris Bruzzi.

⁵¹ Consuelo de Castro, nasceu em Araguari, MG em 1946 e faleceu em São Paulo, SP, em 2016. Autora. Cursou Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, FFLCH/USP.

Figura 112: À flor da pele. Anúncio publicitário.



Fonte: Jornal: Correio da Manhã, Anexo, 11/08/1972. Página 02.

Ainda no início da 1970, Del Nero, também desenhou cenários para diversos shows humorísticos e de música. A maioria foi apresentado no Rio de Janeiro, cidade para qual mudou-se após o término do seu contrato com a Rhodia.

Em seu memorial há o registro da cenografia do show musical com números inspirados nos filmes americanos e estrelado por Regina Duarte, *Regina Mon Amour*⁵², que ficou em cartaz no Canecão no Rio de Janeiro em 1972. Nesta pesquisa foi possível somente confirmar a realização do show mas não referente aos créditos cenográficos.

Ainda em março de 1972, Del Nero, fez os cenários do show musical Elis Regina Show, que ficou em cartaz no Teatro da Praia no Rio de Janeiro. Segundo o jornal Folha de São Paulo, *os cenários que foram idealizados por Marcos Vasconcellos, não passaram do papel e na última hora Cyro del Nero teve que acudir, dando um jeito melhor.* (11/03/1972, p 35)

⁵² <http://reginaduarteanamoradinhadobrasil.blogspot.com/2010/04/musical-regina-mon-amour.html>

Com a produção de Ronaldo Bôscoli e Luis Carlos Miele, fez os cenários para o show *Misto quente* com direção de Augusto César Vanucci, que ficou em cartaz no Teatro Princesa Isabel, no Rio de Janeiro.

Figura 113: Misto Quente. Anúncio publicitário.



Fonte: Jornal O Globo, 27/07/1972. Página 6.

Figura 114: Misto quente. Anúncio publicitário.



Folha: Correio da Manhã, Anexo, 11/08/1972. Página 02.

No memorial também é possível encontrar suas citações para cenografia do show de Elza Soares, com direção de Manoel Carlos e *Convenção Suntory* do Jô Soares, porém esta pesquisa não conseguiu validar os créditos ao cenógrafo Del Nero, somente comprovou a realização das apresentações.

Em 22/02/1975, estreou o espetáculo *Feira do Adultério*, com dramaturgia composta de seis textos curtos de diferentes autores, incluindo um do Jô Soares que também assinou a direção da montagem que teve cenografia de Del Nero. Na encenação, entre os textos foram utilizados depoimentos sobre adultérios de: Nelson

Rodrigues, Carlos Imperial, Renauld, Marisa Raja Gabaglia, Nélida Piñon, Glauco Rodrigues, Scarlet Moon, Cidinha Campos, Tânia Caldas, Sílvia Faulkenbourg, Ivo Pitanguí e Clóvis Bornay.

No elenco estavam: Arlete Salles, Flávio Galvão, Fúlvio Stefanini, Guilherme Corrêa, Luiz Carlos de Moraes, Mauro Mendonça, Roberto Orosco, Rosamaria Murtinho e Ruthinéa de Moraes. Ficou em temporada no Teatro Princesa Isabel, na cidade do Rio de Janeiro.

Segundo o jornal O Globo⁵³, a montagem deu início ao grupo Duka, que era formado por empresários e os próprios atores do espetáculo. *Queria montar algo diferente do que havia experimentado em termos de comunicação. Cheguei à conclusão de que só estava disposto a montar textos de autores nacionais.* (Soares, 1975, 33).

Figura 115: Feira do Adultério. Elenco do espetáculo.



Fonte: <http://www.todoteatrocarrioca.com.br/espetaculo/7/feira-do-adulterio>

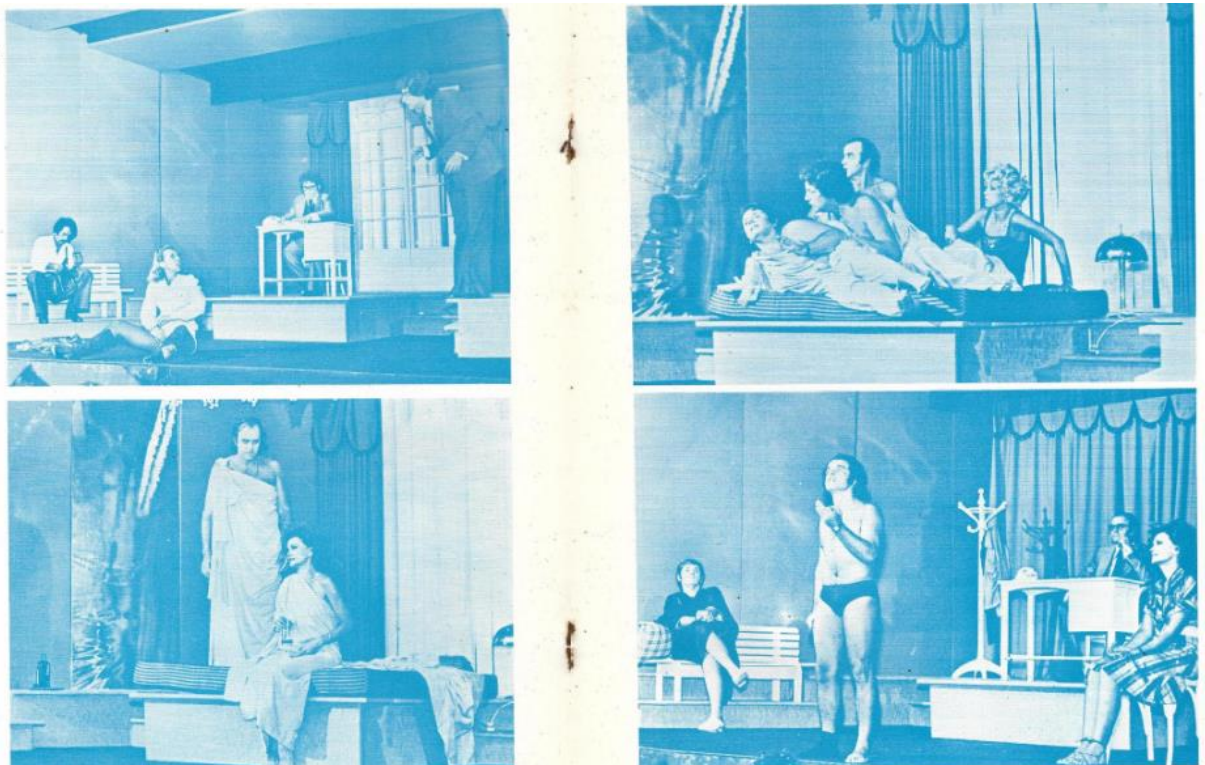
⁵³ O Globo, 22/02/1974. Página 33.

Figura 116: Feira do Adulério. Miolo do programa.



Fonte: <http://www.todoteatrocarrioca.com.br/espetaculo/7/feira-do-adulterio>

Figura 117: Feira do Adulério. Miolo do programa.



Fonte: <http://www.todoteatrocarrioca.com.br/espetaculo/7/feira-do-adulterio>

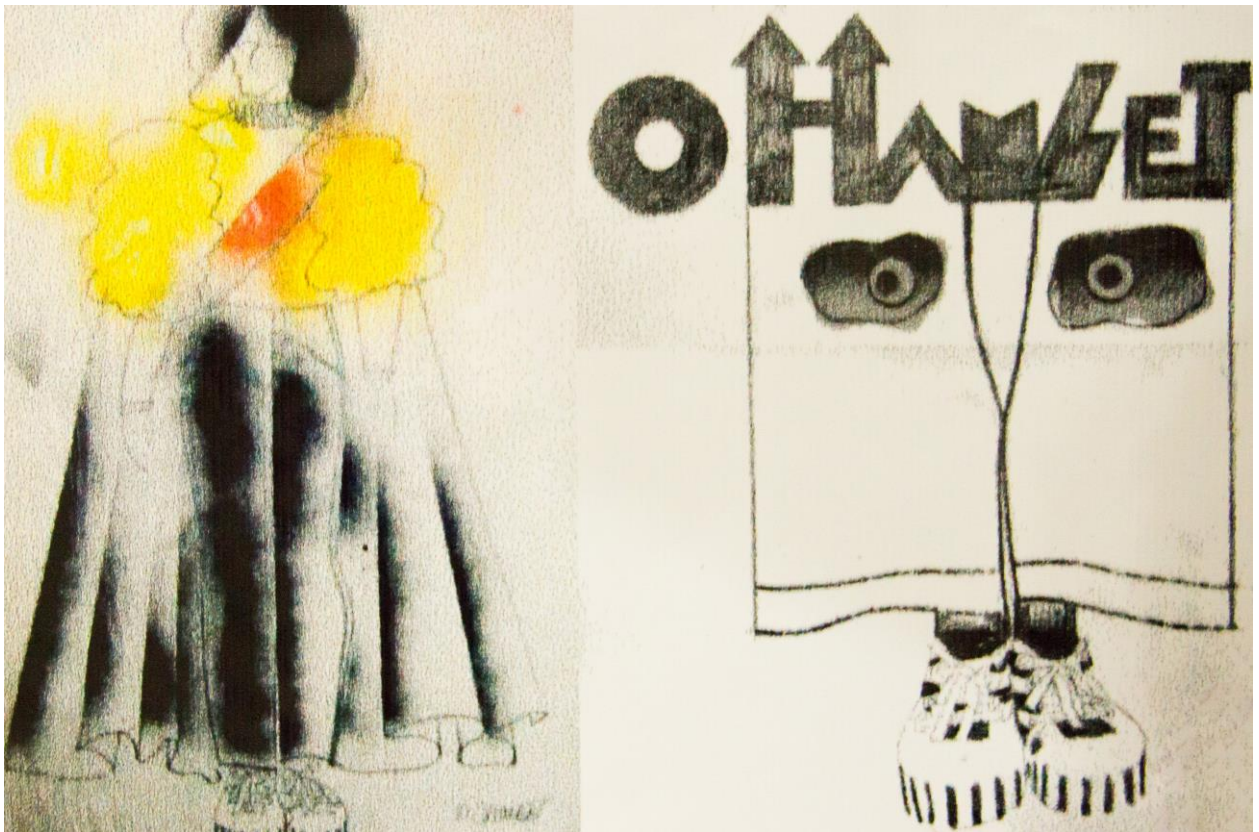
Em seu memorial, Del Nero, (1999, 66) falou do privilégio em trabalhar com: Flávio Rangel, Bibi Ferreira e Antonio Abujamra, *profissionais de teatro que o têm no*

sangue e que atravessaram a ribalta para dentro do palco com tudo o que possuem, numa conversão.

Ainda no memorial assume os cenários e os figurinos do espetáculo *O Hamlet* de Giovani Testori com direção de Antonio Abujamra, que ficou em cartaz no TBC em 1981, porém no painel expográfico, assume figurinos e cartaz para divulgação.

Este pesquisador em visita à exposição Antonio Abujamra, realizada no Sesc Ipiranga em São Paulo, no início de 2019, pôde constatar a realização da montagem porém sem os devidos créditos ao Del Nero.

Figura 118: O Hamlet. Desenho de figurino e programação visual do espetáculo.



Fonte: Painel expográfico - CYRO DEL NERO - *Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Em 1985, a montagem de *Dona Flor e seus dois maridos*, adaptado do romance de Jorge Amado por Manoel Carlos sob direção de José Maria Pauloantonio estreou no Teatro Brigadeiro com cenários e figurinos de Cyro del Nero e iluminação de Sandro Poloni.

Em entrevista para o jornal Folha de São Paulo, Del Nero se mostrou eufórico com o que chamou de retorno ao teatro com excelentes condições de dinheiro e trabalho oferecidas pela produção:

É um verdadeiro presépio em escala o que eu estou montando, junto com os melhores profissionais da cenografia em São Paulo, a última geração de desenhistas em óperas, uma beleza. Hoje os teatros me pedem para aproveitar restos de cenários. Acho que sou um afortunado fazendo este trabalho. (Del Nero, 1985, 44).

Figura 119: Dona Flor e seus dois maridos. Fotografia para divulgação.



Cyro del Nero nos cenários do espetáculo.

Fonte: Folha de São Paulo, 13/02/1985. p 44.

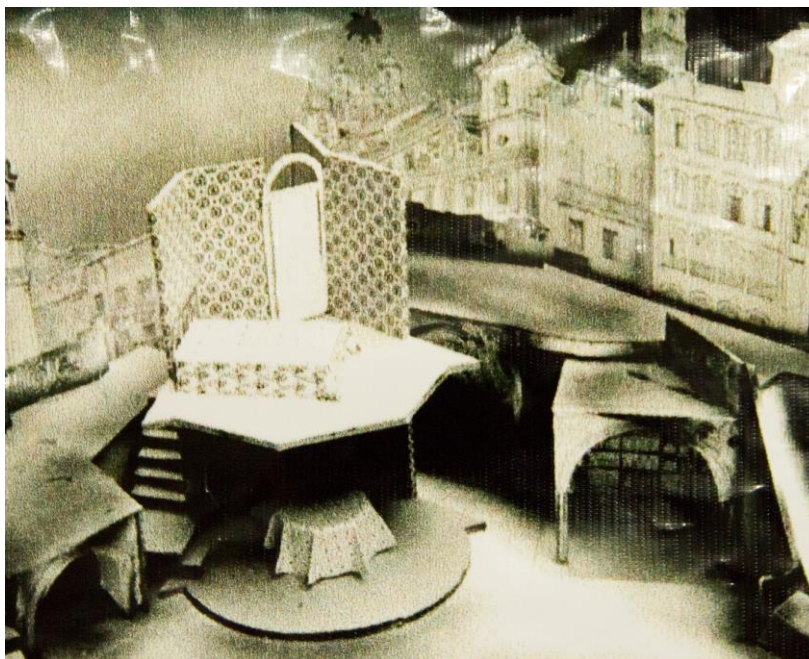
Norma Couri do jornal Folha de São Paulo, também destaca os trabalhos dos cenotécnicos na construção cenográfica:

Os cenários de Cyro del Nero ganharam a visão das igrejas de Salvador. Foi tudo pintado por especialistas em cenários de ópera do Municipal e recolado em seguida, mantendo o calor das terras de Amado e os ventos de lá. Os 190 figurinos reforçaram a brasilidade de cada tipo. (Folha de São Paulo, 13/03/1985. p. 37).

O crítico Clovis Garcia, do jornal O Estado de São Paulo, fala da concepção operística dos cenários:

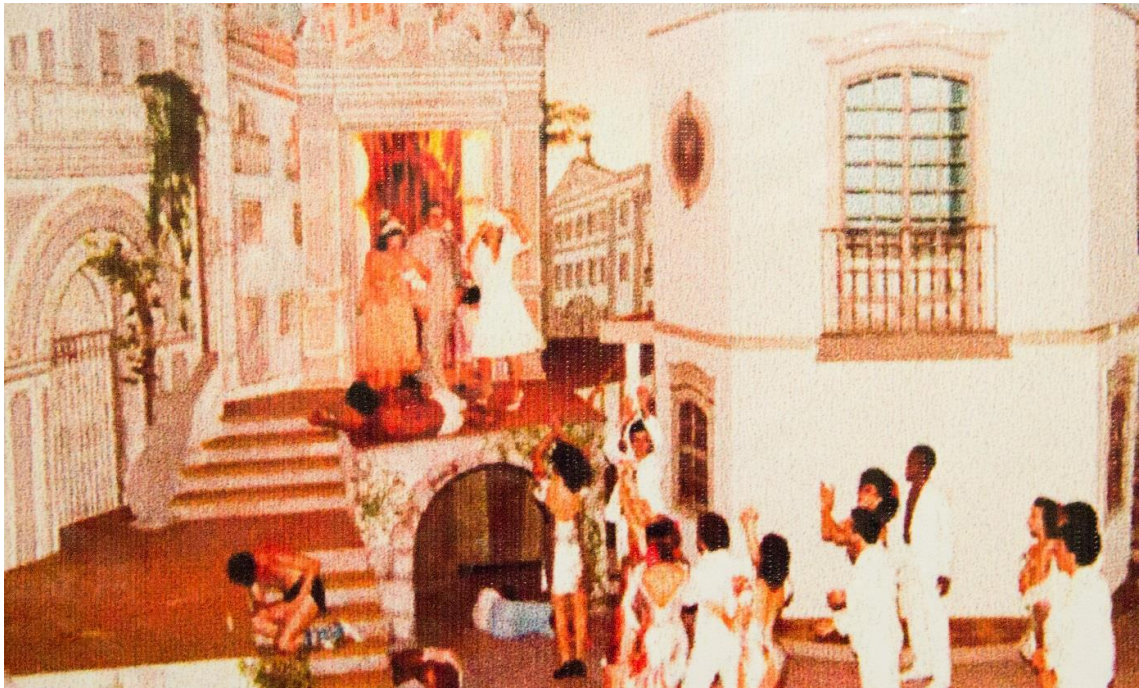
E, como um musical, quase luxuosa, boa música de Júlio Medaglia, vistosa coreografia de Rubens Cuello e Marilena Ansaldi, figurinos coloridos de Cyro del Nero, todos os ingredientes para uma agradável diversão. (...) Além disso, o cenário de Cyro del Nero, excessivamente operístico, não é proporcional ao palco, com erros de perspectivas teatral que tornam os atores mais altos que dois andares dos traineis pintados mostrando a arquitetura característica de Salvador. (17/04/1985. P. 14).

Figura 120: Dona flor e seus dois maridos. Maquete dos cenários.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Figura 121: Dona flor e seus dois maridos. Fotografia do espetáculo.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Ainda em 1985, Del Nero também fez os cenários para *Camasutra*, espetáculo que reunia uma coletânea de textos sobre erotismo assinados por Mário Prata, Leilah Assumpção, Luis Carlos Cardoso, Celso Luiz Paulini e Antonio Bivar. A direção foi de Moracy do Val e Altair Lima e composição musical de Julio Medaglia e Amilson Godoy.

Para o jornal O Estado de São Paulo, *Cyro del Nero criador da infraestrutura espacial do espetáculo, oferece, na cenografia e nos figurinos suportes que adicionam aos textos novas surpresas.* (1985, 38).

E ainda em 1985, retoma a parceria com Abelardo Figueiredo, para quem havia criado a estrutura do Teatro Palladium e a cenografia do show de abertura. E para a nova montagem do produtor, desenhou os cenários para o show *São Paulo night andei*, que foi concebido por Abelardo Figueiredo.

Figura 122: São Paulo night andei. Anúncio publicitário.

PALLADIUM

A mais moderna casa de shows da América Latina apresenta

SÃO PAULO NIGHT ANDEI

Um Show de Abelardo Figueiredo

com
PERY RIBEIRO ★ CÉLIA
IVAN LIMA ★ WILMA DIAS

e ainda Cristina Santos ★ Dadá Cyrino ★ Djalma Dias ★ Denise Araceli
Os Novos Crioulos ★ As Mulatas de Ouro ★ DINNAH PERRY E O BALLET PALLADIUM

Participação Especial **MAGDALENA DE PAULA** Atriz Convidada **MARIA DELLA COSTA**

★ COREOGRAFIA CYRO BARCELOS CENOGRAFIA CYRO DEL NERO DIREÇÃO MUSICAL JOSÉ BRAMONTE ★
TEXTOS MANDEL CARLOS ★ GUARDA-ROUPA ATELIER LUZ E ALDA ILUMINAÇÃO GILBERTO BOTTURA ★
DIREÇÃO CÊNICA IVAN LIMA ★ DIREÇÃO GERAL ABELARDO FIGUEIREDO

★ ★ ★

Música para dançar com os conjuntos:
Modern Tropical Quintet
Trio Fantástico
Novos Crioulos

Aberto de 2.^o a sábado a partir das 20 hs.

ELDORADO SHOPPING CENTER
3.^o Piso

Apoio Cultural
BANDEIRANTE
tapetes e carpetes
faz o primeiro... faz o melhor!

Reservas e Informações
Fones 814 8713 e
813 9045

Fonte: Folha de São Paulo, 28/12/1985, página 44.

No ano seguinte, em 1986, retoma a parceria com o Maurice Vaneau, que dirigiu *Grita Paixão*, de Walcyr Carrasco a convite de Fulvio Stefanini, o próprio Fulvio e Cléo Ventura no papel dos protagonistas. O cenário foi de Cyró del Nero. A montagem ficou em cartaz no Teatro Cultura Artística em São Paulo. (Vaneau, 2006, 233).

Vivian Lando, crítica do jornal O Estado de São Paulo, falou que *a montagem dirigida por Maurice Vaneau, deixou muito a desejar. Aliás, quase tudo. Falta originalidade e o recurso de luzes para indicar o pretérito mais-que-perfeito de suas vidas chega a ser vulgar.* (1986, 04).

Figura 123: Grita Paixão. Divulgação.



Fúlvio Stefanini e Cléo Ventura relembram os doces momentos de uma paixão que um dia acabou no Teatro Cultura Artística

Fonte: O Estado de São Paulo, 07/05/1986. Página 4, Caderno 2.

Apesar dos problemas apontados pela crítica no espetáculo anterior, Del Nero e Vaneau permanecem juntos e, em abril de 1987, com direção de Maurice Vaneau, tem estreia no teatro Hilton em São Paulo, a montagem *Black-Out*, de Frederick Knott, com cenografia de Cyro. Trata-se de um suspense que narra as agruras de uma personagem cega que tem seu apartamento invadido por marginais.

Para Edelcio Mostaço (1987), crítico do jornal Folha de São Paulo, a cenografia de Cyro Del Nero foi baseada na planta original de Haron Cohen e descreve com minúcias um apartamento nova-iorquino. Nesta montagem, a atriz Lúcia Veríssimo interpretou o papel que no cinema foi de Audrey Hepburn e na primeira montagem teatral brasileira, de Eva Wilma. (Folha de São Paulo, 01/04/1987, página A32).

Ainda em 1987, Del Nero além de criar os cenários para a peça *Meno Male* de Juca de Oliveira, também a batizou com o título após ter lido o texto, segundo o próprio autor em depoimento para esta pesquisa.

Com direção de Bibi Ferreira, o espetáculo que estreou no Teatro FAAP foi um grande sucesso e ficou quatro anos em cartaz. Viajou por diversas cidades atingindo quase dois milhões de espectadores. O elenco era formado pelo próprio

Juca de Oliveira, Fúlvio Stefanini, Luiz Gustavo, Nicole Puzzi, Maria Stella e Sandra Mara Azevedo.

Segundo Ilka Maria Zanotto, crítica do jornal O Estado de São Paulo: *a montagem é atraente, dinâmica, colorida, hilariante sob a batuta experimentada de Bibi Ferreira e seu infalível timing de comédia. O invólucro é luxuoso, funcional: cenários de Cyro del Nero.* (04/04/1987, p. 06).

Figura 124: Meno Male. Fotografia do elenco para divulgação do espetáculo.



Foto: Acervo O Estado de São Paulo, GUGA MELGAR - 3/9/1991

Figura 125: Meno Male. Anúncio publicitário.

COMPANHIA BRASILEIRA DE COMÉDIA
 apresenta
 a comédia de **JUCA DE OLIVEIRA**
 direção de **BIBI FERREIRA**
 cenários de **Cyro Del Nero**

MENO MALE!

com:
JUCA DE OLIVEIRA
LUIS GUSTAVO • **FULVIO STEFANINI**
NICOLE PUZY • **MARIA ESTELA**
SANDRA MARA

4^h, 5^h e 6^h: 21h - Sáb. 20 e 22h
 Dom. 18 e 21h

Teatro FAAP
 Fundação Amador de Almeida (FAP)

Rua Alagoas, 903
 Tel 825-5500

apoio cultural
BANFORT
 BANCO FORTALEZA S.A.
 O banco forte

Metz escriba

Fonte: Folha de São Paulo, Ilustrada, 08/03/1987, página A36.

Na década de 1990, Del Nero voltou a projetar cenários para óperas e manteve a parceira com os amigos de muitos anos: Maurice Vaneau e Julio Medaglia.

Em 1993, a ópera *Tosca*, de Giacomo Puccini foi encenada no Teatro Municipal de São Paulo, com direção de Maurice Vaneau. E em 1995, a ópera *O barbeiro de Sevilha*, de Gioacchino Rossini com direção de Angela Zabrsa também foi encenada no Teatro Municipal de São Paulo. Vaneau, (2006, 233), assume a cenografia de ambas as óperas com desenhos dos painéis criados por Del Nero.

Figura 126: O barbeiro de Sevilha. Anúncio Publicitário.

A Prefeitura de São Paulo
apresenta

**ESTREIA
HOJE**

Ópera
Barbeiro
de
Sevilha
de Gioacchino Rossini

Orquestra Sinfônica Municipal
MAESTRO ISAAC KARABTCHENSKI

Coral Lírico Municipal
MAESTRO MÁRIO VALÉRIO ZACCARDI

S. SOLISTAS

Execução
ANGELA ZARBA

Cenografia e Figurinos
MARISSA VANHAI

Dias 25, 26, 27, 29 e 31 de julho e 1ª e 2 de agosto, às 20h30
Dia 30 de julho, às 17h

TEATRO MUNICIPAL
Praça Ramos de Azevedo, s/nº - ☎ 222-8698

Ingressos: de R\$ 10,00 a R\$ 50,00

Realização

**PREFEITURA
DE SÃO PAULO**

CULTURA

O Estado de São Paulo, 25/07/1995. Página D9.

Após seu trabalho nas óperas do Teatro Municipal, Del Nero, produziu cenários para o teatro, com o espetáculo *Como se fosse um crime*, de Angela Carneiro e direção de Denoy de Oliveira. No elenco estavam: Ester Goes e Francisco Milani.

Com indicação da coluna *O melhor da programação cultural* do jornal O Estado de São Paulo, a peça aborda o relacionamento de dois amantes em adultério há mais de quinze anos. A montagem ficou em cartaz Teatro Mars, no bairro da Bela Vista em São Paulo, em maio de 1996, apesar de constar no memorial o ano de 1995. (17/05/1996, p D2).

Figura 127: Como se fosse um crime. Anúncio publicitário.

Pires Segurança e Salvaguarda Segurança apresentam

ÚLTIMAS SEMANAS

Ester Góes e Francisco Milani em

COMO SE FOSSE UM CRIME

de Ângela Carneiro Direção Denoy de Oliveira
Música Paulo Herculano Cenografia Cyro Del Nero
Figurinos e Visagismo Fabio Namatame Iluminação Guilherme Bonfanti
Realização FOLHA

TYN&STON

FLYTOUR Banco F São Paulo MADEPLAC FOLHA HOTEL BRASILTÓN ADORAF

Teatro Mars, R. João Passalacqua, 80 • Bela Vista • Fone: 605 9570
quinta e sábado às 21h00, domingo às 19h00.
Telo ingresso - (011) 5589 8202 - Igual grátis 0800 198202 - Diret. Club Cultural Service - 3068 0440
Contatos para grupos e empresas: (011) 607 5923 ou 604 5843

Fonte: Folha de São Paulo, Acontece especial, 03/08/1996, página 03.

No mesmo ano, novamente em parceria com Abelardo Figueiredo, Del Nero projeta a arquitetura do Teatro Studium no centro de São Paulo e os cenários para o show de abertura: *Stravaganza*.

E, no final do ano, Del Nero fez os cenários da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes com direção de Plamen Kastaloff e regência de Julio Medaglia. A montagem foi apresentada na Ópera Nacional de Sofia, na Bulgária.

Para João Batista Natali, da Folha de São Paulo, *Del Nero tomou partido da delicadeza. É antológica a cena em que, ao tentar descobrir o seu sentimento, a soprano lírica de riquíssima timbre, brinca com uma boneca que traz os trajes de Peri.* (28/10/1996, Caderno Ilustrada, p 5).

Figura 128: O Guarany. Maquete.



Fonte: Revista Veja, 24/09/1997, p 138.

Dando continuidade na produção de cenários para ópera, no seguinte, 1997, cenografou a ópera *Elisir D'Amore*, de Gaetano Donizetti com direção de Yacov Hillel, que foi apresentada no Teatro Municipal de São Paulo e de Manaus.

Em 1998, Del Nero cenografou a ópera *Aída*, de Giuseppe Verdi, regência de Júlio Medaglia e direção de Werner Herzog. Segundo Jotabê Medeiros, do jornal O Estado de São Paulo, *às margens do rio Negro, com música conduzida pela Amazônica Filarmônica*. (10/06/1998, Caderno 2, página 71).

Em, 1998, Del Nero voltou a cenografia do teatro com *Viva o Demiurgo!* de Paulo Pélico e direção de Bibi Ferreira, que ficou em cartaz no teatro Hilton em São Paulo. No elenco estavam presentes: Murilo Rosa, Leona Cavalli, Vera Macini e Paschoal da Conceição.

Para Mariangela Alves de Lima, crítica do jornal O Estado de São Paulo:

Comédia inteligente, com boas réplicas, e uma dose moderada de ironia aplicadas às grandiosas dos artistas solidários com a miséria, considerado na peça sobretudo como um tema promissor, a peça de Paulo Pélico padece da mania do seu protagonista. O plano imaginário, no qual o artista dialoga com seus famélicos companheiros é bem mais interessante que o plano do cotidiano, onde vivem a namorada, o agente teatral e um diretor. (30/10/1998, p D20).

Figura 129: Viva o Demiurgo! Fotografia de divulgação do espetáculo.



Fonte: O Estado de São Paulo, 30/10/1998, p D20.

Apesar de sua longa experiência no teatro, somente em 1999, Del Nero criou seu primeiro cenário para um espetáculo infantil, a peça *Vô doidim e os velhos batutas*, de Nanna de Castro e direção de Carlos Gradim. O elenco foi formado por Camila Cassis, César Marchetti, Leandro Resende, Oswaldo Ávila, Rachel Carvalhais, Thania Castello. A montagem também contou com direção musical de Dyonísio Moreno.

Segundo o jornal O Estado de São Paulo, Del Nero recebeu o Prêmio Coca-Cola de Teatro pela cenografia desse espetáculo em março de 2000 que lhe foi entregue por Clovis Garcia no Theatro São Pedro em São Paulo. (30/03/2000, D6).

Figura 130: Vô Doidim e os velhos batutas. Anúncio publicitário.

CPC-UMES APRESENTA
TEATRO DENOY DE OLIVEIRA
 Rua Rui Barbosa, 323 - Bela Vista - São Paulo - Tel.: 251-3119

A HISTÓRIA DO SAMBA PAULISTA
 narrada e cantada por OSVALDINHO DA CUÍCA
 com participação especial de
 ALDO BUENO
 SEU NENÉ DA VILA MATILDE
 THOBIAS DA VAI-VAI
 Direção LUIZ CARLOS BAHIA

VÔ DOIDIM E OS VELHOS BATUTAS
 peça infantil de NAINA DE CASTRO com:
 CAMILA CASSIS, CÉSAR MARCHETTI, LEANDRO RESENDE,
 OSWALDO ÁVILA, RACHEL CARVALHAIS, THANIA CASTELLO
 direção musical DYONÍSIO MORENO
 cenografia e adereços CYRO DEL NERO
 figurinos LEONARDO DINIZ direção geral CARLOS GRADIM
 produção executiva ELÍSA ELENA

SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 16HS

Patrocínio:
 CAIXA

SEXTAS, SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 21HS

ESTRÉIA 1º MAIO **TURANDOT** de Bertolt Brecht **DIREÇÃO JOSÉ RENATO**

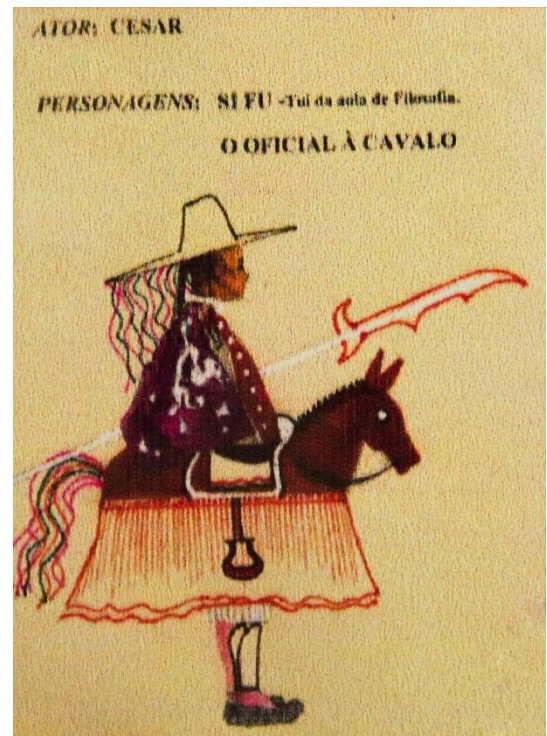
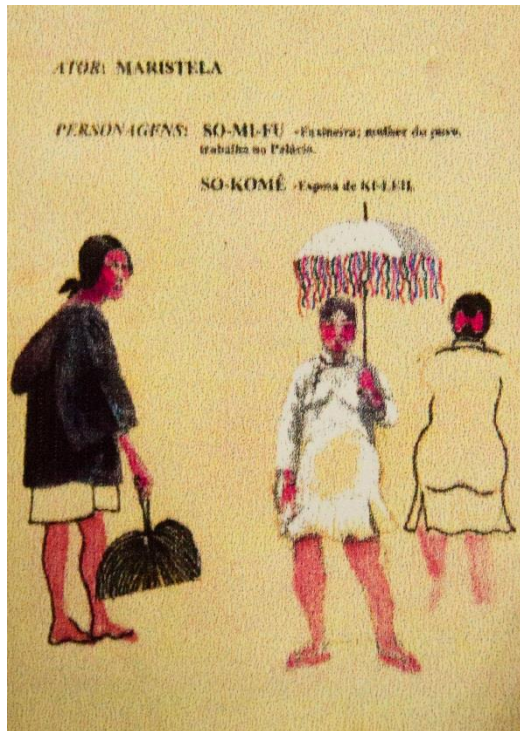



Fonte: Folha de São Paulo, Guia da Folha - SP, 26/03/1999, página 31.

Naquele mesmo ano de 1999, estreou no teatro Denoy de Oliveira, no bairro da Bela Vista em São Paulo, o espetáculo *Turandot*, de Bertold Brecht com adaptação do próprio Denoy de Oliveira e Sérgio Rubens de A. Torres, com direção de José Renato.

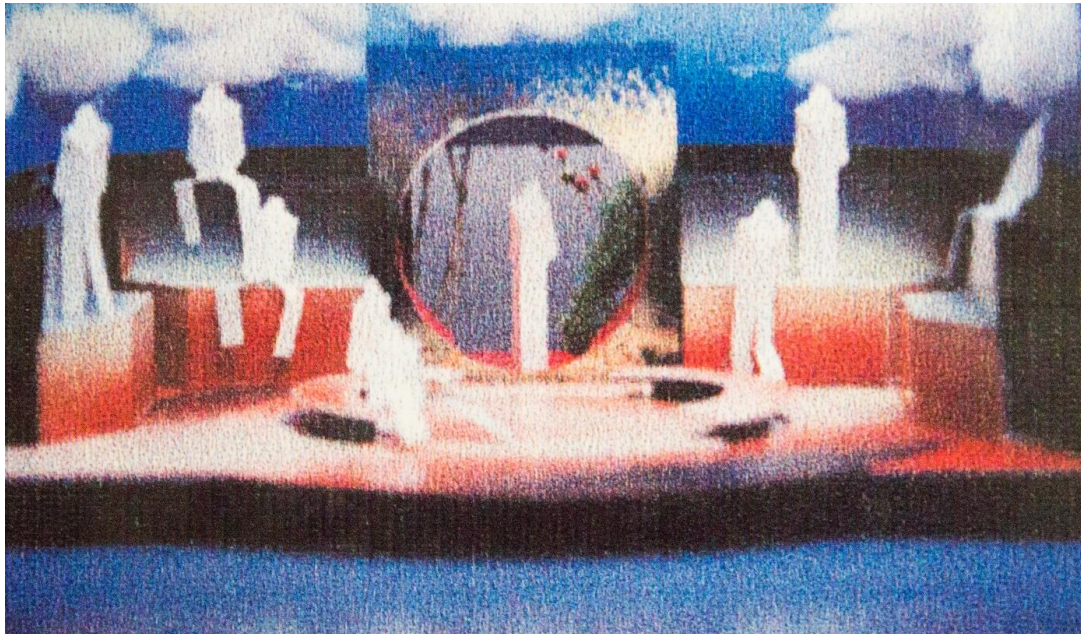
Para a Mariangela Alves de Lima, *a adaptação, quase uma reescritura fiel ao espírito, mas não à letra brechitiana, cola à situação da peça, comportamentos extraídos da vida política contemporânea.* (O Estado de São Paulo, 02/07/1999, D2).

Figura 131: Turandot. Desenhos de figurinos.



Fonte: Painel expográfico - CYRO DEL NERO - *Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Figura 132: Turandot. Maquete do cenário.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Figura 133: Turandot. Cena do espetáculo.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Ainda em 1999, a ópera *Os contos de Hoffmann*, de Jacques Offenbach, teve direção e regência de Fernando Malheiro com direção geral de Yacov Hillel. Foi

encenada no Theatro São Pedro em São Paulo e no Festival de Inverno de Campos do Jordão.

Sobre a apresentação no Festival de Campos do Jordão, Irineu Franco Perpétuo do site Uol pertencente ao Grupo Folha⁵⁴, avaliou que *a ópera contou um homogêneo elenco nacional e acompanhamento da Sinfonia Cultura*, regida por Luiz Fernando Malheiro.

Em 1999, Del Nero, foi convidado pelo professor Dr. Tupã Gomes Corrêa para atuar como professor titular de Cenografia Teatral e Indumentária junto ao departamento de Artes Cênicas da USP, e para atender as exigências do processo seletivo, é que elaborou seu memorial, uma vez que o edital do concurso também permitia a participação de especialistas de reconhecido valor. E além de ministrar as aulas, também criou cenários para os espetáculos encenados pelos alunos do curso.

Quando fui convidado para fazer os projetos de cenografia para espetáculos dos jovens da ECA, pensei em recomendar alguns dos meus alunos para fazê-lo, conservando-me como *ghost-stage designer*. Mas decidi trabalhar eu mesmo criando o espaço cênico plástico dos projetos teatrais dos alunos. (DEL NERO, 2009, página 74)

A primeira cenografia que criou para os espetáculos dos alunos foi para a montagem *O casamento*, de Nelson Rodrigues com direção de Mário Piacentini, ainda em 1999. O espetáculo participou do 13º Festival de Teatro de Blumenau, tendo sido premiado em diversas categorias: Melhor espetáculo, Iluminação, Sonoplastia, Cenografia, Ator coadjuvante e Atriz coadjuvante.

⁵⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/fq03079914.htm>

Figura 134: O casamento. Programação visual do espetáculo.



Fonte: Painel expográfico - CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.

Ainda para a ECA-USP, Del Nero fez os cenários para *A revolução dos beatos*, de Dias Gomes e direção de Marco Antonio Rodrigues. Também para o espetáculo *Seis personagens à procura de um autor*, de Luigi Pirandelo, Direção de Roman Lopes.

Figura 135: A revolução dos beatos. Programação visual do espetáculo.



Fonte: Painel expográfico - CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia

A partir de 2007, a produção de Del Nero para os cenários teatrais volta a intensificar. E mais uma vez retoma a parceria com os velhos amigos do teatro. Começou com a montagem de *Às favas com os escrúpulos*, de Juca de Oliveira e direção de Jô Soares. No elenco estavam: Bibi Ferreira, Adriane Galisteu, Daniel Warren, Juca de Oliveira e Neusa Maria Faro.

A montagem que estreou no Teatro Raul Cortez, em São Paulo, em maio de 2007, narra a história de um casal formado há cinquenta e três anos, sendo ela uma professora aposentada que apesar de todos os anos de casamento ainda continua apaixonada pelo marido que é um Senador da República.

Segundo Domingues (2017, 123), no programa do espetáculo há um texto assinado por Juca de Oliveira no qual afirma que o texto foi escrito para a atriz Bibi Ferreira desempenhar o papel da professora aposentada.

E no programa do espetáculo, Jô Soares falou da amizade com o amigo Del Nero:

A reunião se ampliou com a chegada do cenógrafo Cyro del Nero. Sua biografia profissional e pessoal fala por ele. Foi no porta malas do seu carro que Juca conseguiu sair do país na época infausta da ditadura. (Domingues, 2017, 123)

Cyro del Nero, descreve a direção de Jô Soares:

Quem desenha a ação deste espetáculo e empresta a sua perspicaz observação dos movimentos humanos é Jô Soares, com a sabedoria de quem conhece os labirintos e surpresas conceituais do humor através da mais longa e profícua experimentação profissional. Sua direção organiza e deixa clara a destruição ética, passo a passo, gesto a gesto, entonação e *timing* e em lances dramáticos, nos faz ver o mal vitorioso. (Domingues, 2017, 123)

Figura 136: Às favas com os escrúpulos. Programa do espetáculo.



Bibi Ferreira, Juca de Oliveira, Jô Soares e Cyro del Nero.

Fonte: Acervo Juca de Oliveira, fotógrafo João Caldas.

Figura 137 A e B: Às favas com



Juca de Oliveira e Cyro del Nero



Jô Soares e Cyro del Nero

Fonte: Acervo Juca de Oliveira, fotógrafo João Caldas.

Figura 138: Às favas com os escrúpulos. Maquete.



Fonte: Painel expográfico - CYRO DEL NERO - *Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Foto 139: Às favas com os escrúpulos. Cena do espetáculo.



Fonte: jornal O Estado de São Paulo, Antonio Milena, 07/06/2007

Figura 140: Às favas com os escrúpulos. Cena do espetáculo.



Neusa Maria Faro, Juca de Oliveira e Bibi Ferreira

Fonte: www.ego.globo.com

No final do ano de 2007, para inaugurar o Teatro Commune, além de assinar o projeto desse equipamento cultural, Del Nero também criou para sua inauguração os cenários e os figurinos do espetáculo *O Arlecchino* de Dario Fo com direção de Augusto Marin.

A comédia era composta dos quadros *O Prólogo*, *A Fechadura*, *O Asno* e *Os Coveiros* intercalados por gags circenses e música ao vivo. Resgatava a forma ágil, cômica e alegórica das fábulas medievais e dos canovacci dos primórdios da Commedia Dell'Arte.

Augusto Marin, em depoimento para esta pesquisa descreveu os cenários e os figurinos de Del Nero:

Cyro criou uma caixa cênica toda branca, com piso de linóleo e telão claros, que lembram o espaço da rua. Com as máscaras e o figurino, estilizados a partir dos figurinos tradicionais de *Commedia Dell'Arte*, ele criou um espaço de linguagem atemporal, que remetia o espectador ao imaginário dos comediantes italianos e às feiras e praças medievais. (2019).

Figura 141: O Arlecchino. Foto da maquete no estúdio de Cyro del Nero.

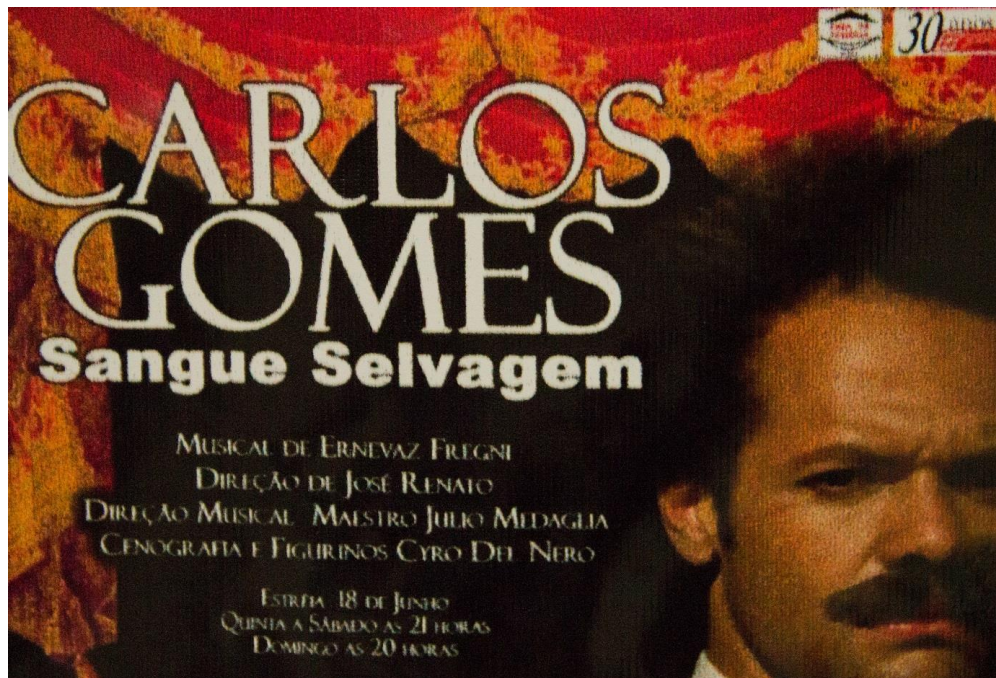


Fonte: Acervo Teatro Commune.

Em 2008, assina a cenografia e os figurinos do espetáculo *Carlos Gomes – Sangue Selvagem*, de Erné Vaz Fregni, direção de José Renato e direção musical do maestro Julio Medaglia.

Segundo João Luiz Sampaio, do jornal O Estado de São Paulo, (18/06/2009, D6), o espetáculo narra os instantes finais da vida do compositor brasileiro, autor de óperas como *O Guarani*, antes de voltar ao primeiro momento decisivo de sua carreira, quando, na juventude decide abandonar a Campinas natal e ir estudar música no Rio de Janeiro.

Figura 142: Carlos Gomes – Sangue Selvagem. Cartaz do espetáculo.



Fonte: Exposição *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

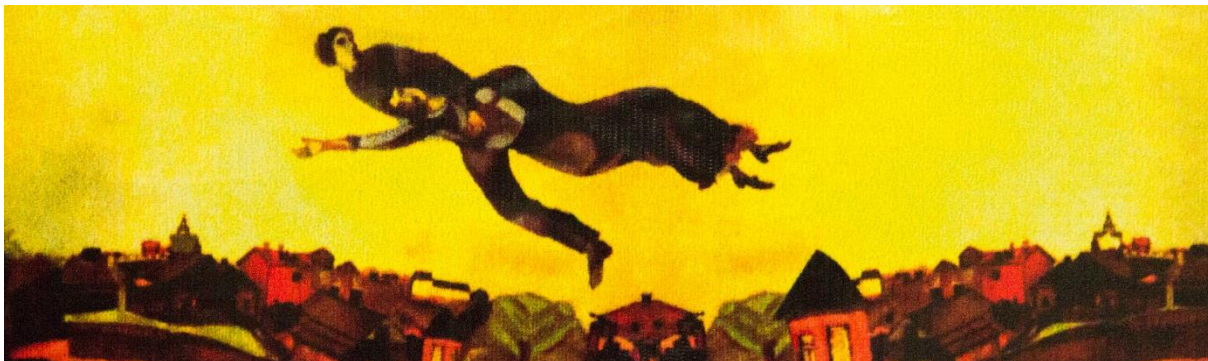
Ainda em 2008, também assina os cenários e figurinos do espetáculo *Os possessos*, de Fiódor Dostoiéski, com direção de Antonio Abujamra, que ficou em cartaz na sala Guiomar Novaes da Funarte – Fundação Nacional das Artes, em São Paulo.

A montagem foi resultado de quatro meses de trabalhos e estudos, realizados no Programa Geografia da Palavra, projeto do Centro de Aperfeiçoamento Teatral da Funarte sob coordenação do Teatro Commune.

A adaptação feita por Abujamra teve como referência a versão feita para teatro por Albert Camus. A história se passa na Rússia do século XIX e trata da miséria e da injustiça que estimulam uma classe de homens insatisfeitos com o regime a tomar o poder e instaurar, mesmo que pelo terror, um novo sistema de governo.

Jeferson Del Rios, em crítica no jornal *O Estado de São Paulo*, (10/07/2008, p 74), detalha a cenografia: *o painel dominante no cenário é um quadro do Marc Chagall, que participou da administração soviética como “comissário do povo para as belas-artes”.*

Figura 143: Os possessos.



Fonte: Painel expográfico - *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Figura 144: Os possessos. Foto do espetáculo.



Fonte: Exposição *CYRO DEL NERO - Um panorama do trabalho de Cyro Del Nero em mais de 60 anos de cenografia.*

Em 2010, Del Nero assinou um de suas últimas cenografia, o espetáculo *Paixão de Cristo de Piracicaba*, com texto de Raul Rosados e direção de João Scarpa. Também assinou parte dos figurinos, uma vez que a Associação Cultural e Teatral Guarantã, realizadora da encenação, possui em seu acervo

aproximadamente novecentos figurinos assinados por Carlos ABC, que são reaproveitados anualmente.

A encenação do Grupo Guarantã, acontece ao ar livre na cidade de Piracicaba, desde 1990. Desde 1992, localiza-se no Parque do Engenho Central, tendo contado com diversos diretores e autores ao longo de todos esses anos. Seu elenco é composto por aproximadamente 350 pessoas entre artistas locais, profissionais e amadores, e moradores da cidade.

João Scarpa, diretor da montagem em 2010, contou que além da maestria na construção cenográfica: *a sabedoria e a generosidade do Cyro foram fundamentais para me dar segurança a frente da direção de um dos maiores espetáculos ao ar livre do Brasil. Cyro, para além de um grande parceiro na Paixão de Cristo de Piracicaba, foi um grande mestre.* (2018, depoimento)

Rosângela Pereira, na época diretora da Associação Cultural e Teatral Guarantã, em depoimento para esta pesquisa lembrou da generosidade de Del Nero em receber o grupo da cidade de Piracicaba no seu atelier em São Paulo para que pudesse apresentar a maquete, fato relevante para o grupo porque apesar dos anos de existência, a construção de uma maquete cenográfica para a encenação nunca havia sido feita. *Foi lindo ele dizer que estaria encerrando sua carreira com chave de ouro, pois era um sonho realizado.*

Figura 145: Paixão de Cristo de Piracicaba. Maquete.



Cyro del Nero no dia da apresentação da maquete dos cenários.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador. Foto: Marcelo Basso.

Ainda em 2010, Del Nero desenhou os cenários do seu último trabalho: *Os 39 degraus*, foi adaptado do original de Alfred Hitchcock por Alexandre Reinecke e Clara Carvalho. Com direção do próprio Alexandre Reinecke no elenco estavam: Dan Stulbach, Danton Mello, Fabiana Gugli, Henrique Stroeter e Paulo Ivo. A montagem estreou no Teatro Frei Caneca no final de agosto de 2010.

Figura 146: Os 39 degraus. Capa do programa.



Fonte: Acervo do pesquisador.

No miolo do programa há texto assinado pela equipe de produção: Dalva de Abrantes, Marcos Amazonas e Marcos Mendonça, que além narrar parte de sua trajetória em todos os caminhos da arte que percorreu, também expressa o reconhecimento e o agradecimento pelo seu legado:

Um homem elegante, refinado, e coisa rara, bom amigo. Como raros são os profissionais que podem se equiparar a Cyro del Nero, tanto pela sua diversidade quanto pela sua força produtiva. Figura singular, foi um dos construtores da nossa história cultural. Cyro nos deixou um legado ímpar com sua produção nacional e internacional, e em particular para nós de “Os 39 degraus”, Cyro deixou seu último trabalho. Bravo. Bravíssimo. Cyro, obrigado.

Apesar de seu amor e de se reconhecer como um artista do teatro, por conta das inúmeras dificuldades que esta arte enfrenta para sua produção, Cyro del Nero, buscou outros caminhos para seu talento: moda, televisão, cinema, ensino, artes plásticas e visuais... Mas sempre teve seu ofício de cenógrafo como a base fundamental de seu trabalho.

“*Sou um homem de teatro*”, com este discernimento, Cyro del Nero fez de seu ofício uma realização pessoal capaz de interagir com o público que prestigiou os espetáculos contemplados com sua cenografia.

Figura 147: Cyro del Nero no início da carreira.



Fonte: Exposição Cyro del Nero e a máquina para os deuses.

"A cenografia é uma arte que, vista, deve integrar-se às palavras, aos conceitos do diretor e à ação do porta-voz de toda produção, que é o ator."

Cyro del Nero

4 CARTOGRAFIA DA CENOGRAFIA TEATRAL DE CYRO DEL NERO

Neste capítulo consta o levantamento de todos os trabalhos em cenografia teatral realizados por Cyro del Nero no período de 1950 à 2010, com suas respectivas comprovações.

Considerarei a cenografia teatral, nos segmentos: teatro dramático amador, teatro dramático profissional, teatro universitário, show musical, show humorístico e ópera. Não levei em consideração os desfiles de moda da Rhodia na FENIT, embora existam pesquisas científicas que tratem de sua teatralização, mostrando que se utilizavam das técnicas teatrais para sua realização.

A primeira estreia do espetáculo é que foi considerada para catalogação porque muitos tiveram mais de uma temporada.

Ano	Mês	Segmento	Espectáculo	Documentos Acervo Cyro Del Nero (ACDN) / Centro de Documentação Teatral (CDT)	Fontes	Equipamento Cultural	Observação
1955	?	Teatro Dramático Amador	Dois destinos. Autor: Noel Coward. Direção Egidio Écio. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 30.	?	Festival de Teatro Amador de São Paulo
	?	Teatro Dramático Amador	Do mundo nada se leva. Autor: Kaufmann e Moss & Hart Direção: Flávio Rangel. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 30. SIQUEIRA, José Rubens. Viver de teatro. São Paulo: Nova Alexandria, 1995, p 48.	?	*
	Dezembro	Teatro Dramático Amador	O Anfitrião. Autor: Plauto. Direção: Zizos Charatsaris. Cenários e figurinos: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo e Matéria jornalística. Croquis da maquete (ACDN)	Memorial, p 30. O Estado de São Paulo, 10/12/1955, p 8 O Estado de São Paulo, 13/07/1956, p 9 BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE. Cyro del Nero e Mauro Rubens de Barros: Memória Oral.	Teatro Novos Comediantes, São Paulo.	Em julho de 1956, o espetáculo foi apresentado no Teatro Leopoldo Fróes
1958	?	Ópera	Rapto no Serralho. Autor: Wolfgang Amadeus Mozart Direção:	Memorial: registro do espetáculo Maquete (ACDN)	Memorial p 41 e 46.	Teatro Estadual de Württemberg, Alemanha.	*
1960	?	Teatro Dramático Profissional	Leonor de Mendonça. Autor: Gonçalves Dias. Direção: Flávio Rangel. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 56. SIQUEIRA, José Rubens. Viver de teatro. São Paulo: Nova Alexandria, 1995, p 87.	Theatro São Pedro, Porto Alegre – RS.	Produção do TBC – Teatro Brasileiro de Comédia encenada em Porto Alegre – RS.

	Julho	Teatro Dramático Profissional	O Pagador de Promessas. Autor: Dias Gomes. Direção: Flávio Rangel. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 57. GUZIK, Alberto. TBC: Crônica de um sonho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986, p 182 à 192. Revista Dionysos, página: 257. Número: 25, 1980. Ministério da Educação e Cultura. SIQUEIRA, José Rubens. Viver de teatro. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1995, São Paulo, p 344. MAGALDI, Sábado e; VARGAS, Maria Thereza Vargas. Cem anos de Teatro em São Paulo. São Paulo: Editora Senac, 2001, p 238.	TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, São Paulo.	*
1961	Abril	Teatro Dramático Profissional	A Semente. Autor: Gianfrancesco Guarnieri. Direção: Flávio Rangel.	Memorial: registro do espetáculo e programa do espetáculo. Programa do espetáculo (CDT).	Memorial, p 57. GUZIK, Alberto. TBC: Crônica de um sonho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986, p 193 à 198. Revista Dionysos, página: 259. Número: 25, 1980. Ministério da Educação e Cultura. SIQUEIRA, José Rubens. Viver de teatro. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1995, p 344.	TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, São Paulo.	*
	Agosto	Teatro Dramático Profissional	Almas Mortas. Autor: Nikolai Gógol. Direção: Flávio Rangel. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo Programa do espetáculo (CDT).	Memorial, p 59. GUZIK, Alberto. TBC: Crônica de um sonho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986, p 203 à 204. Revista Dionysos, página: 259. Número: 25, 1980. Ministério da Educação e Cultura. SIQUEIRA, José Rubens. Viver de teatro. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1995, p 344.	TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, São Paulo.	*
	Outubro	Teatro Dramático Profissional	A Escada. Autor: Jorge Andrade. Direção: Flávio Rangel. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo. Programa do espetáculo (CDT).	Memorial, p 59 GUZIK, Alberto. TBC: Crônica de um sonho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986, p 199 à 200. Revista Dionysos, página: 259. Número: 25, 1980. Ministério da Educação e Cultura. SIQUEIRA, José Rubens. Viver de teatro. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1995, p 345.	TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, São Paulo	*
	?	Teatro Dramático Profissional	Raízes. Autor: Arnold Wesker. Direção: Antonio Abujamra. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo e foto do espetáculo.	Memorial, p 57. O Estado de São Paulo, 17/06/1961, p 08. O Estado de São Paulo, 20/05/1961, p 08. RAÍZES. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019.	Teatro Federação, São Paulo.	Produção do Teatro Cacilda Becker.

	?	Teatro Dramático Profissional	Um elefante no caos. Autor: Millôr Fernandes. Direção: Egydio Eccio	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 58. LYCIA, Nídia. Ninguém se livra dos seus fantasmas. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p 38.	Teatro Bela Vista, São Paulo.	*
	?	Teatro Dramático Profissional	Os Males da Juventude. Autor: Ferdinand Brückner. Direção: Alberto D'Aversa.	Memorial: registro do espetáculo. Programa do espetáculo (CDT)	Memorial, p 58. MERCADO NETO, Antonio. <i>A crítica teatral de Alberto D'Aversa no Diário de São Paulo.</i> 1979. 220 fl. Dissertação de mestrado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.	Teatro Maria Della Costa, São Paulo.	Produção do Teatro Ruth Escobar.
	Outubro	Teatro Dramático Profissional	Quarto de Despejo. Autora: Maria Carolina de Jesus. Adaptação: Edy Lima. Direção: Amir Haddad.	Memorial: registro do espetáculo, Foto da maquete (ACDN), Matéria jornalística.	O Estado de São Paulo - 03/10/1961. O Estado de São Paulo - 02/06/1962 Prêmio Saci.	Teatro Bela Vista, São Paulo.	*
1962	Setembro	Teatro Dramático Profissional	A Revolução dos Beatos. Autor: Dias Gomes. Direção: Gianni Ratto. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 60. Citação no Livro: Apenas um Subversivo Dias Gomes, Página 186. Revista Dionysos, página: 261. Número: 25, 1980. Ministério da Educação e Cultura. Guzik, Alberto. TBC: Crônica de um sonho. São Paulo, Editora Perspectiva, 1986, p 211. - Siqueira, José Rubens. Viver de teatro. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1995, p 345.	TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, São Paulo	*
1967	Junho	Teatro Dramático Profissional	Isso devia ser proibido. Autor: Bráulio Pedroso. Direção: Gianni Ratto. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo e cópia de programa do espetáculo.	Memorial, p 60. Prado, Luiz Antonio do. Cacilda Becker - Fúria Santa. São Paulo: Editora Geração Editorial: 2002, p510. O Estado de São Paulo, 07/04/1967, p 7. O Estado de São Paulo, 23/06/1967, p 13.	Teatro Cacilda Becker.	
	Abril	Teatro Dramático Profissional	Esperando Godot. Autor: Samuel Backet. Direção: Flávio Rangel. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 61. SIQUEIRA, José Rubens. Viver de teatro. São Paulo, Editora Nova Alexandria, 1995, p 199.	Teatro Cacilda Becker, São Paulo.	*
1969	Setembro	Teatro Dramático Profissional	Romeu e Julieta. Autor: William Shakespeare. Direção: Jô Soares. Cenários e Figurinos: Cyro del Nero	Memorial: registro do espetáculo, matéria jornalística sem data e sem fonte, fotos da maquete e do espetáculo. Fotografias (ACDN)	Memorial, p 61. Domingues, Giovani Tozi Rocha. <i>Jô Soares, diretor teatral.</i> 2017. 191 fl. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. - Soares, Jô; Suzuki Junior, Matinas. O livro de Jô. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p 413.	Teatro Ruth Escobar, São Paulo.	*

	Novembro	Teatro Dramático Profissional	Hamlet. Autor: William Shakespeare. Direção: Flávio Rangel. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 62. SIQUEIRA, José Rubens. Viver de teatro. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1995, p 349. O Estado de São Paulo, 19/11/1969, p 9.	Teatro Anchieta, São Paulo.	Consta que a cenografia foi executada pelo <i>Studio 13</i> .
1970	Outubro	Teatro Dramático Profissional	Os rapazes da banda. De: Mart Crowley. Tradução de Millôr Fernandes. Direção: Maurice Vaneau. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 62. GOUVÊA, Leila V. B. Maurice Vaneau artista múltiplo. São Paulo: Imprensa Oficial - Coleção Aplauso, 2006, p 172 à 175. Folha de São Paulo, Ilustrada, 25/10/1970, p 66. TOLETO, Vânia. PALCO PAULISTANO – São Paulo Stage. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009, p 91.	Teatro Cacilda Becker, São Paulo.	*
1971	Maio	Teatro Dramático Profissional	Os dois cavalheiros de Verona. Autor William Shakespeare. Direção: Michael Bogdanov.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 62. Folha de São Paulo, 11/05/1971, p 23. FERNANDES, Rofran. Teatro Ruth Escobar: 20 anos de resistência. São Paulo: Global Editora, 1985, p 48	Teatro Ruth Escobar, São Paulo.	*
	Maio	Teatro Dramático Profissional	Tudo no Escuro. Auto: Peter Shaffer Tradução, Adaptação e Direção: Jô Soares. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 61. Domingues, Giovani Tozi Rocha. Jô Soares, diretor teatral. 2017. 191 fl. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. O Estado de São Paulo, 19/05/1971, p 07. O Estado de São Paulo, 20/05/1971, p 14.	Teatro Cacilda Becker, São Paulo.	*
	Setembro	Show Humorístico	2002 Uma prosopopeia no espaço. Texto: Vasconcelos e Alexandre Pires. Direção de Caetano Gherardi. Cenários: Cyro del Nero.	?	Folha de São Paulo. 21/09/1971, p 29.	Cine-Teatro Esmeralda, São Paulo.	*
	Outubro	Show Humorístico	Uma noite com Chico Anísio. Texto e direção: Chico Anísio. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 63. Folha de São Paulo, 12/10/1971, p 34.	Teatro Maria Della Costa, São Paulo.	*
1972	Março	Show Musical	Elis Regina show. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do show.	Memorial, p 64. Folha de São Paulo, 11/03/1972, p 35.	Teatro da Praia, Rio de Janeiro	*
	Julho	Teatro Dramático Profissional	À flor da pele. Autora: Consuelo de Casto. Direção: Jorge Dória. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 64. Correio da Manhã, 14/07/1972, p 5. Correio da Manhã, 18/07/1972, p 5. O Globo, 22/07/1972, p 13.	Teatro da Praia, Rio de Janeiro.	*

	Julho	Show de Variedades	Misto Quente. Produção Ronaldo Bôscoli e Luis Carlos Miele. Direção Augusto César Vanucci. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do show.	Memorial, p 64. O Globo, 27/07/1972, p 6.	Teatro Princesa Isabel, Rio de Janeiro.	*
	?	Show de Variedades	Regina Mon Amour Direção: Augusto César Vanucci. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 63. http://reginaduarteamoradilha.dobrasil.blogspot.com	Canecão, Rio de Janeiro.	*
1975	Fevereiro	Teatro Dramático Profissional	Feira do adultério. Autores: Jô Soares, Lauro César Muniz, Braulio Pedroso, Paulo Ponte, João Betencourt, e Ziraldo. Direção: Jô Soares. Cenários: Cyro del Nero.	?	O Globo, 22/02/1975, p 33. O Globo, 05/03/1975, p 32.	Teatro Princesa Isabel, Rio de Janeiro.	*
1981	?	Teatro Dramático Profissional	O Hamlet. Autor: Giovanni Testori. Direção: Antonio Abujamra. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo. Desenho do figurino e programação visual (ACDN).	Memorial, p 66.	TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, São Paulo.	*
	Fevereiro	Teatro Musical	Dona Flor e seus dois maridos. Adaptado do romance de Jorge Amado por Manoel Carlos. Direção de José Maria Paolantonio. Cenários e Figurinos: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo, matéria jornalística, possível miolo do programa do espetáculo e foto do espetáculo. Foto da maquete (ACDN)	Memorial, p 66. Folha de São Paulo, 13/03/1985, p 37. O Estado de São Paulo, 17/04/1985, p 14.	Teatro Brigadeiro, São Paulo.	*
1985	Março	Teatro Dramático Profissional	Camasutra. Autores: Mário Prata, Leilah Assumpção, Luis Carlos Cardoso, Celso Luiz Paulini e Antonio Bivar. Direção: Moracy do Val e Altair Lima. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo e fotos do espetáculo. Foto do espetáculo (ACDN)	Memorial, p 67. O Estado de São Paulo, 15/03/1985, p 38.	Teatro Zaccaro, São Paulo.	*
	Dezembro	Show de variedades.	São Paulo night andei. Direção: Abelardo Figueiredo. Cenários: Cyro del Nero.	?	Folha de São Paulo, 28/12/1985, página 44	Teatro Palladium, São Paulo.	*

1986	Maio	Teatro Dramático Profissional	Grita paixão. Autor: Walcyr Carrasco. Direção: Maurice Vaneau. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 66. O Estado de São Paulo, 07/05/1986, p 4, C2.	Teatro Cultura Artística, São Paulo	*
1987	Abril	Teatro Dramático Profissional	Black out. Autor: Frederick Knott Direção: Maurice Vaneau Cenários: Cyro del Nero.	?	Folha de São Paulo, 01/04/1987, p A32.	Teatro Hilton, São Paulo.	*
	Março	Teatro Dramático Profissional	Meno Male. Autor: Juca de Oliveira. Direção Bibi Ferreira. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo, fotos dos cenários e programa do espetáculo.	Memorial, p 68. O Estado de São Paulo, 04/04/1987, p 47 Folha de São Paulo, 08/03/1987, p A36	Teatro FAAP, São Paulo.	*
1993	?	Ópera	Tosca. Autor: Giacomo Puccini. Direção: Maurice Vaneau.	Memorial: registro da ópera	Memorial, p 71.	Teatro Municipal de São Paulo	*
1995	?	Ópera	O barbeiro de Sevilha. Autor: Gioacchino Rossini. Direção: Angela Zabrsa	Memorial: registro da ópera	Memorial, p 71.	Teatro Municipal de São Paulo	*
1996	Maio	Teatro Dramático Profissional	Como se fosse um crime. Autora: Angela Carneiro. Direção: Denoy de Oliveira.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 68. O Estado de São Paulo, 17/05/1996, p D2 Folha de São Paulo, 03/08/1996, p 03.	Teatro Mars, São Paulo.	*
	?	Show de variedades	Stravaganza. Direção: Abelardo Figueiredo. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial	Memorial, p 69. Clube News, 05/09/1997, p 7.	Teatro Studium, São Paulo.	*
	Outubro	Ópera	O Guarani. Autor: Carlos Gomes. Direção de Plamen Kastaloff. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo, matérias jornalísticas, programa do espetáculo e fotos do espetáculo.	Memorial, p 72 Folha de São Paulo, 28/10/1996, Caderno Ilustrada, página 5. O Estado de São Paulo, 25/04/1996, p D2. Correio Braziliense, 09/11/1996, p 3.	Ópera Nacional de Sofia, Bulgária	*
1997	?	Ópera	Elisir D'Amore. Autor: Gaetano Donizetti. Direção: Yacov Hillel. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo e foto do espetáculo. Foto do espetáculo (ACDN)	Memorial, p 73.	Teatro Municipal de São Paulo e de Manaus	*

1998	Setembro	Ópera	Aída. Autor: Giuseppe Verdi. Regência: Júlio Medaglia. Direção: Werner Herzog. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 73. O Estado de São Paulo, 10/06/1998, Caderno 2, página 71	Às margens do rio Negro, Manaus.	*
	Outubro	Teatro Dramático Profissional	Viva o Demiurgo! Autor: Paulo Péllico Direção de Bibi Ferreira. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo.	Memorial, p 69. O Estado de São Paulo, 30/10/1998, p D20.	Teatro Hilton, São Paulo.	*
1999	Março	Teatro Infantil	Vô doidim e os velhos batutas. Autora: Nanna de Castro Direção: Carlos Gradim. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo. Prêmio Coca-Cola de Teatro (ACDN)	Memorial, p 70. Folha de São Paulo, Guia da Folha - SP, 26/03/1999, p 31.	Teatro Denoy de Oliveira, São Paulo.	*
	Junho	Teatro Universitário	O casamento. Autor: Nelson Rodrigues. Direção de Mário Piacentini. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo. Prêmio Melhor Cenografia no Festival Universitário de Blumenau. (ACDN)	Memorial, p 75 www.furb.br	Teatro ECA-USP e Festival Universitário de Blumenau	*
	Julho	Teatro Dramático Profissional	Turandot. Autor: Bertold Brecht Adaptação do próprio Denoy de Oliveira e Sérgio Rubens de A. Torres. Direção de José Renato. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo e matéria jornalística. Foto do espetáculo (ACND) Desenhos dos cenários e figurinos (ACDN)	Memorial, p 70. O Estado de São Paulo, 02/07/1999, D2. Veja, 09/07/1999, p 32.	Teatro Denoy de Oliveira, São Paulo.	*
	Julho	Ópera	Os contos de Hoffmann. Autor: Jacques Offenbach. Direção e regência de Fernando Malheiro. Direção geral: Yacov Hillel Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo	Memorial, p 74. https://www1.folha.uol.com.br/fs/p/ilustrada .	Theatro São Pedro, São Paulo e no Festival de Inverno de Campos do Jordão.	*
	Julho	Teatro Universitário	A revolução dos beatos. Autor: Dias Gomes. Direção: Marco Antonio Rodrigues. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo. Cartaz (CDT)	Memorial, p 76.	Teatro ECA-USP.	*

	Julho	Teatro Universitário	Seis personagens à procura de um autor. Autor: Luigi Pirandello. Direção: Roman Lopes. Cenários: Cyro del Nero.	Memorial: registro do espetáculo. Cartaz (CDT)	Memorial, p 76.	Teatro ECA-USP.	*
2007	Maio	Teatro Dramático Profissional	Às favas com os escrupulos. Autor: Juca de Oliveira. Direção de João Soares. Cenários: Cyro del Nero.	Foto da maquete (ACDN)	O Estado de São Paulo, 07/06/2007, p D9.	Teatro Raul Cortez, São Paulo	*
2008	Junho	Teatro Dramático Profissional	Carlos Gomes – Sangue Selvagem Autor: Ernê Vaz Fregni. Direção: José Renato. Direção musical: Julio Medaglia. Cenários e Figurinos: Cyro del Nero	Cartaz (ACDN)	O Estado de São Paulo, 18/06/2009, D6.	Teatro do Arcos, São Paulo.	*
	Julho	Teatro Dramático Profissional	Os possessos. Autor: Fiódor Dostoievski Direção: Antonio Abujamra	Foto da Maquete (ACDN) Foto do espetáculo (ACDN)	O Estado de São Paulo, 10/07/2008, p 74.	Sala Guiomar Novaes da Funarte, em São Paulo	*
	Dezembro	Teatro Dramático Profissional	O Arlecchino. Autor: Dario Fo. Direção: Augusto Marin Cenários e Figurinos: Cyro del Nero.	?	Foto da maquete acervo Teatro Commune.	Teatro Commune, São Paulo.	*
2010	Março	Teatro Dramático Profissional	Paixão de Cristo de Piracicaba. Autor: Raul Rosados. Direção: João Scarpa Cenários: Cyro del Nero	Foto da maquete (ACDN)	Jornal de Piracicaba, 01/04/2010, p C1. Jornal de Piracicaba, 08/04/2010, p C1. Gazeta de Piracicaba, 22/12/2009, p 11.	Parque do Engenho Central, Piracicaba, SP.	Encenação ao ar livre.
	Agosto	Teatro Dramático Profissional	Os 39 degraus. Autor: Alfred Hitchcock. Adaptação: Alexandre Reinecke e Clara Carvalho. Direção: Alexandre Reinecke. Cenários: Cyro del Nero.	?	Programa do espetáculo.	Teatro Frei Caneca, São Paulo.	*

Figura 148: Cyro del Nero lecionando no Teatro Commune.



Fonte: Acervo Teatro Commune, 2010.

“O teatro foi historicamente exaltado por sua resistência. E sempre resistirá como uma boca de cena falante da verdade e exigente da liberdade humana.”

Cyrol Del Nero

5 MÁQUINA PARA OS DEUSES: o legado de um ofício

Na última década de sua vida, além dos trabalhos em cenografia, Del Nero, também orientou dissertações de mestrado na ECA-USP e lançou alguns livros sobre cenografia, história da moda, a Grécia e uma coletânea de diferentes textos curtos em diversos assuntos.

Sobre sua produção científica é possível encontrar orientação de dissertações de mestrado para a ECA-USP em meados da década de 2000, que tratam: sobre história da moda, que inclusive foi objeto de estudo nesta pesquisa; sobre a transformação do espaço cênico a partir de Appia; sobre a cenografia no teatro elisabetano; sobre a linguagem cenográfica e sobre os trabalhos realizados por Gianni Ratto.

O primeiro livro que Del Nero lançou intitulado: *Vidas Preciosas*, no ano de 2006, foi escrito em parceria com Paulo Rodrigues da Costa e Heloísa Archêro Araújo através do seu depoimento e de alguns familiares, sobre a vida de seus avós e sua dedicação à Primeira Igreja Presbiteriana do Brasil.

Em 2006, Del Nero lançou o livro *Com a Grécia na mochila*, no qual traça roteiros de viagens baseada em todas as suas idas ao país, praticamente anuais, desde 1956.

Figura 149: Com a Grécia na mochila. Capa do livro.



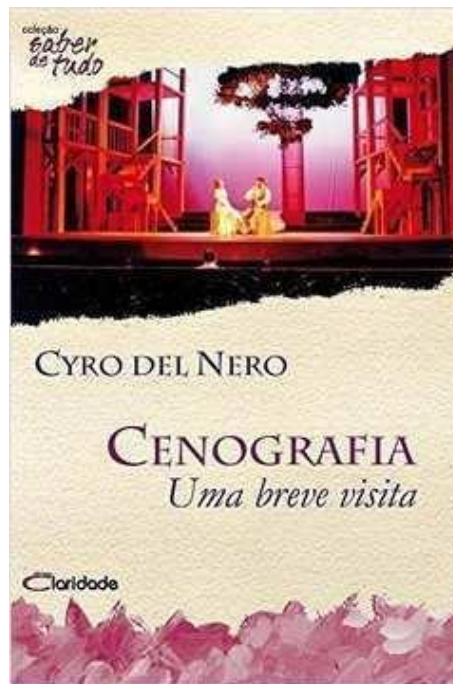
Fonte: Acervo do pesquisador.

No ano seguinte, 2007, publicou *Com ou sem a folha da parreira: a curiosa história da moda*, no qual traz uma narrativa histórica da moda partindo do ponto de vista da insatisfação humana e o desejo de alterar e criar uma nova *persona*.

Em 2008, reuniu parte dos textos que apresentava em seu programa na Rádio Cultura FM de São Paulo e com o mesmo título; *A celebração do dia*, lançou em formato de livro pela editora Theatron, que na época pertencia ao próprio Del Nero. No total, são 365 diferentes textos curtos que celebram datas históricas e abordam pensamentos sobre arte e a humanidade.

Sua obra seguinte foi lançada em 17 de junho de 2008, na Livraria da Vila, na cidade São Paulo, *Cenografia – Uma breve visita*, pela Editora Claridade. Aborda questões históricas da cenografia e seus maquinários, com capítulos que tratam sobre a história da iluminação cênica e sobre a produção cultural.

Figura 150: Cenografia uma breve visita.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Pesquisador convicto desde a juventude no início da década 1950, das artes plásticas, da cenografia, do traje de cena e da moda, deixou seu legado no livro *Máquina para os deuses*, no qual registrou todo o conhecimento adquirido em sessenta anos de ofício.

Máquina para os deuses, lançado pela Editora Sesc, 2009, em São Paulo, aborda as origens da arte cenográfica e sua evolução, registrando a criação e a utilização de cenários e de diversas máquinas e dispositivos mecânicos, há quase uma biografia dos grandes cenógrafos: *Adolphe Appia*, *Gordon Graig* e *Josef Svoboda*. Com rica documentação iconográfica, o livro registra a importância da cenografia e a complexidade de recursos com que o profissional da área pode operar. O livro não tem formatação de uma pesquisa científica, mas é o retrato fiel de sua memória preenchida com seus estudos, repleta de referências com as quais estudou e trabalhou a cenografia. Como o próprio subtítulo diz: *Anotações de um cenógrafo* e o discurso da cenografia.

Figura 151. Máquina para os deuses. Capa do livro.



Fonte: acervo do pesquisador.

No início do livro, Del Nero, relata com detalhes sua primeira viagem à Grécia em 1956, onde além de adquirir conhecimento também teve sua descoberta como artista.

Para Daniela Tomas, em entrevista para o jornal Folha de São Paulo⁵⁵, a obra investiga a evolução histórica e técnica da cenografia desde o seu aparecimento na Antiguidade, na Grécia, e sua evolução, registrando a criação e a utilização de cenários e de diversas máquinas e dispositivos mecânicos. *“Máquina para os deuses” vai em busca das origens da cenografia e defende que tudo é espetáculo em uma sociedade da performance.*

Nas anotações que compõem o livro é possível perceber outra particularidade: para Del Nero, criar e conhecer são ações simbólicas. Não é um conhecimento adquirido em sala de aula. Ele precisou ver, e se possível tocar, os objetos de arte que o entusiasmaram.

Del Nero fez com suas anotações o traçado do percurso de cada elemento do repertório do cenógrafo, desde sua mais remota ou até mesmo inusitada origem. E fez esse traçado como se o descobrisse no decorrer de uma longa viagem.

⁵⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2510200912.htm>

A cenógrafa Daniela Tomas, ainda frisa que Del Nero arrisca uma teoria sobre um novo *status* para a cenografia: *numa sociedade da performance, tudo é espetáculo. Quase todo e qualquer espaço é palco.*

Na segunda edição do prêmio Cooperativa Paulista de Teatro, em 2009, o livro *Máquina para os deuses* foi premiado na categoria *Publicação dedicada ao universo do teatro, suas diversas vertentes, relações e linguagens, em projetos de Grupos e Companhias Teatrais e Instituições ou similares.*

Para Beth Néspoli, em artigo no jornal de O Estado de São Paulo, como professor, Del Nero tinha o desejo de compartilhar seu aprendizado de uma vida, e foi isso que o faz escrever seu livro *Máquinas para os deuses*. A vocação didática também esteve presente no lançamento no qual falou sobre a pesquisa iconográfica que ilustra o livro. (02/09/2009, Caderno 2, D7)

Mas Beth Néspoli, aponta que o livro também possui outra vocação:

Volume ilustrado com muitas imagens, que traz uma cronologia na qual entrelaça teatro e história; Introdução da Nova Constituição Democrática de Atenas, por Sólon; Píndaro começa a escrever suas odes líricas; Primeira produção de Ésquilo – e glossários que são, para qualquer leitor interessado em teatro, preciosa fonte de consulta. Sim, glossários, no plural, de termos técnicos que envolvem dispositivos de palco, arquitetura, e ainda de elementos dos teatros grego e romano. (02/09/2009, Caderno 2, D7)

Beth Néspoli também observou que o glossário existente no livro que *para qualquer leitor interessado em teatro é uma preciosa fonte de consulta*. Fala também do Cyro como diretor de arte de televisão e sobre sua formação movida pela curiosidade intelectual:

“Há quem identifique em Cyro del Nero um grande diretor de arte de televisão. Antes mesmo desse termo ter sido cunhado, criou imagens para aberturas de novelas de efeitos surpreendentes numa época em a computação gráfica estava longe de existir...
...Cyro del Nero pertence a uma geração de artistas brasileiros que aprenderam seu ofício não pela educação formal, mas pelo poder de observação, motivados pela paixão, interesse e curiosidade intelectual...” (02/09/2009, Caderno 2, D7)

O lançamento do livro *Máquina para os deuses* aconteceu no Sesc Pinheiros, na cidade de São Paulo, e contou com apresentação do amigo Juca de Oliveira, que falou sobre sua estreia no teatro profissional com cenários de Del Nero, em *A Semente*, em 1961. Falou também da amizade com o autor e de sua importante colaboração para a sua fuga do Brasil, durante o regime militar de 1964, em que,

generosamente, o levou até a fronteira da Bolívia a bordo do seu fusca. Juca também mencionou os trabalhos que realizaram juntos com Bibi Ferreira e Jô Soares: *Meno Male* e *Às favas com os escrúpulos*.

O cenógrafo José de Anchieta, em depoimento para esta pesquisa avaliou que a maior contribuição de Del Nero para o teatro brasileiro é este livro: Eu destaco isso que eu acabei de falar, ele tem uma visão enciclopédica, esse livro dele *Máquina para os deuses* é muito claro. (ANCHIETA, 2017).

No Brasil, são poucas as publicações sobre cenografia, a maior parte data a partir de 2000. *Máquina para os deuses*, é o resultado de um constante aprendizado, muitas vezes empírico e sem um sistema pedagógico, e pode ser colocado como fonte acadêmica.

Figura 152: Cyro del Nero na infância e na maturidade. Montagem feita pelo próprio cenógrafo.



Fonte: Exposição Cyro del Nero e a máquina dos deuses.

“O palco é o espaço da performance dos atores e a cenografia é a arte de organizar plasticamente esse espaço e dominar seus aspectos em todos os tipos de representação de obras dramáticas, líricas ou coreográficas.”

Cyro del Nero

6 CONCLUSÃO

Cyro Del Nero, se colocava como um homem do teatro e viveu para o teatro. Embora, muitas vezes tenha vivenciado outras frentes de trabalhos, a base de seu trabalho sempre foi o conhecimento adquirido com seus estudos da arte da cenografia, movido pela paixão, interesse e curiosidade intelectual.

Pertenceu a uma geração autodidata. Seus anos de juventude, nos quais se dedicou aos estudos na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, lhe garantiram uma base sólida para completar sua formação, que teve continuidade na Grécia, onde, além de aumentar seus conhecimentos também se descobriu como artista.

Sua contribuição à produção cultural brasileira está gravada em diversos segmentos: moda, televisão, ensino, artes plásticas e visuais, e sobretudo, cenografia teatral. Cyro, em suas diversas frentes de trabalho, executou a cenografia em muitos outros campos além do teatral.

Para Daniela Tomas: *em Cyro del Nero, num movimento inverso, temos o cenógrafo. Puro sangue. Dizer "das antigas" pode soar pejorativo, mas no seu caso é literal: cenógrafo das antiquíssimas. Íntegro e integrado com as origens do seu "métier"*

O cenógrafo tem que dominar uma série de habilidades para criar o espaço cênico que serve para dar o clima dramático e aos conflitos contidos na obra. A cenografia não é a obra propriamente, mas sim parte integrante da encenação.

Muito embora o cenógrafo seja um profissional tido como “dos bastidores”, ele é o dramaturgo do espaço, que cada vez mais, assim como em outras áreas do conhecimento, lhe é exigido mais especialidade, muito embora, a cenografia também pertença às outras áreas, como exemplo: as alegorias carnavalescas dos desfiles das escolas de samba.

Participante ativo de diversas frentes de trabalho, provavelmente devido à pequena oferta de trabalhos no campo da cenografia teatral, o cenógrafo usufruindo de todo seu conhecimento enciclopédico, se torna um empreendedor.

“Ele tinha várias frentes assim e de sucesso, na televisão, na ópera, na coisa da formação”. (depoimento SERRONI, 2017).

É também pertinente destacar que Serroni, coloca Del Nero e Hélio Eichbauer como os primeiros cenógrafos brasileiros a trabalharem com conceitos teatrais.

“Hélio Eichbauer, acho importantíssimo, acho que ele e o Cyro, são para mim os dois grandes nomes, do ponto de vista teórico, histórico, cultural. Eles estudaram filosofia, é bem mais aprofundada no sentido do conceito. (depoimento SERRONI, 2017).

Sua paixão pela Grécia motivou diversos artigos e depoimentos, além da transmissão desta admiração a muitos de seus alunos de cenografia e indumentária, alguns tendo inclusive a oportunidade de visitar o país *ciceroneados* por um entusiasmado e incansável Cyro.

“Gostava muito da Grécia e que a Grécia seria um tema recorrente nas aulas que o tempo todo quando houvesse essa possibilidade ele voltaria citar a Grécia e inclusive ele disse que já viajava a Grécia há uns 50 anos’. (depoimento PIAZENTINI, 2017)

Por sua atuação na cenografia teatral, Del Nero recebeu importante prêmio no início de sua carreira, na III Bienal das Artes Plásticas do Teatro, no âmbito da VI Bienal de São Paulo, de 1961, por seu cenário no espetáculo “*Quarto de despejo*”, com direção de Amir Haddad. (FARIA, 2012b, p. 375)

Na década de 1990, o Prêmio Coca-cola de Teatro por seu trabalho no espetáculo *Vô doidim e os velhos batutas*.

Seu livro *Máquina para os deuses*, que registra todo seu legado cultural, também foi premiado pela Cooperativa Paulista de Teatro.

Esses prêmios e depoimentos, respaldam a fortuna crítica de sua carreira teatral, devem também servir de justificativa para a preservação de seu acervo. É imprescindível que ele possa ficar sob a tutela de alguma instituição que organize, identifique, conserve-o e o disponibilize para pesquisas científicas e artísticas.

Espero que este trabalho possa contribuir para a preservação de seu acervo, quem sabe, num futuro próximo, para que não se perca mais esta importante parte da memória da produção cultural brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA PRADO, Décio de. **Teatro em progresso**. São Paulo: Martins, 1964.

AMARAL, Ricardo. **Vaudeville Memórias**. Rio de Janeiro: Leya, 2010.

ANCHIETA, José de. **Cenograficamente: da cenografia ao figurino**. São Paulo: SESC, 2015.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE. Prefeitura de São Paulo. **Cyro del Nero e Mauro Rubens de Barros: Memória Oral**. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/memoria_oral/index.php?p=6852>. Acesso em: 16 maio 2018.

BRANDÃO, Tânia. **Uma empresa e seus segredos: companhia Maria Della Costa**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BASUALDO, Carlos (Org). **Tropicália: uma revolução na cultura brasileira**. São Paulo: Cosac & Naif, 2007.

BONADIO, Maria Claudia. **O fio sintético é um show! Moda, política e publicidade; Rhodia S.A. 1960-1970**. Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, Tese de doutorado em História. 2005

CAMPOS, José Francisco Guelfi. **Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em História). USP, 2014.

TESSITORE, Viviane. **Arquivos, centros de documentação e de memória: perfis institucionais e funções sociais**. In: CAMPOS, J. F. G. (org.); **Arquivos Pessoais: experiências, reflexões e perspectivas**. São Paulo: ARQ-SP, 2017. P 12 – 28.

Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em História). USP, 2014.

CARVALHO, Maria Teresa Silva Martins de. **Paixão de Cristo, Paixão de Piracicaba**. Memória Estética e Trajetória da Associação Cultural e Teatral Guarantã. São Paulo: Giostri, 2015.

COSTA, Paulo Rodrigues da; ARAÚJO, Heloísa Archêro, NERO, Cyro Del. **Vidas Preciosas**. São Paulo: CDN, 2006.

DOMINGUES, Giovani Tozi Rocha. **Jô Soares, diretor teatral**. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena). Unicamp, Campinas, 2017.

RIOS, Jefferson del. **Crítica teatral**: vol. I. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. 287p., 19cm. (Aplauso. Teatro Brasil).

RIOS, Jefferson del. **Crítica teatral**: vol. II. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. 377p., 19cm. (Aplauso. Teatro Brasil).

FARIA, João Roberto. **História do Teatro Brasileiro**, v.1 e v.2. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FIGUEIREDO, Mônica. **Abelardo Figueiredo: o show não pode parar**. São Paulo: Editora Sapucaia, 2016.

FERNANDES, Rofran. **Teatro Ruth Escobar: 20 anos de resistência**. São Paulo: Global Editora, 1985.

FERRARA, J. A. e SERRONI, J. C. **Cenografia e Indumentária no TBC**: 16 anos de história (1948/1964). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1980.

GÓES, Marta. **Alfredo Mesquita**: Um grão fino na contramão. São Paulo: Albatroz, 2007.

GOUVÊA, Leila V. B. **Maurice Vaneau**: artista múltiplo. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

GUZIK, Alberto. **TBC: Crônica de um sonho**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

HOWARD, Pamela. **O que é cenografia?** São Paulo: SESC, 2015.

IARA – **Revista de Moda, Cultura e Arte** - São Paulo – V.4 N°2 dezembro 2011 –

Entrevista. Disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/13_IARA_vol4_n2_Memoria.pdf>. Acesso em: maio de 2018

LÍCIA, Nydia. **Eu vivi o TBC**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

LÍCIA, Nydia. **Ninguém se livra de seus fantasmas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

MANTOVANI, Anna. **Cenografia**. São Paulo: Ática: 1989.

MAGALDI, Sábato. **Amor ao teatro**. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

MIELE, Luiz Carlos. **Miele – O contador de histórias**. Rio de Janeiro: Neutra Editora, 2015.

NATALINO, Nelson. **Vida Alves sem medo de viver**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2013.

NASCIMENTO, Gilcilene Lélia Souza do. **Memorial de formação**: um dispositivo de pesquisa-ação-formação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2010

NERO, Cyro Del. **Cenografia**: uma breve visita. São Paulo: Claridade, 2010.

NERO, Cyro Del. **Máquina para os deuses**. São Paulo: SESC-SP, 2009.

NERO, Cyro del. Tornei-me o homo faber por excelência. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 105-115, apr. 2007. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37624>>. Acesso em: 16 maio 2018.

NETO. Antonio Mercado. **A crítica teatral de Alberto D’Aversa no Diário de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Teatro). USP, 1979.

TV Tupi, a pioneira na América do Sul. Cadernos da Comunicação Série Memória. Texto: **A despedida do cristal**, de Cyro del Nero. Rio de Janeiro, 2004. Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

TV Tupi, a pioneira na América do Sul edição Reniga Stela Braga; redação e pesquisa Andrea Coelho; revisão Alexandre José de Paula Santos; projeto gráfico e diagramação Marco Augusto Macedo. Rio de Janeiro Secretaria Especial de Comunicação Social 2004.

50 anos de TV no Brasil. Projeto e supervisão J. B. de Oliveira Sobrinho – Boni, São Paulo, Globo, 2000. Texto de Cyro del Nero: Sempre alerta. Página 63 à 66

Neto, Campello; Viana, Fausto (org.). **Introdução histórica sobre cenografia**: os primeiros rascunhos. São Paulo: Fausto Viana, 2010.

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Estado, [1950 à 2010].

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

PRADO, Luiz André do. **Cacilda Becker – fúria santa**. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

RATTO, Gianni. **A mochila do mascate**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

RATTO, Gianni. **Antitratado de cenografia variações sobre o mesmo tema**. São Paulo: Editora Senac, 1999.

SERRONI, José Carlos. **Cenografia Brasileira**: notas de um cenógrafo. São Paulo: SESC, 2013.

SIQUEIRA, José Rubens. **VIVER DE TEATRO**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1995.

SILVA, David José Lessa Mattos. **O espetáculo da cultura paulista**: teatro e tv em São Paulo, 1940 – 1950. São Paulo: Códex, 2002.

SILVA, Armando Sérgio. **Uma Oficina de Atores**: A Escola de Arte Dramática de Alfredo Mesquita. São Paulo: Edusp, 1989.

SUZIKI, Matinas; SOARES, Jô. **O livro de Jô: Uma autobiografia desautorizada**. Volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

SUZIKI, Matinas; SOARES, Jô. **O livro de Jô: Uma autobiografia desautorizada.** Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TBC - DEZ ANOS. **Dionysos.** Rio de Janeiro, n. 25, pp.195-196, 1980. (p-chave: Teatro Brasileiro de Comédia, TBC, história, aniversário, repertório, O Estado de S. Paulo).

TOLEDO, Vânia. **Palco paulistano** – São Paulo Stage. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

TOLEDO, Marina de Sartori. **A teatralização da moda brasileira: os desfiles da Rhodia nos anos 60.** Dissertação (Mestrado em Teatro). USP, 2004.

VIANA, Fausto. **Figurino Teatral e as renovações do século XX.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

VIANA, Fausto. **O Percorso Cenográfico de Campello Neto:** uma vida dedicada à cenografia. São Paulo: Fausto Viana, 2010.

VARGAS, Maria Thereza. **Cacilda Becker** – Uma mulher de muita importância. São Paulo, Imprensa Oficial, 2013.

VARGAS, Maria Thereza; MAGALDI, Sábato. **Cem anos de teatro em São Paulo.** São Paulo, Senac, 2000. Disponível em <<https://jornal.usp.br/cultura/ruth-escobar-levou-teatro-do-brasil-ao-exterior-diz-professor/>> Acesso em: 16 maio 2018.

DOMINGUES, Giovani Tozi Rocha. **Jô Soares, diretor teatral.** Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: São Paulo: 2014.

CAMPOS, José Francisco Guelfi. **Preservando a memória da ciência brasileira:** os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2017.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **A crise da memória, história e documento:** reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da

(org.) Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora UNES: FAPESP, 1999, p 11 – 29.

ARQUIVOS PESSOAIS experiências, reflexões, perspectivas. José Francisco Guelfi Campos organizador. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2017.

Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. São Paulo, FGV Editora, 2010. Isabel Travancas, Joële Rouchou e Luciana Heymann (organização).

MANOEL CARLOS. **Autores: histórias da teledramaturgia.** Rio de Janeiro, Editora Globo, 2008.

DICIONÁRIO DO TEATRO BRASILEIRO – **Temas, Formas e Conceitos.** Coordenação: J. Guinsburg, João Roberto Faria, Mariangela Alves de Lima. São Paulo: Perspectiva, 2006.

América, Américas: arte e memória / coordenação Elza Ajzenberg. São Paulo: MAC USP, 2007. Texto de Cyro del Nero: Memória da Topografia da Ágora: Sócrates.

DEPOIMENTOS RECOLHIDOS:

ANCHIETA, José de. José de Anchieta: depoimento. Dezembro.2017.

ASEVEDO, Renê Marcelo Piazzentini Asevedo. Renê Piazzentini: depoimento. Novembro.2017

FRANZOLIN, Caio Sérgio de Castro A. F. Franzolin. Caio Franzolin: depoimento. Novembro.2017.

SERRONI, José Carlos. J. C. Serroni: depoimento. Novembro.2017.

GABRIEL, Michelle. Michelle Rodrigues Gabriel: Depoimento. Janeiro.2019.

MARIN, Augusto. José Augusto Lima Marina: Depoimento. Fevereiro.2019.

BOYADJIAN, Kaspar. Kaspar Boyadjian: depoimento. Maio.2019.

SCARPA, João. João Carlos Scarpa: depoimento. Março.2019.

PEREIRA. Rosângela. Rosângela Pereira: depoimento. Maio 2019.